

“

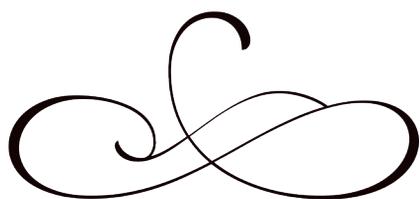
Não nos podemos esconder do destino,  
e essa é a parte engraçada, porque ele  
encontra-nos sempre.

---



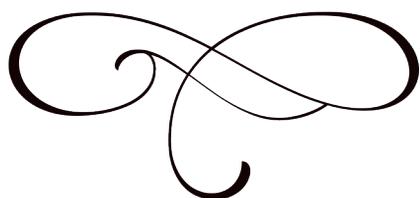
# O JOGO DE SATANÁS





# O JOGO DE SATANÁS

H. D. CARLTON



TRADUÇÃO DE PAULA ANTUNES

  
cultura



TÍTULO ORIGINAL: *Satan's Affair*

Copyright © H. D. Carlton

© Cultura Editora

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

TÍTULO: *O Jogo de Satanás*

AUTORIA: H. D. Carlton

TRADUÇÃO: Paula Antunes

REVISÃO: Silvína de Sousa

CAPA: TRC Designs

ADAPTAÇÃO DE CAPA: Marta Pedroso

PAGINAÇÃO: Marta Pedroso

ISBN: 978-989-577-374-9

1.ª EDIÇÃO: abril de 2025

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Eigal — Indústria Gráfica S.A.

DEPÓSITO LEGAL: 544153/25

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, fotográfico, gravação ou outros, nem ser introduzida numa base de dados, difundida ou de qualquer forma copiada para uso público ou privado, sem prévia autorização por escrito do Editor.

**Cultura Editora é uma chancela**

  
**infinito particular**

Criatividade à medida

info@particular.pt | www.particular.pt

## **PLAYLIST**

Dollhouse — Melanie Martinez

Carousel — Melanie Martinez

Daisy — Ashnikko

STUPID — Ashnikko

Let the Bodies Hit the Floor — Drowning Pool

Graveyard — Halsey

isaac's insects — Isaac Dunbar

mime — Isaac Dunbar



## **AVISO**

Este livro é extremamente sombrio, com situações perturbadoras como violência extrema e sangue, excitação por assassinio, menções a abuso infantil, tortura psicológica, suicídio e cenas sexuais explícitas adequadas a leitores com mais de dezoito anos.



## CAPÍTULO 1

— Um. — *Facada*. Um grunhido antecede a minha próxima palavra.  
— Dois. — *Facada*. Outro grunhido. — O Freddy vem buscar-te —  
canto numa voz estridente e infantil. O sangue jorra das suas feridas,  
pintando o meu rosto num mosaico de vermelho e sangue.

O mal sai de cada buraco que fiz no seu corpo. Sinto-o a libertar-se de quase todos os cantos desta casa, como o fumo das máquinas. Inspiro fundo, notando o *cheiro* do mal que emana dele.

Cheira a ovo podre e a enxofre. É assim que sei que tomei a decisão certa.

— Mortis, segura-lhe a cabeça — ordeno. O meu capanga obedece. Prende a cabeça do demónio com as suas mãos vermelhas e imobiliza-o, enquanto lhe crava as garras negras no rosto. Os esforços dele para se soltar são bem *cômicos*.

Com a minha linda faca na mão, inclino-me e começo a trabalhar a lâmina afiada em redor do globo ocular do homem. É a minha faca favorita. O cabo é rosa-vivo e tem redemoinhos na extremidade. Tenho-a desde pequena. É a única coisa que me resta da minha mãe.

Os gritos do parasita que se contorce intensificam-se à medida que a faca se afunda, cortando o rebordo interior da sua pálpebra, como se tirasse um bolo da forma. O sangue jorra do orifício, quase a salpicar os meus olhos.

Enfio a faca mais fundo e, depois, puxo-a, retirando-lhe o globo ocular.

Os olhos dele são de um azul muito bonito.

— Três, quatro, é melhor trancar o quarto — continuo, com uma voz mais suave e distraída, pois o prazer flui por todas as células do meu corpo e dirige-se para o ponto entre as pernas. Nada me excita mais do que a minha missão.

Atiro o globo ocular para o chão de madeira com um suave baque que é engolido pelos gritos do homem.

Coisinha parva. Ninguém te vai ouvir gritar.

Afasto o Mortis, não preciso mais dele por agora, e ele volta à sua posição no canto da sala.

O homem por baixo de mim contorce-se, chamando-me todos os nomes. As suas palavras saem distorcidas pelo sangue que entra e sai da sua boca. Devo ter-lhe atingido um dos pulmões.

*Ops!*

Ele aproveita a minha distração para se libertar. Quase voou para o lado, aterrando desajeitadamente, com a faca a poucos centímetros da cara. Ele tropeça ao levantar-se, enquanto o meu capanga Mortis dá um passo na sua direção.

— Deixa-o ir. Gosto da perseguição — ordeno, observando a vítima a cambalear e a fugir porta fora.

Levanto-me e saio calmamente da sala. Sem o conhecimento dos proprietários da feira, eu e os meus capangas pintámos as janelas para que os demónios não pudessem escapar, e os pontos de saída de emergência estão sob a vigilância dos restantes capangas. A casa está barricada.

Não tem hipótese de escapar. E eu adoro jogos.

— Cinco, seis, agarra num crucifixo — canto alto, sabendo que ele me ouve. Julgo que sou *eu* que preciso do crucifixo. A casa inteira está a ficar empestada com o seu cheiro a ovo podre. Estremeço de ansiedade para livrar a casa dele.

Olho primeiro para os dois lados do corredor. As máquinas de fumo estão desligadas, mas a falta de ventilação da casa permite que

o fumo colorido permaneça. Eles tingem sempre o fumo com todo o tipo de cores, criando um efeito *trippy* quando combinado com as luzes estroboscópicas.

Agora que o exterior da casa está vazio, voltei a ligar todas as luzes estroboscópicas intermitentes e a música, repleta de risos maléficos, uivos e gemidos de *zombies*.

Chacal, um dos meus capangas, encontra-se ao fundo do corredor, parte do seu corpo ocultada pelo fumo. Só se vê a sua cara queimada, coberta de furúnculos, um sorriso anormalmente largo que se estende pelas faces, com sangue a pingar dos seus dentes de tubarão e grandes olhos amarelos. A sua maquilhagem é sempre mais grotesca do que a dos outros e é por isso que o obrigo a guardar as portas. A pele queimada parece real ao toque, mas não passa de maquilhagem e de próteses.

Não se mexe e continua a olhar para mim.

Sabe que adoro as perseguições.

O meu olhar dirige-se para o chão de madeira branca, onde vejo um rasto de sangue a desviar-se para a minha esquerda, em direção à escada. Ele tenta escapar-me.

Sigo o rasto de sangue, sorrindo.

— Sete, oito, vou ficar acordada até tarde.

Um baque ecoa ao fundo das escadas, seguido de um grito agudo. Dou uma gargalhada percebendo que ele chocou contra um dos meus capangas. Outro estrondo e um grito de frustração. Apresso o passo, com o coração a bater mais forte agora que sei que está a portar-se mal.

Ao chegar ao fundo dos degraus de um rosa *Barbie*, dou a volta ao corrimão e canto:

— Nove, dez, nunca mais durmo.

— Cabra maluca! — grita ele algures da casa.

Franzo o sobrolho, magoada e zangada com as suas palavras.

— Eu não sou maluca! — grito. Depois, respiro fundo, acalmo-me e volto a pôr um sorriso no rosto. — Sou simplesmente apaixonada.

À minha esquerda, através de portas duplas cor-de-rosa, fica a sala de estar. Mais fumo colorido enche a sala, mas o conceito aberto do piso inferior torna-o mais leve, facilitando a visão. No sofá azul-claro brilhante, uma boneca mecânica grávida está a dar à luz um demónio. É como olhar para o passado e assistir ao nascimento do demónio atual que corre desenfreado pela minha casa de bonecas.

Toda a casa está decorada em branco e rosa, com salpicos de cores vivas. A lareira de pedra branca no canto da sala está forrada de bonecas, com as caras derretidas ou sujas, com pedaços de cabelo arrancados do crânio. A visão deixa-me sempre feliz.

Dirijo-me, entusiasmada, para o corredor que conduz à cozinha. O rasto de sangue leva-me até lá. Com base nas manchas das mãos e nas marcas de sangue, ele deve ter caído ali. Provavelmente quando chocou contra o Cronus.

Afinal de contas, o Cronus é do tamanho de um camião *Mac*. Deve ser culturista nos tempos livres. O seu pescoço é do tamanho de um tronco de árvore e os braços são ainda maiores. Veias salientes cobrem-lhe o corpo, especialmente a pila. Parece não ter boca nem olhos, com próteses convincentes a cobri-los, dando a impressão de que a sua cara está vazia. Nunca me dei ao trabalho de perguntar como vê, já que é mudo. Imagino que as próteses oculares sejam transparentes, pois nunca parece ter problemas de visão.

Ao passar pela cozinha, vejo o demónio a lutar para erguer o machado que tem nas mãos, apesar de estar a perder sangue rapidamente e a adrenalina ser a única coisa que lhe mantém o corpo a funcionar.

Uma raiva vibrante faz-me arregalar os olhos e incendeia-me as entranhas quando ele acerta com o machado na parede.

*Como se atreve?*

Não consegue passar pelos meus capangas, por isso profana a minha linda casa de bonecas e tenta fugir através das paredes.

— Estás a magoar-me, demónio — digo, anunciando-me. Ele imobiliza-se ao ouvir a minha voz. Mostra-se pálido como um fantasma.

Quando se vira para ver a minha carranca, tenta balançar o machado com mais vigor. Desesperadamente. No entanto, só consegue cravar a lâmina na parede mais uma vez.

Já está demasiado fraco.

— Cronus! — grito, batendo com o pé enquanto exclamo: — Ele está a tornar a minha casa de bonecas feia!

O Cronus entra na sala, mas o demónio não o reconhece. Está demasiado concentrado na fuga.

Aponto para ele.

— Faz com que ele pare! — ordeno.

O Cronus aproxima-se do homem. Ao senti-lo, e descontrolado, o fulano balança o machado, com um brilho enlouquecido no olho. Solta um grito de guerra, mas o Cronus arranca facilmente a arma afiada das mãos do sujeito. Agarra numa ponta do machado e parte-a sobre o joelho, separando-o em dois como se fosse um ramo.

O olho do homem arregala-se. Costumava ser de um azul bonito, mas a sua pupila dominou-o, transformando-o num olho quase negro, tal como um verdadeiro demónio. O seu olho percorre a sala, passando por mim como se eu não estivesse lá, à procura de um caminho de fuga, mas não há nenhum.

Não nos podemos esconder do destino, e essa é a parte engraçada, porque ele encontra-nos sempre.

O braço do Cronus estende-se mais rápido do que um chicote e agarra o homem pela garganta, aproximando-o do seu rosto. O sujeito contorce-se e grita na cara dele, uma mistura de medo e frustração. Junto-me ao Cronus, mas ele nem me dá atenção. Não quando um homem gigantesco o segura contra o seu rosto vazio.

— Trá-lo de volta para o meu quarto — ordeno, virando-me sem olhar para trás. O Cronus arrasta-o, ignorando os socos e pontapés que lhe são desferidos. Entro no meu lindo quarto cor-de-rosa. O Mortis continua à minha espera no canto, encostado à parede, com os braços cruzados sobre o peito e uma expressão de tédio. Parece quase congelado.

Não lhe presto atenção, pois o meu foco concentra-se no demónio que está a ser trazido para o quarto. A adrenalina aumenta e as minhas mãos quase tremem com o desejo que me percorre.

O Cronus atira o demónio ao chão e sai, confiando em mim para concluir o trabalho da minha vida. Mesmo com várias facadas e sem um olho, o demónio continua a lutar. É nojento.

Volto para cima dele, retomando a posição original. Ele contorce-se, tentando desesperadamente derrubar-me. A sensação do corpo a remexer-se é repugnante, mas o sangue que cobre o seu corpo faz-me tremer. Adoro a visão, mas não é suficiente.

Desço a faca com toda a força, cravando-a profundamente no seu tronco. Ergo-me e esfaqueio-o mais algumas vezes. Ele grita de novo, com o olho arregalado pela dor, e deleito-me com o som. É como música para os meus ouvidos.

Ele levanta-se por instinto, ainda a gritar. Aproveito para lhe esperar a faca na cabeça. O seu corpo fica frouxo e os nervos falham-lhe. O organismo entra em convulsão e o olho revira-se.

Arranco-lhe a faca da cabeça e esfaqueio-o freneticamente. A sensação da minha linda faca a cortar carne e osso faz-me vibrar o clitóris. Volto a cantar a canção do Freddy em voz alta, pontuando cada palavra com outra facada. O cheiro a ovo podre intensifica-se, enchendo-me o nariz e tornando-se mais forte até atingir a sala como o fumo denso no corredor.

A certa altura, os meus olhos reviram-se e afrouxo o braço cansado. O meu corpo estremece de puro êxtase. Esfrego-me no recipiente vazio que se ergueu com a matança. A euforia percorre-me a espinha e, em segundos, venho-me com força. Continuo a bater as ancas contra o homem, prolongando o orgasmo e espremendo a vagina até à última gota. Estou a inundá-lo e os meus sucos misturam-se com o seu sangue.

Desço, estremeecendo e gemendo.

Quando levanto a faca de novo, uma voz suave interrompe-me.

— Acho que ele está morto — comenta o Mortis secamente. Sorrio com o seu tom de voz e olho por cima do ombro, vendo que

se vestiu a rigor. Sorriu mais. Está *sempre* bem-vestido. Todos os meus capangas estão. Todos desempenham o seu papel, porque é o que fazemos. É assim que erradicamos o mal do mundo, cidade a cidade.

O Mortis tem a cara pintada de vermelho-sangue, círculos negros em redor dos olhos, espigões colados no meio da cabeça careca e lentes de contacto vermelhas. Usa luvas com garras no lugar dos dedos. E bem afiadas. Já vi essas pequenas lâminas a afundarem-se na carne e a partir ossos. Lambi o sangue delas, cortando a língua no processo, e deliciando-me com a euforia de fazer justiça a este mundo.

Um *verdadeiro* serviço.

O papá sempre disse que prestava um serviço a este mundo, mas estava errado. Ele corrompia o mundo, enquanto dou o meu melhor para o salvar.

*Estas pessoas estariam perdidas sem mim, Sibel. Deus escolheu-me para cumprir a Sua lei, e não O vou desiludir.*

Afastando a memória, olho novamente para o saco de carne desperdiçada entre as minhas coxas. Quando ele entrou em minha casa, *tresandava* a maldade. Sentia-se o cheiro a quilómetros. A namorada, agarrada a ele como se o mundo fosse acabar, cheirava a rosas acabadas de desabrochar. A rapariga não sabia a maldade a que se agarrava.

Salvei-a.

O homem por baixo de mim quase não é homem. A minha faca desapareceu tantas vezes na sua cara que só resta massa cerebral, carne e ossos. Os dentes sobressaem no sangue. Inclino a cabeça. Ele tem várias cáries, mais um testemunho da malevolência que reside nele. Quando se tem um demónio na alma, este apodrece-nos de dentro para fora. Os dentes pretos e podres são um bom indicador.

Volto a sorrir. Escolhi bem.

Levanto-me, com o vestido branco a manchar o chão de madeira de vermelho. O Timothy virá em breve e limpará tudo para mim, e o Mortis livra-se do corpo. Os meus capangas tratam-me bem. Em troca, recompenso-os com carinho.

Acenando com a mão ao homem e fazendo sinal ao Mortis para que o leve, o meu fiel capanga avança, levanta o morto por baixo dos braços e arrasta-o para fora. Os visitantes já se foram há muito, os operadores e os empregados dos camiões de comida abandonaram os seus postos e partiram para descansar. Todos os funcionários são obrigados a abandonar o recinto quando a feira fecha, incluindo os meus capangas, mas eles arranjam sempre maneira de voltar a entrar assim que o recinto fica vazio.

Agora é seguro para o Mortis. Não sei bem onde põe os corpos, pois o cenário está sempre a mudar. Mas descobre um local, e confio nele para fazer bem o trabalho.

Fazemos isto há cinco anos e nunca fomos apanhados, graças ao Mortis e ao Timothy.

O Timothy vem a entrar. Com a casa fechada durante a noite, podemos circular livremente. Durante o dia, estão confinados aos seus postos, pregando os mesmos sustos de sempre a todos os visitantes que passam pela minha casa de bonecas enquanto os assombram por dentro das paredes. Os meus pobres bebés aborrecem-se tanto! É por isso que lhes dou um gostinho quando faço o meu julgamento.

Com a Feira de Satanás a viajar pelo país durante os meses de outono, tornámo-nos famosos. É uma feira de Halloween itinerante, com dezenas de casas assombradas, pequenos passeios emocionantes e muita comida. Todos os anos, o tema das nossas casas muda para evitar que os visitantes os repitam, assustados pelos mesmos monstros.

Este ano, a minha casa chama-se *Casa de Bonecas da Annie*. Toda ela está decorada de forma a parecer uma casa de bonecas de criança. Adoro a decoração. Há cor-de-rosa e folhos por todo o lado, bonecas para brincar quando me aborreço. Brinco a vestir-me com os fatos, danço frente ao espelho e canto a minha canção preferida, «Ring Around the Rosey». Por vezes, quando estou *mesmo* aborrecida, corto a pele do demónio que julguei e uso-a como vestido.

Os meus capangas adoram ver-me brincar. Quando estou feliz, eles também ficam felizes.

Várias pessoas trabalham na minha casa durante a operação, mas apenas cinco me são leais. Atribuí a cada uma delas uma tarefa específica. Aparecem quando a sua presença é necessária. O Mortis e o Timothy são os meus preferidos, e é por isso que os deixo eliminar a doença depois de terminar. Os outros três estão encarregados de afastar o demónio após o meu julgamento.

— Queres que te limpe, Sibby? — pergunta o Timothy por baixo de mim, com as costas musculadas à mostra. O Timothy tem o melhor corpo de todos, por isso não usa camisola durante a operação. Marcas de mãos ensanguentadas cobrem-lhe o peito e o estômago, bem como moldes de plástico com marcas profundas de unhas. Parecem reais!

Ele está ajoelhado à minha frente, a limpar o sangue que se acumulou debaixo dos meus pés. Descalço os chinelos estragados e passo em bicos de pés sobre o sangue, fingindo que é lava que vai arder se me tocar.

O Timothy observa-me a saltitar, com um sorriso de palhaço estampado no rosto. Da sua cabeça careca brotam tufo de cabelo azul real que contrastam com a pele branca, os lábios vermelhos e os triângulos vermelhos que decoram os seus olhos azul-bebé. Possui dentes afiados por baixo dos lábios carnudos, mas tem sempre o cuidado de não me cortar quando me lambe.

— Sim, por favor, Timothy — respondo, dirigindo-me para a cadeira de baloiço no canto da sala. Durante o dia, um manequim de mulher senta-se aqui, embalando o seu bebé decapitado enquanto canta uma canção assustadora.

O Timothy limpa primeiro o chão, remove o sangue e enfia os panos num saco do lixo preto, guardando-o num canto para o levar mais tarde. Depois, traz panos lavados e limpa-me o sangue do rosto e do pescoço.

O seu toque é suave e carinhoso. Adoro quando o Timothy me limpa, porque olha para mim como se eu fosse o seu adereço preferido.

Quando acaba de limpar o meu rosto, desce para os braços e as mãos. Depois, para as pernas.

A minha respiração fica suspensa. Esta é sempre a parte que prefiro.

Com gentileza, ele passa o pano pelos meus pés, e vai subindo, massajando a barriga da perna. Gemo, com arrepios a subirem-me pela espinha, numa mistura de dor e prazer. O meu núcleo aquece, os sucos acumulam-se entre as minhas coxas e as suas mãos dirigem-se lentamente para o meu centro.

Levanta-me o vestido, pondo a minha cintura a descoberto. Não uso cuecas. Acho-as restritivas para os meus capangas.

Abro bem as pernas na cadeira de baloiço para que o Timothy tenha acesso total. Ele lança-me um último olhar, certificando-se de que tem a minha permissão antes de passar a língua húmida pela minha fenda.

Suspiro quando o prazer me invade. O meu pequeno suspiro é o incentivo de que precisa. Ele instala-se mais profundamente, cobrindo toda a minha abertura com a boca e devorando-me. A sua língua penetra dentro de mim com golpes afiados que me arrancam pura euforia. Quase perco a cabeça quando ele enrijece a língua e me lambe o clitóris.

Os meus olhos reviram-se e as minhas ancas batem contra o seu rosto. Agarro-lhe a nuca com uma das mãos, puxando-o para mais perto e quase sufocando o palhaço com os meus sucos.

O Mortis entra no quarto quando o meu orgasmo atinge o auge. O oxigénio esgota-se dos meus pulmões, e fogo de artifício explode no fundo dos meus olhos. O êxtase invade-me e não consigo controlar o tremor que me domina enquanto me deixo levar pelas ondas contra o rosto do Timothy.

Só quando o orgasmo abranda é que me encosto à cadeira de baloiço, o corpo esgotado. O Timothy afasta-se, lambendo os lábios pintados de vermelho, como se tivesse acabado de provar a melhor refeição da vida. Sorrio, agradecida.

Ele é tão fofo!

Olhando para cima, vejo o Mortis já com as calças à volta dos tornozelos e o pénis agarrado firmemente no punho. Lambo os lábios, salivando. O Mortis não se preocupa em pintar o resto do corpo de vermelho, apenas o rosto. O meu capanga é muito alto, mas extremamente magro. Não tem carne no corpo, mas não me importo, não quando tem toda a carne que precisa entre as pernas.

O Timothy afasta-se, deixando o Mortis avançar, agarrar-me e afundar-se na cadeira por baixo de mim. Põe-me no colo, com a ponta dura a encaixar-se perfeitamente na minha entrada. O Timothy preparou-me bem, deixando-me molhada. Mexo as ancas, deslizando o meu centro para cima e para baixo no seu eixo, arrancando gemidos profundos a ambos.

Farto da tortura, ele levanta-me o suficiente para colocar a coroa da sua cabeça na minha entrada, e depois empurra-me para baixo, levantando as suas ancas ossudas ao mesmo tempo.

A minha cabeça cai para trás, e sai-me um longo gemido da garganta, como se um lobo uivasse à Lua. Deixo o Mortis fazer todo o trabalho, aproveitando a sua atenção e a necessidade que tem de assumir o controlo. Adoro a forma como domina o meu corpo enquanto me penetra. O som da pele a bater e os grunhidos enchem a sala quando o Timothy sai para deitar o lixo fora.

Inclino a cabeça para trás, soltando um longo gemido. A espiral no meu estômago aperta. Parece uma corda a desfiar-se nas costuras, um peso-pesado a puxá-la até que... *estala*.

Solto um grito quando outro orgasmo me atravessa. O Mortis grunhe por baixo de mim, mexendo os quadris mais depressa, mais devagar, perseguindo o próprio orgasmo. De imediato, ele encontra o que procurava, imobilizando-se e soltando um longo gemido enquanto o seu esperma me enche.

Um sorriso largo surge no meu rosto pálido.

Não me assusto como os capangas, mas visto-me para o caso de ser apanhada. Faço com que o meu rosto pareça uma boneca com a cara partida, com fendas e fissuras na pele. Só retiro a maquilhagem à noite.

Sem ela, sou apenas uma rapariga normal. Tenho o cabelo castanho, os olhos castanhos e um rosto normal. Não sou feia, mas também não vou ser capa de revista.

Não faz mal. Não preciso de ser bonita quando faço aquilo para que fui criada.

Não há uma alma que passe pela soleira desta casa sem que a julgue, determinando se o mal reside na sua alma. Enquanto elas percorrem o labirinto da minha casa de bonecas, observo-as por dentro das paredes.

*Todas* são julgadas. Cada uma delas.

Se falharem, canto as minhas canções, e os meus capangas levam-nas para longe, separando-as da família ou dos amigos. E quando estiverem sozinhas, ataco.

Nunca mais serão vistas, e terei livrado este mundo de mais um demónio.

## CAPÍTULO 2

— Mortis, está quieto! — repreendo-o, afastando-lhe a mão com uma palmada. Ele retira-a, mas sei que voltará a subir pela minha coxa num instante.

O Mortis é o mais carente do grupo, embora ninguém se aperceba disso a menos que ele queira. Isso deve-se aos graves problemas que teve com a mãe, que era viciada em *crack* quando engravidou e que o ignorou quase completamente mal nasceu. Até que teve uma *overdose* e foi colocado no sistema de proteção infantil numa idade bastante jovem.

Os outros quatro tiveram infâncias semelhantes. Todos com pais problemáticos que os maltrataram de uma forma ou de outra. O Baine foi vítima de abuso sexual; o pai tinha queda para o sexo oral. Ele nunca o disse, mas julgo que é por isso que passa fome. Tem uma relação estranha com o facto de colocar qualquer coisa na boca, mesmo comida. É o único que não faz sexo oral comigo, e nunca o forcei a fazê-lo.

Como o Cronus é mudo, jamais ouvi a sua história. Sei que é capaz de falar, mas nega-se a fazê-lo. Já o investiguei e percebi que a mãe o fechou num armário em pequeno e recusou-se a deixá-lo sair durante meses. Ele ficou em silêncio depois de gritar pela mãe até perder a voz, e nunca mais falou.

O Chacal e o Timothy cresceram no sistema de famílias de acolhimento desde que se lembram. Mudavam de casa em casa, de um abusador para outro. Contaram-me histórias sobre as experiências em alguns desses lares que quase me levaram às lágrimas.

Todos nós fomos privados de amor e encontramos muito amor uns nos outros.

A minha casa de bonecas já está instalada no seu novo local, em Houston, no Texas, e a feira vai abrir em breve. O Mortis tem-me apalpada o dia todo, querendo foder-me quando me esforço por me concentrar. Tenho a sensação de que ele vai chamar o resto dos capangas para tentar relaxar-me. Sabem que, quando se juntam a mim com todas as pilas a rodear-me, não resisto.

Neste momento, não preciso dessa distração. O que *preciso* é de me concentrar.

Houve alturas em que cheguei a uma cidade e não senti o mal nos visitantes. Sei que andavam por aí, mas algo manteve-os longe de mim e impediu-os de alcançar o destino que merecem.

Esses dias são os piores. É um dia perdido, um demónio a mais no mundo para manchar esta Terra com a podridão. Questiono sempre o Criador: *porque* os deixaste escapar? Porque permitiste que a escória continuasse a viver e a respirar mais um dia?

Parece que os parasitas rastejam sob a minha pele. E é por isso que fiz da minha missão garantir que o mal venha até mim. Não posso permitir que os demónios escapem. Se isso acontecer, continuarão a manchar este mundo com a sua imundície.

Lembro-me do último demónio que matei e de como a namorada estava agarrada a ele quando entraram na minha casa. As rosas dela teriam murchado e ficado desfeitas com o alcatrão que ele decerto derramaria nas suas pétalas.

Tal como as da minha mãe quando o meu pai a manchou com os seus pecados.

Tenho de evitar que isso aconteça. Este mundo merece ser puro. A minha mãe também merecia ser pura. E mesmo que ela nunca

venha a experimentar isso, as suas flores murcharam para que eu pudesse nascer e criar um mundo *novo*, sem maldade.

Durante o dia, as casas estão fechadas e os monstros fantasiados passeiam pelo recinto da feira. Assustam as crianças, perseguem os adultos e fazem-nos correr em direção à máquina de sugar dinheiro que alcançarem primeiro. Seja um multibanco ou um terminal de cartão de crédito que lhes dá acesso a comida gordurosa e a bilhetes intermináveis.

Gosto de explorar durante o dia, farejando os ímpios no meio da multidão. Num bom dia, fico impressionada com a quantidade de almas negras que andam neste mundo. Não posso matá-las todas, mas tento o meu melhor a fim de as atrair para a minha casa de bonecas.

Aproximo-me delas normalmente, fazendo o meu trabalho e assustando-as. Elas riem e sorriem, enquanto tremo com um desejo incontrolável de as executar. Faço um ar inocente e digo-lhes que venham brincar comigo na minha casa de bonecas. Prometo-lhes que será divertido, com um sorriso malicioso no rosto. E *isso* não preciso de fingir.

Na maior parte das vezes, funciona às mil maravilhas.

Depois, quando a noite cai, espero ansiosamente dentro das paredes. A *Casa de Bonecas da Annie* só permite a entrada de dez pessoas de cada vez, para que não fique sobrelotada. Isso dá-me o tempo de que preciso para observar cada visitante de perto, seguindo-o enquanto decido se a sua alma está contaminadas ou não, antes de passar ao seguinte.

Não conheço todos os pecados que desonram uma alma. A violação óbvia ou o assassinio de alguém apenas para proveito ou prazer mancha uma alma. No entanto, não acredito que todos os demónios tenham cometido crimes tão hediondos. Alguns são mais espertos, mantendo as trevas bem guardadas. Navegam na *dark web*, masturbando-se com pornografia infantil ou lendo livros de receitas sobre como grelhar carne humana. Outros têm prazer em

fornicar animais e gravar as suas ações. Os que não os fornicam, normalmente matam-nos. Animais inocentes sucumbiram à tortura porque há uma doença terrível que reside nos humanos.

Ou talvez não façam nenhuma dessas coisas, mas desejem fazê-las. Afinal, todos os crimes começam com um pensamento inocente: um desejo simples que não passa de uma mania ou de um «e se». Até que esses desejos evoluem e se transformam em ações.

Há certamente um milhão de razões, e estou disposta a descobri-las. Cheiram todas ao mesmo. Podre e mau. Tal como os puros tendem a ter aromas doces ou naturais. As flores são as minhas preferidas, dado serem as mais puras.

Desde que me lembro que reparo nas almas decrépitas. Os meus pais eram membros da Igreja Batista Santa. O pai gostava de atrair pessoas para adorarem a sua palavra, afirmando ser um discípulo de Deus com o poder da palavra.

As pessoas acreditavam nele. *Milhares*. *Ele* tornou-se o seu Deus. À noite, quando a mamã dormia, eu acordava com os gritos. Saía do quarto, ia em bicos de pés pelo corredor e via várias pessoas nuas no quarto com o meu pai, a satisfazer-lhe os desejos. Pelo que deduzia, ele nunca retribuía os favores, pelo menos, não a sério. Deixava que os homens e as mulheres lhe dessem prazer com a boca e depois montavam-no, enquanto ele se limitava a receber como uma preguiça gulosa.

Quando lhe perguntei porque permitia que as pessoas lhe fizessem aquelas coisas, ele respondeu que os fluidos do seu corpo eram o néctar de Deus e que a única forma de as abençoar verdadeiramente com Deus era drenar os seus fluidos da forma que escolhessem.

Eu não tinha a certeza de que isso fosse verdade, mas não discuti. Já sabia que era inútil.

O meu pai cheirava a ovos podres. Tal como muitas das pessoas da nossa igreja, que lhe sugavam o néctar. No entanto, não compreendia que estas coisas me eram mostradas com um propósito: erradicar esses demónios. Na altura, estava demasiado preocupada com a mamã e com o seu corpo cada vez mais frágil. Ela era pele

e ossos, uma concha vazia de mulher a quem restava apenas uma alma ferida.

A mamã cheirava a rosas negras. O papá manchou-a, e as pétalas começaram a murchar e a apodrecer.

Perdi-a quando não devia. Se ela nos tivesse tirado daquela Igreja maligna com um ditador ainda pior, poderíamos ter tido uma vida feliz. Suponho que a sua morte não foi em vão, pois ofereceu-me um propósito. Se conseguir erradicar todo o mal, então poderei finalmente viver num mundo puro com o meu jardim de flores.

Levantando-me, olho para o Mortis. Ele hoje está carente. Não *gosto* de pessoas carentes.

— O que se passa contigo? — sussurro, pondo as mãos nas ancas.

— Tu estás no limite — responde com voz monótona. O Mortis nunca fala com muita inflexão na voz. — Quero acalmar-te.

Faço uma careta.

— A única coisa que me vai acalmar é apanhar outro demónio. Já devias saber isso.

Ele fica a olhar para mim, com o rosto vazio e inexpressivo.

Resmungando, dou meia-volta e saio de casa. Ainda não chegou ninguém para as casas assombradas, o que agradeço. Não gosto de interagir. São péssimos atores, sujam a minha casa e deixam o lixo para eu limpar mais tarde.

Durante a época do Halloween, vivo em casa. Não gosto de sair, não vá surgir uma limpeza e precisar de agir rapidamente. Os meus capangas saem com o resto da equipa no final do dia e voltam a entrar sorrateiramente após o fecho da feira.

Depois de fazer o meu julgamento e de os meus capangas separarem os demónios, pressiono-os num determinado ponto até ficarem inconscientes, amarro-os e tapo-lhes a boca com fita adesiva. Os gritos e ruídos que fizerem quando acordarem misturam-se com os gritos de terror dos visitantes. Certifico-me de que estão inconscientes quando o pessoal fecha o local, mas assim que todos se vão embora, levo-os novamente para o meu quarto de brincar.

As pessoas comuns, que ocupam este mundo sem contribuir muito para ele, não compreenderiam. Sejam puras ou não, aos seus olhos, o assassinio é errado, mesmo que justificado. Não importa que o faça por *elas*.

São apenas fracas.

Ao sair de casa, inspiro profundamente. Comida gordurosa, lama e aromas fabricados vêm na minha direção, enchendo primeiro os meus sentidos. Demoro um minuto a adaptar-me aos odores que me distraem e a distinguir o cheiro das pessoas dos respetivos perfumes e dos aromas circundantes.

Vagueio pelo recinto da feira; o som da relva quebradiça acalma-me sob os meus finos chinelos brancos. Tenho comichão nos pés por causa das pequenas picadas da relva, mas não me importo. Roubo um pacote de algodão-doce quando o vendedor não está a olhar e saio a correr com a minha guloseima. Arranco alegremente as nuvens doces e açucaradas do cone e meto-as na boca enquanto observo os visitantes.

Já sinto o cheiro. Com tanta gente no recinto, demoro algum tempo a identificar a fonte exata do odor. Dirijo-me para ele, continuo a observar enquanto o farejo, como um cão.

O cheiro é definitivamente podre. Torço o nariz, parando a meio do passo para farejar a direção. Alguém bate no meu ombro, fazendo-me saltar, arrancando-me o algodão-doce da mão. Vejo a nuvem de açúcar a rolar pelo chão sujo, cheia de lama e relva.

Franzo o sobrolho, com uma tristeza profunda a agitar-se no fundo do estômago.

A rapariga vira-se, com os olhos arregalados.

— Peço imensa desculpa — diz ela apressadamente. Tem um bonito cabelo louro-esbranquiçado, olhos castanhos e uma linda pele de porcelana. Seria divertida de cortar.

Olho para ela e entro no seu espaço. Ela imobiliza-se, afastando-se de mim quando encosto o nariz ao seu pescoço e inspiro profundamente.

— Então, mas que raio? — exclama, recuperando da surpresa e afastando-se aos tropeções. — Acabaste de me *cheirar*? — pergunta, incrédula, olhando-me como se eu fosse uma tarada. O meu cabelo castanho-escuro está preso em tranças altas, os lábios vermelhos desleixados e tenho a cara pintada de forma a parecer a cara de vidro de uma boneca a partir-se, o que deve tornar-se assustador.

Os meus olhos quase se reviram quando sinto o seu aroma doce. Cheira a margaridas.

— Cheiras bem — respondo, sorrindo para que não fique mais zangada comigo. *Já* não estou zangada com *ela*, e foi ela que me estragou o algodão-doce.

A amiga, que vinha atrás, aproxima-se da minha pequena margarida. Também me olha como se eu fosse uma aberração.

Não gosto disso. Só tentava certificar-me de que não estava podre.

— Não percebes o que é espaço pessoal? — pergunta a amiga. O seu cabelo cor de laranja é frisado, e tem muitas sardas no rosto. Cheiro-a também. Cheira a papoilas. Gosto do aroma e, se não quisesse preservar as pessoas boas deste mundo, tentaria engarrafar o seu cheiro. Talvez encharcando a sua pele durante algum tempo para ver se recolhia o cheiro.

— Estão numa feira assombrada. Habituem-se aos sustos — respondo. Elas ficam a olhar para mim, aparentemente sem palavras, lançam-lhes um largo sorriso e continuo a andar. Provavelmente, agora vão afastar-se da casa de bonecas, mas não faz mal. A minha casa de bonecas serve para prender as pessoas más do mundo.

Afasto-me, sendo sugada pela multidão. Sinto os olhares persistentes e desagradáveis, o que me magoa. Paro de novo, a meio do passo, ao lembrar-me de que o meu algodão-doce ficou preso na lama. As lágrimas vêm-me aos olhos e franzo o sobrolho. Gostava mesmo daquele algodão-doce. Era cor-de-rosa, tal como a minha faca e a minha casa de bonecas.

Não estou feliz. Não estou nada feliz.

Atravesso a multidão, já sem me importar em ser mal-educada. A margarida e a papoila arruinaram-me o dia. Feriram-me os

sentimentos. A raiva cresce no meu estômago, substituindo a mágoa por fúria.

*É por isso que não tens amigos, Sibel. És uma aberração e todos o veem. Deus viu a doença no teu cérebro e certificou-se de que todos os outros também a vissem.*

*Que se lixe o que Deus pensa. Eu também o tinha dito nessa altura, e o meu pai obrigou-me a pôr a mão num fogão quente por causa disso. A cicatriz não é física, mas sinto-a no cérebro doente.*

A fúria potente aumenta, crescendo no meu peito e subindo até à garganta. A minha mão treme com a necessidade de agarrar numa faca pelo punho e enfiá-la profundamente na garganta de alguém. Anseio por ouvir o gorgolejar quando se engasgam com o próprio sangue. Quero ver os seus olhos baços, arregalados de medo. Quase vejo as suas vidas a brilhar nas íris dilatadas.

Anseio por isso.

Cerrando o punho com força para diminuir o tremor, concentro-me no cheiro.

Os meus olhos abrasadores vasculham a multidão, enquanto o odor a podre se intensifica à medida que passo por entre as pessoas. Uma rapariga empurra-me. Tropeço, mas endireito-me a tempo de não bater com a cara no chão.

Estou tão zangada que reparam em mim. Não quero que a Direção saiba que ando a empurrar as pessoas. É que... só queria que este fosse um bom dia!

Com um suspiro de raiva, antes que faça algo idiota como matar alguém a sangue-frio, regresso a correr à minha casa de bonecas. A raiva domina-me e já não consigo concentrar-me.

Matar alguém sem motivo seria pecado. A maior parte das pessoas não tem a coragem de fazer o que faço, de servir este mundo como o sirvo. Mas matar um inocente? Nem quero pensar nisso.

Volto para casa. O crepúsculo aproxima-se, o que significa que os intrusos vão começar a entrar na minha casa de bonecas, preparando-se para quando as portas se abrirem. Tenho de me esconder. Viro-me para a pequena porta oculta no canto da sala, atrás de uma boneca de tamanho real. Como a casa está às escuras e as luzes piscam, ninguém

reparou nela até agora. Certifico-me de que recorto as portas nas paredes em locais precisos, para não chamar a atenção.

Subo rapidamente e fecho a porta. As paredes são assustadoras, mas já me habituei a elas. As casas assombradas não são construídas como as habitações normais. Não as fazem para suportar vida, e, há muito tempo, descobri que criam grandes espaços entre as paredes, com o propósito de esconderem a cablagem e os mecanismos, mas tornando-os acessíveis caso algo se avarie. Em todo o meu tempo aqui, só um eletricitista entrou no meu espaço para reparar uma falha de energia numa das salas.

Quando escolho uma nova casa assombrada, faço buracos nas paredes para aceder ao meu sistema de túneis e, depois, abro cuidadosamente orifícios em todas as salas e corredores para quando chegar a altura de fazer o meu julgamento. É aqui que passo a maior parte do tempo durante o horário de funcionamento.

Não me importo com a reclusão. Dá-me tempo para relaxar e concentrar em todas as formas de foder os meus capangas no sangue do demónio que se atrever a entrar em minha casa.

Retiro a minha linda faca do vestido branco, só para me trazer algum tipo de paz à tempestade que me assola a mente. Os meus vestidos são vistosos e cheios de folhos, mas adoro-os. Há muitas fantasias de boneca à disposição do pessoal; só tenho de ir buscar o que quero e deixar o resto para eles escolherem.

Vigas cortam o meu caminho. Há tiras de LED fracas que revestem a parte inferior das paredes, iluminando qualquer eletricitista que precise de passar por aqui. Proporcionam a quantidade perfeita de iluminação sem serem suficientemente brilhantes para projetar qualquer uma das minhas sombras através das fendas nas paredes.

Em todos os cantos e recantos dos túneis, as aranhas tecem teias. Não me atreveria a varrê-las. Adoro aranhas. Adoro o que representam. Independentemente de quem somos, elas são predadoras. São sempre vistas como perigosas e temíveis.

Gostava de ser uma aranha. Adorava que a minha casa as simbolizasse durante um ano, para me poder vestir de aranha-rainha e

cravar os dentes na garganta de um pecador. À medida que fantasio, a raiva diminui e a junção entre as minhas coxas fica escorregadia.

Abro caminho silenciosamente pelos corredores, subindo as escadas que foram colocadas no interior das paredes. Daqui a uma hora, a casa assombrada abre. Já ouço os outros funcionários a chegar, a maioria vestida com fatos completos, a rir-se de todas as coisas que vão fazer para assustar os visitantes.

Nas paredes, ouço todo o tipo de conversas que não é suposto eu saber. Na maior parte das vezes, não me dou ao trabalho de ouvir. Não me interessam os dramas e as preocupações triviais dos outros. Quem fodeu o namorado de quem. No entanto, uma das conversas das raparigas chama-me a atenção quando passo por um dos quartos.

Faço uma pausa e aproximo-me mais da parede.

— Ele vem visitar-me esta noite, mas não sei se quero — diz a rapariga. Demoro um momento a perceber que está a chorar. Procuro o pequeno buraco e espreito para dentro do quarto, e olho em redor.

As raparigas encontram-se na casa de banho, ignorando o manequim no chuveiro, que está a ser electrocutado pela água corrente. Ainda não ligaram o efeito do ruído; caso contrário, o manequim estaria a gritar e a atrapalhar a conversa.

A rapariga que chora é a Jennifer, uma loira alta que sempre foi muito querida. Está vestida com o seu fato. Tem o corpo pintado de branco, os olhos rodeados de aros negros e um vestido rasgado. Parece demoníaco, mas cheira a rosas.

A Jennifer está a conversar com outra colega nossa, a Sarah. A Sarah cheira-me a erva. Não é apelativo, mas também não é mau. É uma das protagonistas do drama na minha casa. Está sempre a abanar o cabelo castanho e a revirar os olhos para as pessoas.

É garanto que mal a Jennifer acabar de se queixar, ela vai-se embora a correr para repetir todas as palavras que ouviu.

É uma cabra, mas não é má.

— Porquê? — pergunta a Sarah, pousando uma mão pálida no ombro da Jennifer. A Sarah também está vestida como uma boneca,

embora a sua cara esteja pintada de forma a parecer bonita. É suposto enganar os visitantes, fazendo-os pensar que é inofensiva até abrir a boca e revelar os dentes afiados.

Já reparei que o traje é uma metáfora da sua personalidade.

— Ontem à noite — começa a Jennifer, um pouco nervosa —, bebi demais. E não me lembro bem, mas acho que o Gary fez sexo comigo quando lhe pedi que não o fizesse.

A Sarah suspira, os olhos arregalados e a mão a voar sobre a boca, em choque. Franzo o lábio, enojada com o que ouvi.

— Ele violou-te? — pergunta a Sarah por trás da mão.

Outra lágrima corre pelo rosto da Jennifer. Ela morde o lábio inferior e acena com a cabeça.

— Sim — engasga-se. — Acho que sim. Só me lembro de fragmentos, mas ele teve sexo comigo e eu... — diz, com um soluço que lhe rasga a garganta e lhe corta a frase. Aproximo-me, moldando-me à parede, como se isso lhe pudesse dar algum conforto.

A Sarah coloca uma mão reconfortante no braço da Jennifer.

— Está tudo bem, Jenny. Podes contar-me — assegura.

A Jennifer funga, limpando o ranho do nariz e também a tinta da fantasia.

— Lembro-me de lhe ter dito que parasse. Várias vezes. Acho que até tentei afastá-lo porque não me sentia bem. Lembro-me de ele me prender os braços e de me mandar calar quando lhe pedia que parasse. E não parava! — Termina a frase com um gemido, deixando cair o rosto nas mãos.

A Sarah abraça a Jennifer, que continua a soluçar.

Dou um passo atrás, ofegante, enquanto os pensamentos negros se agitam na minha cabeça. A Jennifer foi violada pelo namorado. Só alguém mau faria uma coisa dessas.

Os meus pensamentos entram em espiral num abismo profundo. Ela disse que ele viria a minha casa esta noite. O namorado violador vai estar na minha casa. E eu...

Esta noite, vou purificar o mundo de novo. E libertarei a Jennifer.



## CAPÍTULO 3

### Com cerca de dezoito anos

— *Acabaste de me dizer que não?*

*O papá imobiliza o garfo a caminho da boca, com os sucos vermelhos e sangrentos a escorrerem do bife e a salpicarem o prato. Fico a olhar para as gotas em vez de o olhar nos olhos.*

— *Olha para mim!* — *grita ele, batendo com o outro punho na mesa. Todos arquejam, dando um salto, enquanto os copos de água caem e se derramam sobre as mesas e os talheres tombam no chão. É preciso ser um homem poderoso para fazer tremer uma mesa deste tamanho. Uma mesa onde cabem todos os filhos, dezoito.*

*Curvando o lábio, dirijo-lhe o olhar.*

*O papá gosta de me envergonhar à frente dos meus irmãos, mas ainda não percebeu que não me envergonho. Todos olham para ele com o mesmo desdém: não passam de ovelhas. Têm demasiado medo e sofreram uma lavagem cerebral. Nenhum se lhe opõe.*

*Tenho a certeza de que alguns acreditam mesmo que Deus fala com o nosso pai. Eu só vejo um lobo vestido de avozinha.*

*A mamã costumava ler-me o Capuchinho Vermelho à noite, e quando lhe perguntei se o papá era o lobo mau da história, ela fugiu do quarto a chorar. No dia seguinte, queimou o livro e disse que tinha sido escrito pelo Diabo e que nunca mo devia ter lido.*

— *Disseste. Me. Não?* — pergunta ele, enunciando cada palavra com os dentes à mostra. *Há carne presa nos seus dentes, e a visão revira-me o estômago com repulsa. Quero ver a carne dele presa nos dentes de outro animal. O que daria para ver um leão a rasgar-lhe o corpo em pedaços e a banquetear-se com o seu coração negro.*

— *Foi isso que me ouviste dizer?* — desafio-o em voz baixa.

*O papá disse que eu devia reunir todas as raparigas esta noite e levá-las até ele para o ritual noturno. Onde as alimenta com o néctar de Deus. Recusei-me e chamei-lhe profano.*

*A cara dele ficou vermelha, e os olhos negros quase lhe saltaram das órbitas. É um homem feio. Tem o cabelo castanho ralo, que deixa ver o couro cabeludo em várias zonas. Tem um maxilar quadrado e um nariz adunco. É romeno e ainda fala com sotaque, que usa como arma, juntamente com o charme e carisma. É assim que consegue os seguidores. E que lhes faz uma lavagem cerebral.*

— *Põe a mão na mesa.*

— *Não* — sussurro.

*Ele ri-se. É um riso maléfico que me mostra que a sua paciência está a esgotar-se.*

— *Se não o fizeres, castigo a tua mãe. Ela não está a educar-te como deve ser. A minha máscara cede por um momento. O lábio treme-me com a ameaça, e mordo com força a fim de parar os tremores. Mas ele percebeu, sabe que ela é o meu ponto fraco. Sabe o quanto a amo.*

*Lentamente, ponho a mão em cima da mesa, mantendo-a longe dele.*

— *Aproxima-a.*

*Cerro os dentes enquanto as lágrimas me queimam os olhos. Não vou deixá-las cair, pois isso só o estimularia.*

— *O Senhor disse que preciso de ser castigada?* — pergunto, empatando.

— *Sim, disse, Sibel. Ele vê tudo o que fazes. As maldades que praticas quando pensas que não te vejo. E como continuas a desrespeitar o único discípulo de Deus. Como achas que isso O faz sentir?*

*Não respondo. Se disser ao papá que não acredito que Deus fala com ele, ele mata-me. É nesta base que assenta a Igreja Batista Santa. Deus fala com o papá, e ele transmite a Sua mensagem aos fiéis crentes. Eles adoram o papá, não adoram Deus.*

*Por alguma razão, acreditam nas suas mentiras. Embora só tenha visto o papá a fazer coisas más, profanas.*

— *Põe a tua mão aqui, Sibel — ordena novamente quando não responde.*

*Respiro fundo e bato com a mão na mesa à sua frente, o desafio estampado no meu queixo. Ele fica a olhar para mim, sem fazer qualquer movimento durante uns bons trinta segundos. De repente, como um chicote, levanta o garfo e espeta-o na minha mão.*

*Um grito escapa-me, e fecho os olhos contra a dor.*

— *Jesus tinha as mãos pregadas na cruz. Estou apenas a mostrar-te um pouco da dor que ele sentiu quando morreu por pessoas como tu. Pelos vossos pecados. Cospes-lhe na cara sempre que me desobedeces e à palavra de Deus. Lembra-te disso, Sibel.*

*Ele retira o garfo e o sangue jorra das quatro pequenas feridas na minha mão. Se ele não me desgraçou completamente a mão para o resto da vida, vai deixar uma cicatriz quase impercetível. É curioso como uma coisa tão dolorosa desaparece e se cura como se não me tivesse quase posto de joelhos.*

*É isso que Deus quer, não é? Eu de joelhos, a rezar por força e perseverança.*

*Tremo como uma folha, tentando conter as lágrimas. Quero correr para o quarto e chorar. Enroscar-me numa bola e tentar respirar através da dor.*

*Mas o papá nunca me deixaria fugir e esconder-me. Prefere que seja forçada a mostrar fraqueza frente aos meus irmãos. Prefere que me envergonhe.*

*O meu olhar húmido encontra todos os olhos escuros que me fitam. Nenhum deles faz um movimento para me ajudar. Defender-me. Acalmar-me. Ficam a olhar como zombies, insensíveis aos castigos que o papá me dá constantemente. Estão habituados à minha rebeldia. E a deixar-me sozinha.*

*O papá olha-me de frente e o seu lábio franze-se. Não tive uma reação suficientemente forte. Não estou a sofrer de modo o satisfazê-lo. E isso faz com que as feridas sangrentas na minha mão pareçam um pouco menos dolorosas e mais como uma consumação.*

*Por isso, respiro fundo, pego na colher com a mão esquerda e levo-a à boca à boca cheia de puré de batata.*

*Ele fica a olhar para mim, o rosto a suavizar-se em impassibilidade. Mas vejo o brilho nos seus olhos. Vejo os pensamentos malignos que tem de me matar a sangue-frio.*

*Ele não é um discípulo de Deus. Ele é a puta de Lúcifer.*

\*\*\*

— Onde estás, mamã? — pergunto, e a minha voz flutua pela sala vazia.

Ela desapareceu ontem, pouco depois do jantar. O papá convocou uma reunião com todas as mulheres e ela ainda não regressou.

Comecei a sentir ansiedade quando vi algumas das outras mulheres regressarem aos seus quartos, com marcas de lágrimas secas nas faces. Como a mamã não regressou com elas, o medo instalou-se no fundo do meu estômago e só aumentou com o passar das horas.

Estou enrolada numa bola, com o estômago a doer de preocupação pela mamã. A culpa é toda minha.

Se eu tivesse dado ouvidos ao papá, a mamã não estaria onde está. Provavelmente com dores. Sozinha. Com medo pela sua vida. Quase me engasgo com o pensamento seguinte.

Morta.

E se ele a matou?

O meu pai faria mesmo uma coisa dessas? Matar uma mulher inocente a sangue-frio?

Sim, sussurra a vozinha na minha cabeça, aprofundando o meu terror cada vez maior.

Eu não queria envolver aquelas jovens em algo que certamente as traumatizaria. São novas na Igreja. Os pais aderiram e ficaram muito contentes por satisfazerem o papá. Faziam-lhe coisas sobre as quais nunca lera na Bíblia.

Eu não queria ver aquelas raparigas, pouco mais novas do que eu, tornarem-se mães. Tal como a mamã fez comigo e com os meus irmãos. Eu era a primogénita da mamã. Ela deixara escapar que só tinha onze anos.

Na altura, não percebi a gravidade da informação. No segundo em que lhe saiu da boca, os seus olhos arregalaram-se e o rosto empalideceu, adquirindo uma tonalidade cinzenta doentia. Ela gritou comigo para que nunca mais repetisse isso a ninguém fora da Igreja — não que tenha permissão para sair da Igreja. Ela apertou a minha mão até prometer, com o terror a brilhar-lhe nos olhos.

A mamã deu à luz mais dois filhos antes de o seu corpo ceder e deixar de poder ter filhos. O papá disse que ela cumprira a missão de Deus e que agora o objetivo da sua vida era ajudar a criar as crianças.

*Há vários anos que o papá não está contente com a forma como tenho sido educada. Provavelmente, porque sou infeliz. Quanto mais vejo, mais quero fugir deste sítio podre, onde a decadência está impregnada nas paredes.*

*As flores não podem sobreviver num lugar como este. Já vi muitas murchar sob o punho de ferro do papá.*

*Um soluço rasga-me a garganta. Ponho uma mão sobre a boca para conter o som. Ninguém me pode ouvir a chorar. Mantenho a mão colada à cara enquanto balanço o corpo, fechando os olhos para que não surjam os pensamentos negros. As lágrimas escorrem de qualquer maneira, mas não faço mais nenhum som.*

*Ela está bem. Ela está bem. Ela tem de estar bem.*

*— Volta para mim, mamã — sussurro para a poça de lágrimas na mão. — Não consigo fazer isto sem ti.*



## CAPÍTULO 4

Nuvens de fumo colorido percorrem o átrio enchendo a sala com tons de verde, roxo e vermelho, enquanto ecoam gritos de terror. As luzes estroboscópicas piscam, criando um efeito aterrador, e os monstros perseguem os visitantes. Parecem criaturas que entram e saem de portais do Inferno, com os seus corpos a serem puxados para trás e para a frente entre o reino humano e o seu verdadeiro lar. Logo a seguir, ouvem-se gargalhadas, gritos e passos fortes.

Fogem dos monstros como se tivessem algum sítio onde se esconder.

Estou atrás das paredes no andar de baixo quando um grupo de quatro pessoas entra na casa. Observo-as de perto através dos buracos, aspirando a sua essência.

Um jardim de flores. Doce, inocente, puro.

Sorrio, vendo-as gritar e a empurrarem-se, na tentativa de fugir dos monstros que as perseguem. Uma boneca com uma faca de cozinha na mão, com sangue falso a pingar da ponta afiada, persegue lentamente as meninas. Elas fogem da boneca, mas não conseguem escapar-lhe.

Deixo o grupo de raparigas seguir em frente, permanecendo no meu lugar e aguardando o seguinte. O primeiro grupo de cinco pessoas, que veio antes das quatro raparigas, está a sair. Embora nem todas cheirassem a flores frescas, também não tresandavam a maldade.

Assim que o primeiro grupo sai, a porta abre-se e seis pessoas entram aos tropeções. São dois homens e quatro raparigas. As raparigas já estão encolhidas e penduradas nos braços umas das outras, com as mãos tão apertadas que os nós dos dedos ficam brancos. Saem risinhos nervosos das suas bocas bonitas. Os dois homens atrás delas tentam armar-se em machos, embora eu consiga ver daqui o branco dos seus olhos sombrios.

A Feira de Satanás é um certame de renome mundial por uma razão. Somos conhecidos por termos as casas assombradas mais assustadoras do país, com exceção dos poucos sítios que permitem que os funcionários toquem nos visitantes, chegando a torturá-los.

Essas casas assombradas não têm classe. Não precisamos de tocar nos visitantes para os aterrorizar.

As horas passam lentamente. Grupos entram e saem, com as gargantas roucas de tanto gritar. A certa altura, uma rapariga urinou-se e saiu com uma enorme mancha nas calças. Apetecia-me arrancar a garganta a algumas pessoas de tanto rir da pobre jovem envergonhada.

No entanto, abstive-me, porque nenhum deles era mau, apenas insensível.

Das pessoas que passaram pela minha casa de bonecas, nenhuma exalou podridão. A frustração aumenta e sinto-me inquieta.

Quero sentir o sangue a encharcar-me a carne, a minha faca a cortar tendões e músculos e a rasgar a pele delicada. Mas não posso matar qualquer um. Recuso-me a matar inocentes. Não sou má pessoa.

Ando pelas paredes, inquieta, com arrepios a percorrerem-me a pele. A certa altura, o Mortis sai do seu posto, sente os meus nervos através das paredes e oferece-se para me lamber, só com a intenção de me acalmar.

— Não posso ser distraída! — grito-lhe. A expressão dele não muda, nunca se deixa afetar pela minha atitude. É uma das coisas de que mais gosto nele: a resistência às minhas alterações de humor.

Quando dou por mim, estou a ser empurrada contra a parede oposta à que me permite ver os visitantes a entrar, com uma mão a

envolver-me o pescoço e a outra a tapar-me a boca. O hálito quente passa-me pela orelha, causando-me arrepios na espinha.

— Se não parares, o teu andar vai chamar a atenção, raios. Consegui ouvi-lo no outro lado da casa — repreende o Mortis com dureza, apertando a minha garganta com a mão até eu mal conseguir respirar.

Contorço-me contra ele, a raiva a subir-me como uma onda numa tempestade. Porém, a luxúria parece um *tsunami*. O meu peito arfa, embora não haja lugar onde reter o oxigénio.

A mão que estava na minha boca afasta-se, deslizando pelo vale entre os seios e descendo pela camisa de noite. Quando chega à extremidade do meu vestido, ele levanta a parte de baixo e para.

— Se fizeres mais barulho, digo aos rapazes que não te recompensem com as pilas durante uma semana, percebeste?

Sinto o rosto vermelho como um tomate. Porque o sangue na minha cabeça não tem para onde ir. Por causa da audácia dele e da ameaça. Porque não consigo respirar. Mas sobretudo porque quero que ele me foda já.

Ele levanta a minha cabeça e volta a bater-me com força contra a parede. A suficiente para me deixar a ver estrelas e me fazer perder o pouco fôlego que me restava.

— Percebeste? — repete, mostrando os dentes.

Aceno com a cabeça, cerrando os dentes contra a tempestade de emoções que se agita na minha cabeça.

— Linda menina — sussurra, afrouxando um pouco a minha garganta, apenas o suficiente para que eu respire fundo antes de a apertar de novo.

Os seus dedos percorrem-me a perna, deixando um rasto de arrepios. Os meros segundos que os seus dedos demoram a chegar à junção entre as coxas parecem uma eternidade. No entanto, quando as pontas dos seus dedos sussurram sobre o meu clitóris, as minhas pernas quase cedem. Os meus joelhos tremem. Se não fosse pela mão do Mortis a envolver firmemente a minha garganta, eu seria uma poça de luxúria e humidade no chão.

— Foda-se — geme, mergulhando a ponta do dedo médio na minha vagina antes de espalhar a humidade até ao clitóris. — Estás tão molhada.

Abro a boca, mas ele bate novamente com a minha cabeça na parede antes que eu possa emitir qualquer som.

— O que acabei de dizer? Nem um único ruído.

Fecho a boca, apertando os lábios numa linha fina. Como se isso ajudasse. Como se fosse parar o gemido que repousa na minha garganta e que cresce a cada segundo.

O seu dedo pressiona o sensível feixe de nervos, rodando e enviando um intenso prazer por todo o meu corpo. Aperto as pernas com mais força contra a sua mão, frenética pelas sensações que está a criar.

O seu dedo faz círculos rápidos no meu clitóris. Debato-me no seu aperto, precisando desesperadamente de respirar, mas ainda mais de me vir. O dedo médio desliza até ao meu orifício e penetra-me com força. Arqueio as costas, e os meus olhos reviram-se. Enquanto continua a acariciar o meu clitóris com o polegar, mete outro dedo em mim.

Agora estou a girar completamente na sua mão. Os meus movimentos erráticos fazem com que as suas garras afiadas se cravem na minha garganta. As pontadas agudas intensificam o êxtase agonizante.

Em poucos instantes, a espiral no meu estômago dispara e a euforia deixa-me sem forças. Mordo os lábios para não fazer barulho e fecho os olhos com força, enquanto cavalgo a mão dele, prolongando o orgasmo que me invade.

Quando desço, o Mortis já retirou a mão e consigo respirar novamente. Ele mantém-me de pé, agora que as minhas pernas estão gelatinosas e são inúteis para suportar o meu peso. Pequenas gotas de sangue salpicam o meu vestido, saindo das pequenas feridas no pescoço, cortesia das garras do Mortis. A visão faz-me sorrir.

É um milagre não ter cortado o interior da minha vagina, mas ele sempre teve um controlo perfeito do que corta.

Uma das garras espeta-me a parte de baixo do queixo, forçando-me a erguê-lo até me deixar a olhar para uns olhos vermelhos, profundos e cheios de alma.

— Tens o faro de um cão de caça. Não vais perder nenhum demónio que passe por esta casa — diz o Mortis, com um tom um pouco ofegante, mas severo.

Engulo em seco e aceno com a cabeça.

Ele beija-me os lábios suavemente, o que contrasta com o seu comportamento anterior. O Mortis pode parecer frio, mas é capaz de muito mais emoções do que imagina.

A sua língua lambe a união dos meus lábios e deixo-o entrar. Explora a minha boca por um momento antes de se afastar. O seu pénis pressiona-me o estômago, mas ambos sabemos que não temos tempo agora.

Ele deve voltar ao seu posto e eu preciso de estar atenta ao demónio.

Mais tarde. Mais tarde, irá foder-me.

Com um último beijo e um olhar de advertência para manter a calma, ele vai-se embora. Deixa-me sozinha e sem fôlego, mas consideravelmente mais calma.

Sorrio, o meu coração enche-se de amor e gratidão pelos meus homens. Conhecem-me melhor do que eu própria, na maioria dos dias.

Ouçõ a porta da frente a abrir-se. Os meus olhos focam-se e endireito as costas. De imediato, dirijo-me para o óculo, pressionando o meu corpo contra a parede.

Um grupo de dez pessoas entra aos tropeções, empurrando-se rapidamente para fugir dos monstros. Inspiro fundo, mas fico desapontada quando não deteto qualquer podridão naqueles amigos.

Inclino-me, pressionando a testa contra a parede de madeira, ignorando as lascas afiadas que me picam a pele. No entanto, ouço o que o Mortis diz e mantenho a calma.

Apenas um minuto depois, ouço a porta a abrir-se de novo. Levanto a cabeça lentamente, confusa por outro grupo ter entrado entretanto.

Já estamos com lotação máxima. O grupo ainda não chegou a meio do caminho. Ninguém devia entrar na casa neste momento.

Assim que se sente a brisa devido à porta aberta, deteto um cheiro horrível. Estreitando os olhos, inspiro profundamente. A podridão infiltra-se nos meus sentidos. Um sorriso lento forma-se no meu rosto e qualquer frustração remanescente esvai-se, dando lugar à excitação.

Um homem sozinho entra na casa, com a cabeça a virar para a esquerda e para a direita como se procurasse algo. Ou alguém.

Este rapaz maroto não deveria estar aqui. O meu pulso vibra de excitação.

Será o Gary? Só *pode* ser. Porque entraria alguém numa casa assombrada se não tivesse um motivo?

Encolho-me quando olho bem para ele. Meu Deus, é mesmo feio, por dentro e por fora. Tem cabelo castanho oleoso, demasiado comprido e enrolado por cima das sobrancelhas e das orelhas grossas. Um *hoodie* sujo e gasto cobre-lhe o corpo magro. Aposto que, se espreitasse por baixo das mangas que lhe cobrem os braços, encontraria marcas e crostas.

Está pedrado. Tem as pupilas dilatadas e agitadas. Não por medo, mas por causa da droga que circula no seu sangue. As faces mostram-se encovadas devido às substâncias estranhas que lhe corrompem o corpo.

Não faço ideia do que vê a Jennifer neste tipo. É tão *repugnante*. E ela é linda. Tem um bonito cabelo louro liso, olhos azul-celestes e um sorriso radiante. Como é que alguém como ela se envolveu com alguém como *ele*?

Deve tê-lo achado atraente com o seu ar de mauzão. Talvez tenha uma vida triste em casa, impedida de fazer as coisas que a tornam feliz, e por isso esteja a tentar encontrar alegria e emoção em alguém perigoso. Se ao menos isso significasse que se sente um pouco menos morta por dentro.

A minha flor está a murchar e, tal como a mamã, ficará manchada de alcatrão se continuar com o namorado cruel.

A imagem do Gary brilha. Já não estou a olhar para um marginal seboso, mas para o papá. De pé, diante de mim, olhando-me nos

olhos, como se me pudesse ver através da parede. Um sorriso sinistro cresce no seu rosto corpulento até que tudo o que consigo ver, sentir e ouvir é o *mal*.

Suspiro, afastando-me, enquanto um terror familiar me invade. Sempre que o papá entrava na mesma sala do que eu, o oxigénio era sugado e substituído por medo. Eu era a única pessoa que o enfrentava, mas isso não significa que não o receasse, que não temesse constantemente pela vida.

A imagem fica enevoada e o Gary está novamente diante de mim.

Solto um suspiro áspero, sacudindo as mãos para acalmar os nervos cortantes que me percorrem o corpo. Inspiro profundamente, o ar entrando pelo nariz e saindo pela boca, para acalmar a ansiedade.

*Respira, Sibby. O papá morreu. Ele já não está aqui.*

É por isso que estou aqui. *Este* é o meu objetivo. Para proteger e impedir o meu jardim de flores de murchar por causa de pessoas como o Gary e o papá.

O Gary tira um gorro cinzento do bolso do *hoodie* e coloca-o na cabeça, até o cabelo se enrolar nas pontas. Os seus olhos percorrem o átrio, reparando na mulher que dá à luz um demónio no sofá, com sangue falso a jorrar dos seus orifícios.

Ao virar a esquina, vê a boneca com a faca de cozinha, inclinando a cabeça para ele de forma sinistra e caminhando na sua direção.

— Afasta-te, sua cabra assustadora — cospe o Gary, com veneno na voz. A rapariga fica imóvel e, por um segundo, perde a compostura, com o choque e a fúria a transparecerem-lhe nos olhos.

Não é frequente recebermos hóspedes agressivos. Afinal de contas, o objetivo de estarem aqui é serem perseguidos e assustados.

A boneca recupera rápido, com um sorriso sinistro a surgir-lhe no rosto, mas continua a desempenhar o seu papel. Ela tem um trabalho à espera e vai fazê-lo. Ninguém se pode queixar se entrar voluntariamente na toca dos lobos.

O Gary zomba.

— Diz-me em que quarto está a Jennifer — exige saber. A boneca ignora-o, distraíndo-o enquanto outro monstro se aproxima por

trás dele. Um homem grande, quase tão grande como o Cronus, está atrás do Gary.

Sentindo a presença no seu pescoço, o Gary vira-se e dá de caras com um monstro demoníaco. A maior parte da pele do seu rosto desapareceu, deixando apenas os músculos à mostra. O homem segura uma motosserra e, assim que Gary o vê, acelera-a, rindo-se de forma maníaca. O Gary grita, os olhos dilatam-se ainda mais, e ele sobe as escadas.

Vai na direção oposta à que é suposto, mas não faz mal. Não vai demorar.

Dou uma risadinha, seguindo-o através das paredes. Ando na ponta dos pés, mantendo os passos leves. Espreito por cada buraco, seguindo para onde ele vai, e rio-me à medida que a excitação da minha matança aumenta.

Vai ser tão divertido quando o rasgar, com os olhos sem vida a olharem para mim entre as minhas coxas.

Quando ele vagueia por uma sala vazia, começo a cantar.

— *Ring a'round the rosies.*

A cabeça do Gary gira na direção da minha voz, embora não me veja. Os seus olhos frenéticos percorrem a sala, ignorando o manequim animado no canto do quarto, que se esfaqueia brutalmente. O Chacal está à porta deste quarto, tendo já assustado o Gary quando entrou a correr.

Agora que ele está aqui e o Chacal ouviu o meu canto, o Gary nunca mais vai voltar a sair do quarto.

— *Pocket full of posies* — continuo em voz alta. O Chacal entra no quarto, com os grandes olhos amarelos fixos no Gary. Verifica o corredor uma última vez antes de fechar a porta. Juro que o seu sorriso se alarga ainda mais. O Gary vira-se para trás e salta, com o peito a tremer, ao ver o Chacal.

Ele não é tão indiferente aos monstros como finge ser. Somos famosos por alguma razão.

— Que raio queres? Só estou a tentar encontrar a Jenny — zanga-se ele.

— *Ashes, ashes.*

O Gary afasta-se do Chacal, com o rosto carregado de medo. É uma visão tão bonita que me faz gritar de excitação.

O meu capanga avança na direção do Gary. A sua cara derretida e os olhos amarelos são um espetáculo. Sentindo que algo não está bem, o Gary afasta-se, procurando um caminho de fuga à esquerda e à direita. Há duas portas em cada quarto. Uma por onde entram os hóspedes e aquela por onde saem. Os corredores e pontos de saída não são típicos de uma casa real, mas sim dispostos num labirinto elaborado, para que cada quarto se ligue ao outro.

Inclinando-me para ver o ponto de saída para onde o Gary está a recuar, sorrio ao ver outro dos meus capangas, Baine, aparecer atrás dele. O Ceifador bloqueia a saída do Gary e sela a sua morte.

Saltito na ponta dos pés, rindo-me com entusiasmo. Que divertido!

No entanto, o Gary não repara nele, demasiado petrificado com o monstro derretido à sua frente. O seu peito arfa mais depressa. Os olhos já não estão dilatados por causa das drogas, mas sim por puro terror. Embora tenha a certeza de que as drogas que correm pelo seu sistema intensificam o medo.

— Que raio se passa?! Deixem-me sair daqui! — grita o Gary, tentando passar à força pelo Chacal. Quase bufo, divertindo-me com a sua tentativa patética. O Gary é muito pequenino comparado com o Chacal.

— *We all fall down* — canto, prolongando a última nota num tom triste. Parece que o mundo para, os três homens no outro lado da parede fazem uma pausa. E depois entram em ação. O Gary dirige-se para a porta, mas o Chacal agarra-o pelo *hoodie* e empurra-o contra a parede. O demónio maléfico abre a boca, preparando-se para soltar um grito, mas o Chacal é demasiado rápido. Enfia a mão sobre a boca de Gary e dá-lhe um murro no estômago com a outra.

O Gary perde o fôlego, encolhendo-se de dor. De repente, o Chacal bate-lhe com o punho na nuca, deixando-o inconsciente.

Entretanto, o Gary desfalece, o seu corpo encurvado cai e bate com a cara no chão sujo. Rio-me quando o corpo dele se acomoda

numa posição em que fica desajeitadamente de joelhos, com o rabo no ar e a cara no chão.

Com risinhos excitados, encontro a minha pequena entrada escondida e rastejo por ela. As portas têm apenas metro e meio de altura. É um pouco estranho arrastar os demónios, mas normalmente não tenho muitos problemas com isso.

Assim que entro no quarto, corro para junto do Chacal, agarro-lhe no rosto e ponho-o ao meu nível. Antes de aprofundar o beijo e mergulhar a língua na sua boca, roço suavemente os meus lábios nos dele. Desta vez, não me importo com o sangue falso e nauseabundo na sua boca. O Chacal geme, lambendo-me a boca com avidez. O seu pénis endurece dentro das calças, pressionado contra o meu estômago, e todo o seu corpo se molda ao meu.

Afasto-me da sua boca, ofegante e necessitada. Por muito que gostasse de baixar as calças do Chacal, pôr-me de joelhos e chupar-lhe a pila, agora não posso.

Tenho um trabalho a fazer e preciso de me despachar antes que entrem mais visitantes.

Os gritos ecoam por toda a casa. É apenas uma questão de tempo até ser apanhada.

Depois de algumas manobras, levanto o Gary por baixo dos braços e arrasto-o em direção à porta.

Sou muito mais forte do que a maioria pensa. Não ultrapasso o metro e sessenta e cinco, mas sempre insisti em carregar os demónios depois de os ter derrubado. Na maior parte das vezes, sou eu quem põe a dormir.

Os meus capangas fazem tudo por mim, mas gosto de ser eu a tratar deles. Já se arriscam o suficiente. Se alguém nos apanhar, serei eu a arrastá-lo para as profundezas desta casa, não eles.

Demoro trinta segundos a arrastá-lo até à porta pequena, a rastejar para dentro e a puxar o seu corpo. Fecho a porta, levanto-o de novo e reboco-o em direção às escadas. Assim que a porta se fecha atrás de mim, um grupo de pessoas irrompe na sala, ainda

aos gritos. Deixo os meus homens a fazer o seu trabalho enquanto arrasto o Gary pelo corredor. Há uma pequena alcova ao pé das escadas suficientemente grande para um pequeno grupo.

Trabalho rapidamente, pois já aprendi a lição. Houve uma ou duas vezes em que eles acordaram a meio do processo de os amarrar e foi aborrecido voltar a pô-los a dormir. As cordas estão escondidas atrás das escadas, prontas para quando trazer um demónio para aqui.

Amarro cada uma das suas pernas à respetiva cadeira de madeira com um nó elaborado. Demorei um pouco, mas depois do primeiro ano na Feira de Satanás, dominei a arte de dar um nó tão bem que eles não tinham hipótese de escapar. Amarro-lhe os braços atrás das costas da cadeira e, depois, prendo-lhe o tronco, enrolando uma corda maior à volta do peito.

A cabeça dele balança e a baba acumula-se no canto da boca. Em breve, começará a sair. Curvando o meu lábio com nojo, pego no meu rolo de fita adesiva, arranco uma tira e ponho-a na sua cara cheia de acne. Os seus gritos não serão completamente silenciosos, mas abafados o suficiente para serem camuflados pelos outros gritos da casa.

Nunca ninguém ouviu um demónio pedir ajuda na minha casa. E jamais ouvirão, raios.

Dirijo-me à sala onde sei que a Jennifer trabalha. Quero ficar perto dela para ter a certeza de que se encontra bem. Não a conheço, nem ela sabe da minha existência, mas sinto a necessidade de a confortar. Quero muito dizer-lhe que estou a tomar conta dela e que já não tem de se preocupar com o violador.

Ele está a ter o que merece.

Depois de eliminar o seu maldito namorado, ela vai curar-se e encontrar alguém melhor. Como pode não saber que a sanguessuga que lhe sugava a alma foi arrancada do seu corpo e do espírito?

Encontro-a no meu quarto de brincar, escondida debaixo da cama. Quando um grupo chega, ela rasteja para fora, com os membros distorcidos, enquanto o persegue. Ouvi-a dizer que era ginasta. Ninguém faz este trabalho melhor do que ela.

Esperamos alguns minutos até ouvirmos um grupo barulhento a descer o corredor. Aperto-me contra o óculo, mantendo o olho no espaço por onde a Jennifer vai rastejar.

O grupo entra na sala, tropeçando como um bando de bêbedos idiotas, enquanto gritam e se empurram para fugirem do monstro que os persegue com uma serra elétrica. É garantido que vão entrar nesta sala, pois o Chacal está posicionado no fundo do corredor, impedindo qualquer pessoa de se aproximar dele.

No momento oportuno, o corpo distorcido da Jennifer sai a rastejar de baixo da cama. Uma rapariga ruiva grita, o tom da sua voz faz-me encolher e recuar para longe da parede.

Isso foi muito desagradável.

Ainda bem que ela cheira a petúnias; caso contrário, matava-a.

O grupo de raparigas empurra-se e acotovela-se enquanto corre para a saída, evitando a Jennifer a todo o custo. Elas abrem a outra porta e a madeira salta no batente. Se não houvesse um, haveria uma marca permanente da porta na parede de gesso barato devido à força com que as pessoas a abrem.

Depois de saírem, a Jennifer levanta-se e volta a fechar suavemente a porta. A sua cara está escondida e os seus movimentos são lentos. Sustenho a respiração, na esperança de ver o seu rosto normal e feliz. No entanto, quando ela se vira, as lágrimas acumulam-se nas pálpebras.

Franzo o sobrolho, com o coração a bater mais depressa.

Porque chora? Salvei-a! Devia estar radiante.

Ela limpa cuidadosamente os olhos com a ponta dos dedos, evitando que as lágrimas caiam e estraguem a maquilhagem.

Ela... ela não pode estar zangada por o namorado não ter aparecido. Ele violou-a! Como pode ficar chateada com uma coisa dessas?

Rosno, e a sua ingratidão liberta uma nuvem negra de tinta dentro de mim. Fiz com que o violador não se aproximasse dela, porque só a magoaria. Ele levá-la-ia a regressar à sua teia, e ela teria sido vítima de uma viúva-negra que a envenenaria lentamente até não restar nada de bom.

Até a sua flor murchar.

Fico junto à parede durante horas, observando a tristeza da Jennifer aumentar à medida que a noite avança. Sempre que uma lágrima cai dos seus olhos, vejo a mamã a chorar enquanto o papá a castiga.

Assim que os últimos visitantes saem do quarto, ela senta-se na cama e soluça. Segura o rosto entre as mãos como uma criança pequena, com lágrimas negras a escorrerem-lhe pelas faces devido à maquilhagem.

Estico-me para ela, mas a parede impede-me.

— Mamã? — sussurro. O cabelo louro da Jennifer mistura-se com o cabelo castanho-escuro da mamã, e tudo o que consigo ver é uma mulher a soluçar, a rezar pela morte. Depois, o cabelo louro volta a aparecer e não percebo se a única lágrima que me corre pela face é pela Jennifer ou pela mamã.

Não demora até que a Sarah a procure. Assim que vê o estado da Jennifer, senta-se na cama ao lado dela e abraça a rapariga chorosa.

— O que se passa? Ele veio ver-te?

A Jennifer deixa cair os braços e lamenta-se:

— É mesmo isso! Não apareceu.

Só consigo ver as costas de ambas, mas o silêncio da Sarah é pesado.

— Eu... pensei que era o que querias — hesita a Sarah, com um tom carregado de confusão.

A Jennifer limpa os olhos e encolhe os ombros.

— Queria ver o que ele diria, mas, como sempre, não é de confiança e mente constantemente. É provável que ande outra vez a consumir drogas. Ele disse que tinha parado, mas acho que não.

Faço uma careta. De certeza que não parou.

— Não lhe disseste que não o querias ver?

Jennifer zomba:

— Sim, e daí? Se ele gostasse mesmo de mim, teria aparecido e pelo menos tentado justificar-se.

Segue-se outro silêncio pesado. A Sarah percebe que a Jennifer está num ciclo tóxico. Apesar de tudo o que o Gary lhe fez, ainda esperava que ele aparecesse. Como impedi que isso acontecesse, ela zanga-se.

A nuvem negra vai-me envolvendo.

Que cabra ingrata! A minha mão treme enquanto a fúria me consome. Trabalho arduamente para livrar este mundo do mal. O Gary teria o mesmo destino, independentemente de eu ter sentido o seu cheiro logo que entrou em casa. Mas provavelmente só me teria dado ao trabalho de o atrair para longe depois de ter falado com a Jennifer.

Eu *salvei-a*.

Parece que cometi um erro.

Resmungando, afasto-me da parede e volto a aproximar-me do Gary. Sinto-me particularmente selvagem. Que Deus ajude as almas que vão sentir a minha ira.

## Capítulo 5

O Gary está acordado.

Chora e debate-se nas amarras. A corda morde-lhe a pele e o sangue escorre das feridas.

Ao ver-me, grita com todas as forças. O som é menos significativo do que o choro de um gatinho.

Rio-me por trás da mão, divertida com a sua aflição. Vê-lo lutar contra as cordas com lágrimas renovadas alivia um pouco a raiva no meu peito.

Ele continua a gritar e parece tentar praguejar contra mim. Só ouço palavras abafadas e ameaças vazias.

Apesar da ingratidão da namorada, o que fez com ela foi errado. Doentio. Depravado. Algo que apenas alguém com uma alma podre faria. E merece morrer por isso.

Não há redenção para pessoas como o Gary. Nunca aprendem a lição. Levam uma palmada na mão e depois continuam com a vida, torturando mulheres para se sentirem importantes. Não têm qualquer valor, e sabem disso.

São almas perdidas, vagueando pela Terra, à procura de algo que nunca encontrarão.

Acocoro-me à sua frente, inclino a cabeça e ofereço-lhe um sorriso rasgado.

— Vamos divertir-nos muito juntos — digo com reverência, já a imaginar onde o vou cortar e esfaquear. Talvez pinte um quadro bonito com o seu sangue quando terminar.

Oh! Pergunto-me se a Jennifer gostaria disso. Talvez *assim* aprecie o que fiz por ela.

Os seus gritos e contorções intensificam-se, e a cadeira quase tomba com as suas tentativas. Se o fizer, vou ficar muito aborrecida.

— Conheces a Jennifer? — pergunto-lhe inocentemente. Ao ouvir o nome da namorada, ele para. Os olhos castanhos sem fundo iluminam-se e o seu peito agita-se. Ele diz qualquer coisa, mas não me dou ao trabalho de retirar a fita para ouvir. Ainda não estou preparada para a resposta. — Sabes que a magoaste? — questiono-o.

As suas sobrancelhas franzem-se, e lança-me um olhar desagradável, mas continuo:

— Hoje, ela chorou diante da amiga. Disse-lhe que a violaste quando se encontrava embriagada, e que não conseguia impedir-te. Porém, pediu-te que não o fizesses, e não lhe deste ouvidos. A isso chama-se violação, Gary.

Ele grita qualquer coisa outra vez. Pareceu-me que algo como: «Ela é minha namorada.»

Aceno lentamente com a cabeça, olhando-o com repugnância.

— Ela é tua namorada. Mas isso não significa que tenhas o direito de fazer o que quiseres com o corpo dela sem o seu consentimento. Afinal, o corpo não é teu.

Da sua boca saem mais murmúrios que não me interessa decifrar. Dou-lhe uma bofetada forte e os seus olhos arregalam-se de choque e raiva, fitando-me como se não acreditasse no que acabei de lhe fazer.

*Oh, Gary. Vou fazer-te muito pior.*

— Não estás em posição de discutir — sibilo.

Ele acalma-se, a raiva desaparece à medida que o medo regressa. Que bom. É isso que gosto de ver.

Percorro os corredores, verificando cada quarto para ter a certeza de que está vazio. A feira fechou durante a noite, mas por vezes os

funcionários ficam. A última coisa de que preciso é trazer o Gary para fora e alguém tropeçar nele. Seria o pecado supremo e significaria matar uma pessoa inocente. Iria para o Inferno por isso e aceitaria esse castigo se significasse poder continuar o trabalho da minha vida.

Assim que confirmo que eu e os meus capangas estamos sozinhos, passo calmamente por trás de um Gary que se contorce, pressiono o meu polegar no ponto certo do seu pescoço e aumento a pressão até ele se inclinar de novo no assento. Depois de lhe soltar as amarras e de o arrastar para o meio do átrio, afasto-me.

A minha parte favorita é quando pensam que têm uma hipótese de escapar. Vejo a esperança desaparecer dos seus olhos quando percebem que não há hipótese de passarem pelos meus capangas.

Entro no meu quarto de brincar, sento-me no chão e fico à espera, a sorrir. Tenho a minha linda faca na mão. Enquanto espero, levanto-a em contraluz. A lâmina brilha, transformando o metal baço num brilho bonito.

A única coisa que tornaria isto mais bonito seria sangue vermelho-vivo a pingar dela.

Rio-me. Em breve. Está quase.

Dez minutos depois, ouço um baque vindo de algum lugar lá em baixo. O Mortis está de pé no canto da sala, com o rosto desanimado e entediado como sempre. Não se move um centímetro, como um fiel capanga. Não se mexe até eu mandar.

— Deixem-me sair! — ouve-se um grito abafado vindo de baixo. Tenho a certeza de que ele está a gritar na cara de um dos meus capangas. Muitos demónios tentam lutar contra eles, mas acabam por ser derrubados. Os meus capangas não matam os demónios; deixam isso para mim. Mas gostam de os magoar.

Canto *Ring a'round the rosies, pocket full of posies*, certificando-me de que a minha voz é bem alta e agradável. Nova batida, seguida de um rosado de frustração. Eventualmente, quando os demónios se cansam de tentar abrir caminho através dos meus capangas, aproximam-se de mim, implorando por uma fuga. Alguns até tentam matar-me.

— *Ashes, ashes, we all fall down!* — Termino a canção com um grito, sentindo a vertigem tomar conta de mim.

— Sua puta de merda! — grita o Gary novamente, batendo em algo. Espero que não comece a destruir coisas. O Mortis levou a noite toda a reparar a parede por causa do último tipo que lhe deu uma machadada.

Finalmente, ouço os seus passos altos a subir as escadas. Ele vai entrar e sair do labirinto de quartos antes de dar por si no corredor fora do meu quarto de brincar, com o Chacal ao fundo.

Tal como os visitantes, ele vai querer evitar o Chacal, por isso irá entrar no meu quarto. Sorrio quando o Gary entra a correr, com o peito a bater a mil por minuto e uma expressão de irritação na sua cara feia.

Ficará muito mais bonito depois de eu o rasgar. Talvez lhe retire a carne nojenta da cara.

— O. Que. Se. Passa. Contigo?! — exclama, cuspidando saliva da boca podre. O meu sorriso aumenta quando vejo os dentes enegrecidos. Não importa se é das drogas ou da alma. Ele vai morrer de qualquer maneira.

Levanto-me lentamente, com um sorriso sereno estampado no rosto maquilhado.

Ele avança na minha direção, gritando. Desvio-me, vendo-o cair de cara no chão. Dou uma gargalhada, tapando a boca com a mão. Ele esforça-se por se levantar de novo, desorientado e talvez já sem o efeito das drogas.

Outra gargalhada escapa-me quando ele tropeça e se endireita. Poços ardentes e venenosos fitam-me. Os seus olhos parecem ter sido forjados no Inferno. Fiz o meu julgamento e tomei a decisão certa.

— Vou matar-te, porra! — fumeja, com a voz escurecida num tom baixo e profundo.

Rio-me e atiro-lhe:

— Não se eu te matar primeiro. — Ele rosna e ataca de novo. Acerto no momento exato, estendendo a mão para que a ponta da

lâmina deslize sobre o seu olho. A córnea rasga-se, ficando o pedaço fino pendurado na ponta da faca.

O Gary cobre o olho, gritando de raiva. A sua voz é rouca e o sangue escorre-lhe pela face. Adoro quando choram sangue. Aproveitando a sua distração, espeto-lhe a faca no estômago. Ele arqueia-se com um grito de dor e lança sangue pela boca.

A euforia cresce no meu peito. Retiro a faca e mergulho-a novamente no seu corpo, a lâmina a rasgar a carne e os tendões. O demónio gorgoleja, espalhando o seu sangue pútrido sobre mim. Empurro-o, e o patético saco de carne tomba para trás. Deixo cair a lâmina e agarro no serrote, que está na cama.

Quando vê o que tenho na mão, os seus olhos arregalam-se.

— Não, não, não! — suplica, rastejando para trás. Levanto o pé e bato-lhe no tornozelo. São necessárias mais algumas pancadas até ouvir o osso a estalar. Os gritos enchem o ar. O Gary agarra-se ao pé, olhando para ele com incredulidade.

— Não sejas tão dramático, tenho a certeza de que só o fraturei.

— Que raio se passa contigo? — grita, voltando o olhar para mim. Em resposta, pontapeio-lhe a cabeça para trás. Quando cai, ponho-me em cima do seu peito, prendo-lhe um braço, e começo a serrar-lhe a carne. Cortar a pele e a carne é fácil, mas é quando se chega ao osso que a tarefa se torna um pouco difícil.

O Gary debate-se debaixo de mim, rasgando ainda mais os tendões e as veias. Empurro o cabo para baixo, partindo o osso enquanto continuo a serrar. O sangue jorra descontroladamente, salpicando-me a mim, à cama e ao chão. Ainda bem que as casas assombradas estão cheias de sangue falso.

Mesmo que os meus capangas falhem alguns pontos quando limparem, ninguém notará a diferença.

Torço o membro, separando-o dos tendões restantes.

O Gary é um chorão. Rio-me, divertindo-me com o seu choque e a indignação ao olhar para o braço que lhe falta. Ofereço-lhe o membro ensanguentado.

— Queres mordê-lo para o braço seguinte? — Os olhos dele deslizam para mim, as pupilas quase desaparecidas. É curioso como ele chegou com as pupilas dilatadas e agora são pequenos alfinetes no branco dos olhos.

— Vai-te foder — suspira, sem fôlego. Sorrio e atiro o braço para o lado.

— Tudo bem — digo, dando um passo atrás. Agarro-lhe na mão e corto-lhe os dedos. O pequeno demónio não vai conseguir danificar as paredes como o último.

— Vês, Mortis? Estou a aprender! — exclamo, apontando para o homem cortado em pedaços.

O Mortis sorri e acena com a cabeça. Ele não demonstra grande emoção, mas o brilho nos seus olhos diz-me que está a divertir-se.

— Bom trabalho, minha menina — murmura.

Com um sorriso largo, volto-me para o Gary. Falta-lhe um braço, não tem dedos no outro e tem o pé fraturado.

Quero mesmo vê-lo a fugir. Mas primeiro tenho de cauterizar a ferida; caso contrário, ele continua a perder sangue demasiado depressa, e depois não conseguimos brincar. Tenho um pequeno maçarico escondido numa das mesas de apoio para esse efeito.

Apresso-me a pegar nele, tiro-o da gaveta cor-de-rosa e agachome-me à frente do Gary.

— Estás pronto? — pergunto-lhe. Ele olha para mim como se eu fosse louca.

Isso magoa-me.

Depois, carrego no botão, sorrindo ao ver a chama azul que irrompe dele. Quando o Gary a vê, os seus olhos arregalam-se e ele levanta-se. Rastejo para cima dele, sentando-me no seu estômago e rapidamente levo a chama para onde o seu braço estava preso.

Os gritos saem-lhe da boca em ondas penetrantes. O cheiro a carne humana carbonizada enche o ar. Aperto o nariz, repugnada com o odor. Os demónios cheiram a merda.

Ele contorce-se desesperadamente debaixo de mim enquanto faço um trabalho rápido de cauterização da ferida.

— Pronto! — anuncio, orgulhosa, desligando a chama. — Agora podemos brincar um pouco mais.

Levanto-me e afasto-me, observando o demónio a debater-se e a gemer, ainda a sentir as ondas da ferida a ser selada. O suor escorre-lhe pelos poros, empestando ainda mais a divisão.

— Deixa de ser bebé — grito, exasperada. Como ele continua a queixar-se, cerro os dentes: — Levanta-te!

Ele olha para mim.

— Vá lá — insisto, impaciente. — Tenta fugir.

Porque olham todos para mim como se fosse maluca quando lhes digo que fujam? Pensam que os estou a enganar, mas falo a sério. Adoro quando fogem. É verdade que eles nunca conseguirão escapar. Mas só estou a dizer-lhes para *tentarem*. O facto de serem bem-sucedidos está fora das suas mãos.

Com grande dor e ainda maior lentidão, o Gary roda até se sentar.

— Como esperas que corra, cabra maluca? — rosna, olhando desesperadamente para o pé. Parece que está à beira de um colapso. A palidez acinzentada tingiu-lhe a pele. Bem, pelo menos, a pele que *não* está coberta pelo seu sangue.

Em breve, vai desmaiar. E é por isso que tem de correr. A esperança de escapar fará com que a adrenalina aumente de novo. Isso vai mantê-lo consciente o tempo suficiente para me divertir mais com ele antes de o matar.

— Levanta-te! — ordeno, batendo com o pé. Odeio quando não me ouvem! Ele assusta-se, olhando para mim com a mesma expressão. Como se *eu* fosse a maluca, quando afinal é ele que tem uma alma maligna.

Ajoelha-se e usa o pé bom para se levantar. O suor continua a escorrer-lhe pela cara e a pingar-lhe nos olhos. Ele comprime-os, talvez para diminuir a picada do suor que entra num olho sem córnea. Cerrando os dentes, dá o primeiro passo. E cai de imediato para trás. Acho que não está suficientemente assustado.

— Se não correres dentro de quinze segundos, arranco-te um dos olhos — ameaço-o.

Fá-lo-ei de qualquer forma.

Ele olha para mim e cospe-me nos pés.

Suspiro e dou um passo atrás. Franzindo o lábio, penso em como fazê-lo levantar-se.

— Se te conseguires levantar e abrir uma das portas, deixo-te ir.

Finalmente, a esperança regressa-lhe ao olhar. A dor é insuportável, e ele estava quase a desistir. Só precisava de um pequeno incentivo.

— *Ring around the rosies* — canto, assumindo a voz assombrosa de criança. Os seus movimentos aceleram e, em breve, está novamente de pé e a coxear pelo corredor. Que se lixe o pé partido.

A euforia apodera-se de mim. Ponho-me de pé, dando-lhe um bom avanço. Vai ser fácil apanhá-lo. Não quero que isto acabe demasiado depressa.

— *Pocket full of posies.*

Várias pancadas, seguidas de insultos. Ele caiu pelas escadas. Rio-me alto e saio do quarto a correr, a caminho das escadas. Ele está ao fundo, a gemer de dor e a esforçar-se por se levantar. Quando me vê, os seus olhos arregalam-se e retoma a luta com uma energia renovada.

Põe-se de pé a vociferar palavrões e olha para a porta da frente. O Cronus permanece imóvel enquanto observa o Gary.

— O que se passa? Pensei que querias que eu fugisse! — grita. O Cronus não reage. Desço as escadas na ponta dos pés, parando a meio.

— Eu disse que tinhas de abrir a porta — esclareço. Ele não se vira para me ver, o homem assustador à sua frente rouba-lhe a atenção e o medo. Mas ele ouve. Dirige-se ao Cronus, empurra-o para o lado, dobra-se e morde a maçaneta.

Rio-me, divertida, porque é bastante engraçado vê-lo tentar abrir uma porta com a boca. Deixo-o lutar com os dentes durante um minuto. Depois, ele muda de tática, equilibrando-se no pé bom enquanto usa o joelho e a mão sem dedos para agarrar o puxador, mas balança e cai antes de fazer qualquer progresso. Perdeu demasiado sangue e está a ficar mais fraco.

— Aqui vou eu — provoco, descendo as escadas.

Ele rosna, afasta-se da porta e arrasta-se pelo corredor, encostando o ombro à parede para se apoiar. Desço depressa o resto dos degraus e observo-o a entrar penosamente na cozinha. Olha de relance para mim, e os olhos arregalam-se.

Vai ficar muito desiludido quando encontrar o Baine ou o Timothy no outro ponto de saída.

O fumo verde e púrpura sai das máquinas nos cantos e adensa-se no corredor. O Gary desaparece, o seu corpo despedaçado é engolido pelo fumo e pelas luzes estroboscópicas. Ouço os seus grunhidos e palavrões.

A certa altura, escuto um estalido agudo, seguido de um grito. Tenho quase a certeza de que o pé dele se partiu mais. Corro pela sala de estar e dou a volta à cozinha, entrando por uma abertura lateral. Ao lado da cozinha há um pequeno átrio com uma escada e outra saída. Quando os visitantes chegam ao andar de cima, descem a escada e saem pela porta. De guarda frente ao átrio está o Baine, o meu pequeno ceifeiro.

É esse o seu traje, com o *hoodie* preto e o corpo esquelético. O seu corpo envergonha o do Mortis, com a caixa torácica a sobressair na pele cinzenta. Juntamente com todos os outros ossos do corpo. Ele diz que não gosta de comer, e não o pressiono para corrigir o distúrbio alimentar. A pila dele é magra, mas é a mais comprida, por isso consegue sempre foder-me o cu.

— Puta que te pariu, CABRA!

Bato com uma mão na boca e continuo a dar gargalhadas.

A cabeça do Gary descai, consumido pelo desespero. Os seus ombros estremeçam enquanto um soluço lhe rasga a garganta. A minha mão desce e aproximo-me, ficando com uma visão completa dele. As lágrimas correm-lhe pela cara ensanguentada, produzindo lindas lágrimas cor-de-rosa que lhe escorrem para o chão.

— Mata-me, porra! — soluça, oscilando e perdendo a resistência, quase caindo. O seu corpo sacode-se enquanto chora e, finalmente,

encolhe-se e cai. Os seus soluços intensificam-se enquanto o Baine e eu trocamos um olhar.

Que patético. Viola e abusa de mulheres e, quando é abusado em troca, faz este alarido todo.

— Vais admitir os teus pecados? — pergunto, aproximando-me e inclinando-me, com o meu rosto sobre o dele.

— Que pecados? — balbucia, com o ranho a escorrer-lhe pela boca.

Dou-lhe uma bofetada e fico com a mão a arder devido ao impacto.

— Não te armes em estúpido! O que fizeste à Jennifer? — interrogo, enrolando o lábio sobre os dentes.

— Eu... fiz sexo com ela.

Aparentemente, os seus ouvidos deixaram de funcionar. Agarro na faca e enfio-lha no estômago. Ele suspira, o sangue mistura-se com a saliva enquanto tosse.

— Vou perguntar outra vez — digo serenamente. — O que lhe fizeste?

Ele funga.

— Violei-a — confessa, num grito deplorável. — Ela era minha namorada! Não pensei que fosse assim tão grave!

Os meus olhos arregalam-se enquanto uma espessa película de raiva abrasadora contorce a minha visão.

— Tão grave? — sussurro, chocada com as suas palavras.

Ele gagueja, sem conseguir dizer uma frase coerente, ciente de que cometeu um erro. Tenho a certeza de que vê isso no meu rosto. A estupidez absoluta do que acabou de dizer.

Endireito as costas, e um sorriso calmo instala-se no meu rosto.

As suas palavras apenas confirmam o meu julgamento. Sempre que me dão razão, sinto-me em paz. Soltando um suspiro, viro-me e vou procurar a minha *Mace* — um bastão de madeira longo e esguio coberto de espigões. Normalmente, é usado como adereço. Por vezes, o Chacal leva-o na mão. O que ninguém sabe é que é real. Os espigões não são de plástico, mas sim de metal afiado.

Quando volto para junto do Gary, ele ainda está no chão a lamentar-se. A situação vai complicar-se quando vir o que tenho na mão. Os seus olhos saltam e começa a gemer desesperadamente.

— Não, não, não, por favor, não — grita, com lágrimas a escorrerem-lhe pela cara avermelhada. Acho que é melhor do que o cinzento.

Mas ele continua a não ter bom aspeto.

O Baine aproxima-se, os seus olhos observam atentamente enquanto bato com a *Mace* no seu outro pé, para me certificar de que o Gary não escapa. Ele grita e fica com a cara vermelha como um tomate. O seu pé está quase a separar-se da perna. O sangue escorre em jorros da confusão de polpa que é agora o tornozelo.

O Baine aperta a pila, dura e tensa por baixo do seu fato preto. Sorrio, sentindo o meu próprio desejo a crescer no ápice das minhas coxas.

Os meus capangas foram *feitos* para mim. Todos eles.

Com destreza, desaperto o cinto do Gary e puxo-lhe as calças. Ele contorce-se, tentando o melhor que pode para se livrar das minhas mãos, mas só consegue baixá-las mais depressa.

— O que estás a fazer? — grita, em pânico.

Os *boxers* dele descem a seguir, e quase me engasgo com o cheiro.

— Gary. Alguma vez lavas o cu? — pergunto-lhe com seriedade e o rosto contraído de repulsa. Quer dizer, quando foi a *última vez* que este parasita imundo tomou banho?

Nunca perceberei o que vê a Jennifer nele. É impossível que o veja com óculos cor-de-rosa. Ela usa óculos pretos. É a única forma de olhar para o Gary e não ver nada de revoltante.

Cospe-me maldições, mas ignoro-as. São apenas palavras vazias de sentido. Como podem ter algum significado vindas da boca de um demónio?

— Disseste que não fizeste nada de especial à Jennifer — repito. A debater-se desesperadamente, ele não responde. Já sabe o que vai acontecer.

O Baine também sabe. O seu roupão foi puxado para o lado e, no punho bem cerrado, ele bombeia a pila. O Gary não lhe presta atenção, o seu terror é demasiado forte para se fixar no ceifeiro que se masturba sobre a sua cabeça.

— Se achas que violar uma flor inocente não é *nada de especial*, então vou dar-te a mesma honra. Não deve ser nada de especial, certo? — digo, virando-o de barriga para baixo. Ele parece uma sanguessuga a contorcer-se.

Solto uma gargalhada quando ele começa a hiperventilar.

— Retiro o que disse! Retiro o que disse!

O cu dele cheira mal, mas é um pequeno preço a pagar. Nem sequer me dou ao trabalho de abrir as suas nádegas lisas. A ponta do bastão está posicionada no ânus dele, e empurro-a para cima.

No entanto, não desliza facilmente. É necessário esforço e manobras.

— Para! *Por favor*, para! — Não o ouço. Continuo a empurrar até que o bastão se enfia no seu ânus. O sangue jorra da ferida enquanto o fodo com a arma de espinhos.

— Não é nada de especial, certo, Gary? — berro por cima dos seus gritos, quase histérica. Deslizo o bastão para dentro e para fora, tremendo de prazer com os ruídos que o seu corpo faz quando é dilacerado.

O Baine sacode o pénis mais depressa, com o queixo encostado ao peito, enquanto observa a cena com um encanto evidente. Os gemidos escapam-lhe da garganta e, em breve, o esperma jorra da sua pila, caindo no chão e misturando-se com o sangue do Gary.

Rio-me, embora o Gary nem sequer tenha reparado, pois as suas entranhas estão a ser arrastadas para fora do ânus. Puxo o bastão, com os intestinos e outras partes enrolados nos espigões.

O Gary tem convulsões enquanto lhe saem as entranhas. Em segundos, os seus gritos cessam e instala-se o silêncio na casa. Só se ouve a minha respiração pesada.

Os meus olhos pousam nos olhos sem fundo do Baine.

— Traz os outros para aqui. Agora.

## CAPÍTULO 6

O meu pulso vibra de excitação enquanto tiro a camisa de dormir ensanguentada e os chinelos. O Timothy surge vindo das profundezas da casa, exibindo o seu corpo glorioso. Para quando vê o Gary e o caos que provoquei. Depois, o seu olhar desliza para mim, para o meu corpo nu coberto de sangue.

— Queres que limpe, Sibby? — pergunta, com uma voz profunda e entusiasmada.

Sorriso alegremente.

— Ainda não.

O Chacal e o Mortis aparecem, ambos com um olhar faminto, devorando o meu corpo nu. O Chacal lambe os lábios ensanguentados, ansioso por fazer o que os seus olhos transmitem. Ele parece alguém que já rasgou uma pessoa com os dentes, e agora quero que me faça o mesmo.

O Cronus entra atrás deles e, embora não consiga ver a boca e os olhos por baixo das próteses, o seu corpo vibra de desejo.

Por último surge o Baine. Ele é o fantasma da casa, sempre fora de vista até que a sua presença seja necessária.

O calor acumula-se entre as minhas coxas enquanto os meus rapazes se juntam à minha volta. Ávidos e famintos por mim, tal como estou sempre por eles.

Num canto da cozinha, vê-se um mesa de madeira com o tampo ornamentado, e, em cada cadeira, estão sentados manequins com a carne arrancada dos rostos e as bocas abertas. Os utensílios estão agarrados às suas mãos, e no meio da mesa há outro cadáver falso com o peito esfolado. Partes do falso humano estão nos pratos à frente de cada manequim canibal, prontos a ser comidos.

O Mortis puxa uma das cadeiras e senta-se, deixando de lado o boneco grotesco. Adora ver primeiro, acariciando a sua pila suavemente para não se vir demasiado depressa.

— Cronus, querido, podes pôr esse cadáver num sítio qualquer? — pergunto, apontando para o manequim esfolado e aberto. O Cronus atende ao meu pedido, puxando as cadeiras e empurrando-as para o lado. Por fim, arrasta o manequim para fora da mesa.

Ansiosa, rastejo para cima da mesa, com o rabo virado para eles, arqueando as costas e baixando a parte de cima do corpo para a madeira fria. Os meus mamilos contraem-se no segundo em que tocam na madeira.

O Timothy agarra nas minhas ancas, puxando-me para ele, de modo a que os meus joelhos se equilibrem precariamente na borda. Depois, afasta-se e agacha-se no chão, encostando as costas à borda da mesa e inclinando a cabeça para trás, ficando com a cara no meio das minhas pernas. Levantando a mão, segura-me nas ancas mais uma vez e baixa-me para a sua cara, a língua comprida a serpentear e a lamber a minha cona.

Um gemido ofegante escapa-me, e os meus olhos reviram-se enquanto a sua língua me explora. O Chacal passa por cima do Timothy, com a pila bem agarrada enquanto guia a ponta até à minha entrada. Olho para o Chacal e sorrio quando o sangue falso escorre da sua boca para a minha nádega. Os seus dedos queimados passam pelo sangue, misturando o falso com o verdadeiro.

Ele não quebra o contacto visual, e os seus olhos amarelos brilham de desejo enquanto me penetra. A minha boca abre-se, as sensações provocam-me arrepios imediatos. A cabeça do Chacal inclina-se

para trás, e um gemido longo, mas silencioso, escapa-lhe da garganta. Ele é sempre tão calmo, mas a sua presença é a mais ruidosa.

O seu queixo desce, olhando-me fixamente mais uma vez, enquanto cria um ritmo constante. A minha boca fica aberta, soltando pequenos gemidos que não conseguiria conter nem que tentasse.

O Cronus apressa-se a subir para a mesa, dando a volta a fim de se ajoelhar à minha frente. Levanto a cabeça e abro a boca. Vislumbro a sua pila grossa e cheia de veias antes de ser enfiada na minha boca, quase me sufocando com o comprimento. Gemo à volta do seu pénis, mas a minha boca está demasiado cheia para que o som possa sair.

Exatamente como eles desejam.

A língua do Timothy toca-me no clitóris, chupando e lambendo. Baixo-me e puxo os tufos do seu cabelo azul, recebendo em troca um gemido que vibra contra a minha vagina. O êxtase irradia por todo o lado quando a sua língua passa pelo feixe de nervos sensíveis e onde o pénis do Chacal desliza para dentro e para fora de mim. A baba forma-se nos cantos da minha boca enquanto as pernas me tremem com o intenso prazer que irradia do meu núcleo.

O Baine sobe para a mesa a seguir, montando o meu corpo com os pés bem assentes na superfície de madeira. Ele recua lentamente, enquanto o Chacal se afasta, abrindo espaço para o Baine e continuando a foder-me. O Chacal retira-se o tempo suficiente para permitir que o Baine enfie o seu pénis dentro de mim, cobrindo-se com os meus fluidos. Ele retira-se e o Chacal recomeça, penetrando-me com uma ferocidade renovada.

O Baine agarra na minha anca com uma mão, guiando o seu pénis com a outra até a ponta coroar o meu buraco apertado. Fecho os olhos, a tremer de prazer e de dor por saber o que está para vir. Numa só investida, o Baine instala-se dentro de mim. Um grito percorre o corpo do Cronus. Ele sacode-se na minha boca, e um gemido ofegante sai-lhe da garganta.

— És tão apertada — murmura o Baine, as suas palavras impregnadas de pecado. — Coberta de sangue, parecendo uma maldita deusa da morte.

— Ela também sabe tão bem — suspira o Timothy em redor do meu centro, quase esmagando os lábios contra mim.

O Baine não me dá um momento para me adaptar. As suas ancas batem em mim, sacudindo-me e fazendo com que o Chacal escorregue da minha cona. A dor consome-me o rabo, o fogo lambe as bordas da minha entrada, que não é tão proibida assim. Ele desliza lentamente para fora e penetra-me de novo. Repete o processo até a dor se dissipar e o prazer se instalar. Quando volto a arquear-me para o Baine, o Chacal bate com a ponta do pénis na minha entrada, provocando-me.

Recuo a cabeça a fim de permitir que o pénis do Cronus se liberte. O suficiente para exigir:

— Fode-me, Chacal. Preciso tanto.

O Chacal solta um rosnado gutural que vem do fundo do peito, aquiescendo e penetrando-me novamente. As suas ancas aceleram e os meus músculos transformam-se em gelatina. O Cronus passa a mão pela minha nuca e bombeia as ancas, enquanto a cabeça inchada escorrega pela minha garganta, esgotando o oxigénio dos meus pulmões. Eu chupo e lambo a sua carne inchada, passando a língua ao longo da veia grossa que pulsa na minha boca. A baba escorre-me da boca, criando uma poça de saliva por baixo de mim, mas não me importo.

Olho para ele e, agora, mais do que nunca, gostava que as próteses não lhe tapassem os olhos e a boca. Quero ver a sua boca aberta com fome de mim, e os seus olhos a olharem para mim enquanto me vê a chupar-lhe a pila.

A sua mão cheia de veias aperta-me o cabelo, enquanto a outra me acaricia o rosto. Os seus dedos arrastam-se sobre a minha pele com reverência, comunicando que adora o que lhe estou a fazer da única forma que pode.

A euforia cresce no meu núcleo, juntando-se e rodopiando até dominar todo o meu ser. O meu estômago afunda-se, tornando-se impossivelmente apertado até parecer um elástico a ser puxado com

demasiada força. A língua do Timothy gira sobre o meu clitóris na perfeição, e não consigo conter-me.

O elástico estala e caio no precipício. Os meus olhos arregalam-se quando um prazer intenso percorre o meu corpo, roubando-me a respiração dos pulmões. Fico cega, a escuridão tira-me a visão, enquanto me deixo levar pelas ondas que me atravessam. A minha cona bate incontrolavelmente na cara do Timothy, enquanto o Chacal e o Baine me penetram com mais força.

Sinto o Mortis a subir para a mesa. Ele acaricia o meu cabelo e inclina-se para sussurrar no meu ouvido.

— Chiu, Sibby. Tens de ficar em silêncio — exige o Mortis em voz baixa, provocando-me arrepios do pescoço à espinha. Gorgolejo em volta da pila do Cronus, numa tentativa de gemer.

Não *tenho* de fazer nada. Se ninguém ouviu os gritos do Gary, então decerto não me ouvirão.

— Deixem pôr-me debaixo dela — pede o Mortis. O Timothy afasta-se, e o Chacal e o Baine também. O Mortis desliza por baixo de mim, agarrando-me nas pernas e pondo uma de cada lado dele. Deixo o pénis do Cronus escorregar dos meus lábios, sentindo-me já incrivelmente vazia.

O Mortis adora que eu fique por cima. É a posição preferida dele, e eu fico feliz em obedecer. Mordendo o lábio para conter um sorriso largo, deslizo a cabeça da pila do Mortis para cima e para baixo na minha vagina encharcada. Ele geme baixo, os olhos vermelhos brilhando com promessas sombrias.

— Senta-te no meu caralho, Sibby. Agora.

Estou ansiosa por obedecer. Deslizo a cabeça da pila até à minha abertura e baixo as ancas. O Cronus não perde tempo, deslizando a sua pila pelos meus lábios para evitar que o gemido saia. O Chacal e o Baine voltam às suas posições. Lentamente, o Chacal enfia a pila na minha vagina ao lado da do Mortis, e mal respiro. Nunca me vou habituar à sensação de ter duas pilas dentro de um buraco — é demasiado bom.

Quando o Chacal está em posição, o Baine segue o exemplo e desliza de novo para dentro do meu cu.

Fecho os olhos com tanta força que vejo estrelas.

— Quero sentir a cona a encharcar-se com o teu esperma — diz o Mortis antes de levantar a cabeça e puxar os testículos do Cronus para a boca. A cabeça do Cronus sacode-se para trás, as veias da sua garganta pulsam e ele mal consegue reter o rugido que ameaça sair-lhe da boca.

De uma só vez, os meus homens começam a foder-me. A enfiarem-me as pilas até não saber onde eles começam e eu acabo.

— Foda-se, Timmy — grunhe o Chacal por trás de mim. Sorrio à volta da pila do Cronus, sabendo que o Timothy está a enfiar a pila no cu do Chacal. Mais do que tudo, quero ver o Timothy a foder o Chacal, mas não consigo parar de chupar o Cronus.

A pressão aumenta de novo enquanto os meus capangas bombeiam as ancas freneticamente. O som da pele a bater e da respiração pesada enche a sala. As mãos agarram-me em desespero, embora o sangue que cobre o meu corpo lhes dificulte um aperto firme. A ideia envia uma nova onda de prazer direta ao meu âmago.

Perco todo o controlo sobre o meu corpo, caindo contra o Mortis. O Cronus põe a mão na minha garganta, mantendo-me a cabeça erguida enquanto me fode a boca. As veias sob a sua pele avolumam-se, e a visão do seu poder faz com que os meus joelhos tremam. A mão dele aperta cada vez mais, até não conseguir respirar com o seu pénis inchado a invadir-me a boca.

Lágrimas picam-me os olhos e manchas negras pontilham-me a visão.

Preciso de respirar, mas preciso primeiro de me vir.

As investidas dos meus homens tornam-se desleixadas e erráticas à medida que os orgasmos aumentam. O Cronus é o primeiro a atingir o pico, gemendo alto e baixo enquanto o esperma quente jorra da sua pila. A minha boca enche-se, e ele liberta a tensão à volta da minha garganta o suficiente para as minhas faces incharem. Tenho de me concentrar em engolir.

O Cronus desliza para fora, permitindo que os gritos guturais da minha garganta sejam finalmente ouvidos. Venho-me com mais força do que nunca, a minha cona agarra os meus homens com uma força impossível. Não paro de gritar, sem me importar se sou ouvida em duas cidades.

O Chacal e o Baine seguem o exemplo do Mortis. A julgar pelo gemido alto do Timothy, presumo que ele também encontrou a sua libertação.

Parece que estão a ser derramados litros de sémen no meu corpo. A minha barriga incha com a quantidade, e ranjo os dentes contra a incrível plenitude.

E como uma mão a puxar uma marioneta, todos nós caímos, os corpos lânguidos e trémulos.

A minha cabeça roda, a face é esmagada contra o ombro ossudo do Mortis. O sangue espalha-se pela minha face, mas não tenho energia para me importar.

Fico a olhar para o Gary. Ou para o que resta dele. Parece que um poderoso vácuo se ligou à sua boca e sugou-lhe a vida.

Um sorriso cansado desenha-se no meu rosto e a paz instala-se no meu íntimo. Hoje, fiz algo de bom. Mais uma alma maligna expulsa do planeta.

O Mortis bate ao de leve no meu ombro. Com um grunhido, liberto-me dele. Ele e os rapazes levantam-se e começam a limpar a confusão que fiz. O Timothy limpa o sangue, enquanto o Mortis arrasta o corpo do Gary para fora da casa. O Chacal vai procurar os pedaços de corpo perdidos e limpar o andar de cima.

— Como te sentes? — pergunta o Baine, a sua voz mal passa de um sussurro. Fala como se fosse um fantasma.

— Bem — suspiro.

— De manhã, partimos para Seattle, Washington. Ouvi rumores sobre essa área.

Franzo o sobrolho.

— Que rumores? — pergunto baixinho, vendo o Chacal sair da sala com uma mão cheia de dedos e um braço.

— Há lá uma grande rede de pedofilia. Com muitos políticos e celebridades envolvidos.

Os meus olhos arregalam-se. Fico pasmada com estas coisas. Não percebo como podem as pessoas raptar e violar rapazes e raparigas. De bebés inocentes a adolescentes. E depois vendem-nos e torturam-nos das piores formas imagináveis. Acendem-se faíscas de raiva, a minha mente vagueia por todas as coisas horríveis que provavelmente fazem àquelas pobres almas. Pobres almas inocentes. Só uma pessoa deveras má poderia fazer algo assim a uma criança. Um *bebé*.

Só os demónios podiam fazer isso.

— Espero que alguns venham à Feira de Satanás — digo em voz alta. — E se vier mais do que um? — pergunto-me. Surpreendentemente, isso ainda não aconteceu. Mais do que uma alma má a passar pela minha casa ao mesmo tempo. — Como escolheria?

O Baine fica em silêncio por um momento. Os seus dedos brancos e ossudos percorrem a minha pele, provocando-me arrepios. Tremo sob o toque. Os seus dedos percorrem o meu estômago.

— Quem disse que tens de escolher? Mata-os a todos, Sibby.

## Capítulo 7

### Com cerca de dezoito anos

*Foram precisos oito dias, dezasseis horas, vinte e quatro minutos e treze segundos para que a mamã regressasse.*

*Ela entrou no nosso quarto partilhado com um aspeto razoável. O cabelo castanho caía-lhe em volta dos ombros, despenteado. Os olhos castanhos e baços estavam tão sem vida como sempre. A mamã sempre foi magra, mas à medida que os anos passaram, o seu corpo tornou-se mais frágil e os seus ossos curvaram-se, como se recuasse para dentro de si mesma.*

*Por vezes, questiono-me se ela olhou para mim com amor quando nasci. Antes de ele lhe ter sugado a força vital. Como era ela antes dele? Seria vibrante e cheia de vida e amor? Faria tudo com paixão e determinação?*

*Quero saber quem ela era antes de permitir que alguém a destruía tão profundamente.*

— Mamã! — exclamo, correndo para ela e abraçando-a.

*Há muito tempo que aprendi a não a abraçar com muita força. Isso magoa-a.*

*O alívio invade-me com tanta força que preciso de todo o esforço para não cair com a força dele.*

— Estou bem, querida — diz, inexpressiva, dando-me uma palmadinha nas costas antes de se afastar. Passa por mim com os chinelos a arrastarem-se no chão.

*Será que levantava os pés quando andava antes de o papá entrar na sua vida?*

— O que te aconteceu? — pergunto-lhe, seguindo-a como um cãozinho perdido.

*Ela olha para mim, mas os seus olhos estão sempre em movimento, nunca permanecendo no mesmo lugar por mais de um segundo. Nunca olha diretamente para mim. Outra coisa que está a mudar ao longo dos anos é o facto de não me conseguir encarar.*

— *Estava numa das outras casas — responde.*

*O papá criou um pequeno complexo para os membros da Igreja. Vinha de uma longa linhagem de dinheiro antigo, por isso comprou cem acres de terra e construiu dez casas grandes, dispostas num quadrado. Uma vez por mês, designa alguns dos membros de confiança da Igreja para irem buscar mantimentos que necessitamos ao exterior do complexo.*

*Caso contrário, a nenhum é permitido sair do recinto. Sobretudo sem a sua autorização. Todos os dias, vamos à escola com um professor e depois fazemos os trabalhos de casa para nos mantermos ocupados.*

*Quando um homem tem dezoito filhos, com mais cinco a caminho, é importante introduzir algum tipo de lei e ordem no recinto. O papá tenta passar tempo em cada casa, mas até só um dia inteiro em minha casa é demasiado.*

*Nunca saí das instalações. Nem sequer vi como é o resto do mundo. Um dia, vou convencer a mamã a sair daqui comigo, mas a primeira e última vez que falei nisso, ela bateu-me e proibiu-me de repetir essas palavras.*

*Owi, mas só porque o terror estampado no seu rosto me assustou e me fez calar.*

*No entanto, tenho ainda mais medo de que, se esperar muito, a mamã não esteja por perto para se afastar do papá.*

— *Porquê? — pergunto em voz baixa.*

— *Sibby, querida, não te preocupes com isso. O Leonard queria que eu ajudasse nalgumas coisas numa das casas, e ajudei. Tu estavas bem aqui, não estavas?*

*Ela senta-se numa cama de solteiro, frente à minha. Como há mais de sessenta pessoas que frequentam a nossa Igreja, somos obrigados a partilhar quartos. Tive a sorte de o partilhar com a minha mãe. No entanto, sei que o papá me vai cobrar isso. Ele está sempre a ameaçar tirar-mo, mas parece que nunca o faz.*

*Talvez seja porque sabe que a mamã é a única pessoa nesta Igreja que tem algum controlo sobre mim. E o papá tem todo o controlo sobre ela. Como um castelo de cartas, se eu falhar, ela também falhará.*

*E falho muito.*

*Acho que estou a matar a minha mãe.*

— *Acho que sim — sussurro. — O papá não te magoou?*

*Ela suspira, exausta.*

— *Não faças perguntas dessas, Sibby. O Leonard não é um homem mau, só está a fazer o melhor que pode por nós. Tem muitas responsabilidades.*

*Ela está a mentir. Nem sequer acredita nas próprias palavras.*

*Antes que consiga evitar, franzo o lábio de repulsa. A única coisa que ele está a fazer é arranjar pessoas para lhe montarem a pila e tornar a minha vida miserável.*

*Claramente, ele também está a tornar a vida dela num inferno.*

*A mãe afasta o cabelo para trás, sem pensar, só para o tirar dos olhos. Porém, aquele pequeno movimento vira a minha vida de pernas para o ar.*

*Há marcas profundas de mãos à volta do seu pescoço. Ela usa uma camisola de gola alta, o que não é nada de anormal para ela, sobretudo durante o inverno no Ohio. Porém, a camisola está a descair e a expor as mentiras que a mamã me contou.*

*Ele magoou-a.*

*Essas nódoas negras não são apenas azuis, são quase pretas. Quanto tempo e com que força se tem de apertar a garganta de uma mulher para a deixar assim negra?*

*Os meus olhos reviram-se e um suspiro escapa-me dos lábios. Os seus olhos castanhos fixam-se nos meus e dilatam-se ligeiramente. Ela puxa o cabelo para a frente, de modo a cobrir a nódoa negra. No entanto, sabe que não conseguirá disfarçar o que já vi.*

*O seu rosto descaí e os seus olhos desviam-se mais um pouco.*

*Uma montanha de emoções vem à tona. Tantas, que receio nunca mais ser capaz de sair delas. Raiva. Imensa raiva. Um desgosto puro e absoluto. Culpa, vingança, tristeza. Todas as emoções que alguma vez atormentaram um ser humano batem-me no peito e sangram-me no coração.*

*Perdi um pouco da cor vermelha do meu coração naquele momento, substituída por um preto profundo e sem fundo. Sinto-me negra.*

— *Porque mentiste?* — *suplico, com o lábio a tremer. Um soluço sobe-me à garganta e não consigo conter as lágrimas. Nunca senti que as lágrimas fossem uma fraqueza à frente da mamã. Não quando é a única coisa que ela me dá.*

*É um entendimento tácito. Que não há mal nenhum em chorar à frente uma da outra. Mas nunca de mais ninguém.*

— *Querida... — começa, sem saber o que dizer. — A culpa não é tua, Sibel. Sabes que não é.*

— *Então porque o fez ele? — grito, enfurecida com o abuso dela. Com o meu abuso. Com o abuso desta maldita comunidade. Estamos todos a ser sujeitos a isso de uma forma ou de outra pelo mesmo homem. O demónio. O próprio Satanás.*

*Ela olha para o colo, onde os seus dedos ágeis tremem. Os mesmos que secaram tantas lágrimas, que me tiraram o cabelo da cara, que me ajudaram a levantar depois de ter caído. Ela própria era apenas uma criança quando eu nasci, longe da maturidade que deveria ter ao ser mãe.*

*Ela não é perfeita, mas é a melhor mãe que poderia pedir, dada a fragilidade da sua sanidade. A sua mente está a desfazer-se diante dos meus olhos. Há dezoito longos anos que é assim, e ela está quase a desistir. Sinto-o nos ossos, e esse conhecimento transmite uma nova dose de pânico à minha corrente sanguínea. Aperta-me os pulmões como uma píton, enviando-me lenta mas seguramente para uma sepultura prematura.*

— *Porque faz alguma coisa por aqui? — sussurra. As palavras não eram para eu ouvir, mas ouvi-as.*

— *Vamos embora — suplico. — Por favor, mamã. Sabes que ele é mau. Podemos fugir juntas e começar uma vida nova longe dele. Num sítio onde nunca nos encontre.*

*Uma lágrima corre-lhe pela face. Limpa-a rapidamente, como se nunca tivesse existido.*

— *Não posso — responde, com a voz a tremer, e deixa escapar um soluço. Bate com a mão na boca, mitigando o som.*

*Mas ninguém consegue silenciar o desgosto. É alto e doloroso. Mesmo depois de sofrermos e nos curarmos, permanece no fundo, entrando sorrateiramente na nossa vida quando pensamos tê-lo ultrapassado.*

*A mamã é bem versada em desgostos; sente-os desde que perdeu a vida. Agora, é apenas uma casca de mulher, enquanto a sua alma almeja algo melhor.*

*Mais lágrimas correm pelo meu rosto. O desespero vem à tona. Porque não quero que a mamã me deixe. Quero que possamos sair daqui. Quero que ela encontre essa coisa melhor comigo. Juntas.*

*Levanto-me, corro para junto dela e sento-me ao seu lado. Assim que a abraço, ela perde o controlo. Desfaz-se nas minhas mãos. Quero apanhar os pedaços, mas são como areia e escapam-me por entre os dedos.*

*Por isso, faço a única coisa possível neste momento. Seguro-a. Conforto-a. Amo-a.*

*Ela liberta quase duas décadas de trauma, abuso e tristeza. Chora tanto que chega a demorar um minuto a recuperar o fôlego. Uma e outra vez, até não restar nada dela para dar.*

*Choro com ela, apertando-a mais contra mim. Sinto a sua pele na minha. É quente e macia. Desespero por sentir a sua pele, por isso, seguro a sua mão na minha enquanto ela usa a outra para acalmar a dor.*

*Lentamente, ela recupera a compostura. Junta os seus pedaços e volta a colocá-los dentro dela. Continuam partidos, mas pelo menos já não estão aos seus pés.*

*Depois de limpar as lágrimas e o nariz com um lenço de papel que estava na mesinha de cabeceira, endireita-se e aclara a garganta.*

*— Não devias ter visto aquilo — diz, com a voz calma, mas exausta.*

*— Não devias ter sido castigada pelos meus erros — argumento.*

*Ela abana a cabeça.*

*— Estou aqui por causa dos meus erros. Tu estás aqui por causa dos meus erros, Sibel.*

*Abano a cabeça e abro a boca para argumentar, mas ela levanta a mão para me impedir. A mão que me impede de continuar parece pertencer a uma mulher de oitenta anos e não a uma rapariga de vinte e nove.*

*— Tudo vai ficar bem em breve, Sibby. És mais forte do que eu. Portanto, és a única que consegue fazer frente ao Leonard. Tens um fogo que eu simplesmente não possuo. — Ela faz uma pausa e respira fundo, como se estivesse a reunir forças para o que vai dizer a seguir.*

*— Portanto, és a única pessoa que o pode deter.*

*Os meus olhos arregalam-se e olho para ela com incredulidade. Ela não pode estar a dizer o que penso. Recompõe-se e dirige-se à sua mesa de cabeceira. Tira*

*de lá uma linda faca. O cabo é cor-de-rosa e a madeira é esculpida e ornamentada à mão.*

*É tão... bonita!*

*Não sei de onde veio, nem há quanto tempo a tem, mas já não importa. Ela está a dar-ma. E não sei bem como me devo sentir em relação a isso.*

*Ela dá-ma. Quando lhe vou tirar a faca, resiste e olha-me nos olhos com intensidade.*

*— Percebes o que estou a dizer? — pergunta, pondo a outra mão na minha coxa e apertando-a.*

*Com dificuldade, aceno com a cabeça.*

*— Boa menina — diz, dando-me uma palmadinha na coxa e largando a lâmina na minha mão. — Agora, vamos dormir.*

*Uma sensação estranha e avassaladora estreita-me o coração. Sem pensar, envolvo a mamã num abraço apertado. Sei que, se não o fizer, ela vai escapar-me por entre os dedos. Ela abraça-me com a mesma força, sem proferir uma queixa.*

*— Amo-te, mamã — sussurro-lhe.*

*É preciso engolir várias vezes antes de ela conseguir dizer:*

*— Também te amo, minha querida. Vais fazer grandes coisas na vida, tenho a certeza.*

*Depois disso, deixo-a em paz, mas não tiro os olhos dela. Fico acordada a noite toda, a olhar para a sua forma imóvel, segurando a minha nova faca. Mal pestanejo, recusando-me a desviar o olhar dela, mesmo que seja por um segundo. Não se mexe. E é então que finalmente se liberta.*

*De manhã cedo, quando afasto os olhos dela, olho para o despertador e vejo-o tocar, bem alto. Mas ela não se move. Não se mexe do sítio.*

*Não sabia que ela se envenenara antes de vir para o nosso quarto. Encontrei ricina na bancada da casa de banho quando percebi que estava morta; ela nem tentou esconder o que fez. Só as pessoas de confiança que saem todos os meses é que lhe teriam conseguido arranjar isso. Quando o papá percebeu que fora traído, nem tentou descobrir quem lhe dera o veneno.*

*Matou-as todas.*

*E fiquei contente. Nenhuma dessas pessoas era pura. Uma permitiu que a mamã me deixasse aqui sozinha. E odeio-as por isso.*

## O JOGO DE SATANÁS

*Nunca saberei o momento em que deu o último suspiro. Nunca saberei por que razão escolheu matar-se em vez de fugir comigo.*

*Ou por que motivo a morte era mais apelativa do que uma vida comigo.*

*Mas o que mais me dói é saber que passei a noite a olhar para o cadáver da minha mãe sem sequer me aperceber disso.*



## CAPÍTULO 8

— Está frio aqui — reclamo, sussurrando enquanto os membros da equipa percorrem a casa, acabando de preparar tudo. As coisas grandes são fáceis, são os pequenos adereços que se tornam complicados. As molduras que revestem as paredes, a colocação da roupa lavada nas camas. As dezenas de manequins e os restantes adereços. Imagino que seja cansativo.

Ainda bem que a Feira de Satanás contrata uma equipa em cada local para ajudar a montar as casas. Só nos é dada uma pequena janela de tempo para nos instalarmos no novo local e começarmos a construir antes da abertura da feira. O ritmo é acelerado e pode ser um pouco avassalador, dada a quantidade de pessoas que passam por lá.

Sempre detestei esperar que levantassem as paredes para poder entrar nelas. Tenho de esperar lá fora até estarem prontas, afastada de olhares curiosos.

O Chacal senta-se ao meu lado, observando-me enquanto olho para o pequeno mundo fora das minhas paredes. Por vezes, gostava de me juntar a eles. No entanto, é mais seguro ficar atrás das paredes. Quanto menos souberem sobre mim, mais fácil será o meu trabalho.

Algo me diz que não me aceitariam tão bem se soubessem que prefiro esconder-me atrás das paredes. Isso faz com que as pessoas se

sintam desconfortáveis, sabendo que existe alguém a espiá-las. Pessoalmente, não me importava.

Uma onda de calor percorre-me o corpo quando penso num dos meus capangas atrás das paredes, a ver-me executar um demónio. A ver como me pinto com o seu sangue e depois me toco.. Talvez da próxima vez experimentemos isso.

Adoro os meus capangas. Mas continuo a sentir-me só. Vejo amizades como a da Jennifer e a da Sarah — apesar de falsas — e sinto alguma inveja. Como seria a minha vida se tivesse alguém com quem passar o tempo? Fazer coisas de raparigas quando me quero afastar dos homens.

Será que eles aceitariam a minha missão? Talvez até os atraísse? Não faria mal nenhum ter outra mulher cá fora para atrair todos os homens maus. Não que todos os homens sejam maus, mas a maioria dos que passam pela minha casa são.

Suspiro. A Jennifer e a Sarah já se foram embora. Com a Feira de Satanás a viajar por todo o país, eles contratam um conjunto de pessoas em cada local. É mais barato, dizem. No entanto, muitos dos funcionários regressam todos os anos, o que me permite ver caras conhecidas. Dizem que lhes pagam bem e que trabalhar na Feira de Satanás é uma posição honrosa.

Estremeço novamente, com uma corrente de ar a entrar pela porta da frente. O meu fato não aquece muito e, como eles entram e saem com tanta frequência, não consigo aquecer-me.

— Queres que te aqueça? — pergunta o Chacal. Olho para ele e vejo-o a esfregar a pila dura por baixo das calças. Mordo o lábio, a pensar.

Os meus homens são irresistíveis. Como poderia dizer não? Mas... tenho de ficar de olho nas coisas...

— Os visitantes só chegam daqui a vinte minutos — lembra-me o Chacal, parecendo sentir que preciso de mais algum incentivo. Sabe que sou obcecada pelo controlo.

— Mas é tão difícil ficar calada — argumento.

Não está a acontecer nada lá fora. Pelo menos, nada de importante.  
— Vem cá, Sibby. Agora mesmo.

Aperto as coxas, sentindo o meu núcleo a latejar em resposta à sua ordem. Com um suspiro resignado, afasto-me da parede e aproximo-me do Chacal. Ele levanta-se antes que eu consiga sentar-me no seu colo e faz-me sinal para que me sente na cadeira.

Ainda ontem à noite, o Gary estava sentado nesta cadeira, petrificado, ciente de que a sua vida se aproximava do fim. A lembrança faz com que a junção entre as minhas coxas fique escorregadia.

Por muito feio que fosse, o medo estampado no seu rosto era tão...  
*giro.*

— Abre as pernas — ordena ele suavemente, fazendo-me regressar ao presente.

Timidamente, abro as pernas para ele, expondo o sexo. A minha respiração é ofegante e a vagina lateja-me sob o seu olhar voraz, antecipando o que me vai fazer. Quão bem me fará sentir.

— Tens de estar calada — lembra-me o Chacal, pondo-se de joelhos. Ele passa o nariz pela minha fenda, inalando. Sangue falso escorre da sua boca larga, e a visão faz-me lembrar quando estava coberta de sangue do Garye ele a foder-me por trás.

— Cheiras tão bem — geme. Sinto um rubor nas faces. Um risinho nervoso escapa-me enquanto me mexo sob ele. O Chacal sempre foi o mais intimidante do grupo, mais até do que o Cronus. Há qualquer coisa na forma como anda e fala, como se comporta, que faz com que as pessoas sintam que ele é uma arma ambulante. É rápido a atacar e capaz de nos matar numa questão de segundos. Mentiria se dissesse que não me intimida um pouco também.

O seu hálito quente percorre a minha pele sensível, causando-me arrepios.

— Chacal — sussurro com impaciência e dureza. Os olhos amarelos espreitam-me, com um sorriso malicioso no seu belo rosto. O sangue espalha-se pela minha cona, mas ele não se importa. Ambos adoramos quando estou encharcada de sangue.

O meu coração acelera e tremo sob o seu olhar.

Não consigo evitar quando ele olha para mim dessa maneira, como um deus que regressa a casa após uma guerra sangrenta e brutal e encontra a esposa à espera na cama. Todos os meus homens são bonitos, apesar da maquilhagem grotesca e das estaturas esguias do Mortis e do Baine. Mas essa é uma das razões pelas quais a feira lhes permite viajar. Atraem as pessoas tanto quanto as afugentam.

Como uma cobra, a sua língua desliza para fora, lambendo-me uma vez antes de desaparecer de novo na sua boca. Estremeço, quase a saltar, quando a língua serpenteia novamente para fora. Assim que vou repreendê-lo outra vez, ele fecha a boca sobre o meu clitóris.

Os meus olhos reviram-se e abre-se-me a boca. É preciso uma força que não sabia que possuía para reprimir o meu gemido. Sentindo a agitação, o Chacal estreita os olhos.

— Paro se fizeres barulho — ameaça, as palavras a zumbir-me nos nervos sensíveis. Estremeço com o seu toque quando volta a pôr a língua de fora.

Aceno com a cabeça. Os meus dentes direitos afundam-se no lábio inferior, prendendo-o na minha boca e sugando-o com força.

O Chacal lambe-me lenta e languidamente. Com prazer. Como se comesse um cone de gelado num dia quente de verão. Cada golpe faz-me tremer os olhos e as coxas.

Quando atinge um ponto particularmente agradável, escapa-se-me um gemido suave. Os seus grandes olhos fixam-se em mim, imobilizando-me. Mais uma vez, mordo o lábio, esperando que ele não pare por causa do meu deslize.

Como se tivesse sido conjurado do nada, o Timothy entra. Ao ver o que estamos a fazer, abre-se-lhe um sorriso largo na cara de palhaço, mostrando os dentes afiados.

— A Sibby não está a ficar silenciosa — comenta o Chacal. Abro a boca para protestar, mas o Timothy aproxima-se e distraio-me com a forma como os seus músculos se movem sob a pele.

— Eu mantenho-a silenciosa — responde o Timothy em voz baixa e com um sorriso ameaçador. Os meus olhos arregalados observam-no a aproximar-se, mas perco-o de vista quando ele desaparece atrás de mim. Quando começo a virar-me, a boca do Chacal agarra-se ao meu clitóris, sugando-o profundamente.

Ofego, a minha cabeça volta-se para ele enquanto um turbilhão de prazer me percorre. As minhas pálpebras cerram-se, e o Timothy é quase esquecido. Até que sinto o calor da sua presença a apertar atrás de mim. A pila grossa está dura e pressiona entre as minhas omoplatas. Ele balança os quadris uma vez, o suficiente para me mostrar o que lhe faço.

Assim que outro gemido suave começa a escapar, a mão do Timothy agarra-se ao meu pescoço e aproxima a minha cabeça do seu estômago duro. Nesta posição, vejo a cara de palhaço do Timothy, que me mostra um brilho excitado nos olhos azuis intensos. A maioria das pessoas acharia assustador um palhaço a olhar para elas, mas não o Timothy. É demasiado atraente.

A sua mão curva-se à volta da minha garganta, apertando-me as vias respiratórias até apenas um pouco de oxigénio passar.

E, como vingança, o Chacal devora-me viva. Mordendo e lambendo cada centímetro da minha abertura. O meu peito ondula, e quero gritar com o ataque, mas não consigo respirar. Sinto o rosto vermelho e os olhos a revirarem-se com a mistura da língua afiada do Chacal e da mão inflexível do Timothy.

O meu estômago contrai-se à medida que o prazer aumenta. Estrelas explodem no fundo dos meus olhos quando ele se concentra no meu clitóris, onde ele é necessário. A sua língua percorre o feixe de nervos, o êxtase a crescer a partir do pequeno ponto que a língua dele está a sondar. As suas mãos agarram a parte inferior das minhas coxas e erguem-nas, puxando-me os joelhos para junto do peito.

Um ruído estrangulado escapa-me através do aperto da garganta, este novo ângulo proporciona-me mais prazer. Ele continua a

lamber e a chupar, enquanto os seus dedos longos e texturados percorrem a minha abertura. As queimaduras na sua carne parecem reais, e adoro a sensação que provoca em mim.

Inspiro o pouco que posso, com as pernas a tremerem. Antes que me consiga preparar, os seus dedos mergulham em mim. A minha boca abre-se num grito silencioso e arqueio as costas.

Mal consigo evitar que os meus olhos se revirem, mas vejo o rosto do Timothy. Está a lamber os lábios, com um olhar faminto e desesperado. A sua outra mão passa por cima do meu ombro e desce até ao peito. Os meus mamilos quase me perfuram a camisa de dormir. Ele aperta um deles, tocando-lhe e enviando ondas de choque para a minha vagina.

Outra flexão da mão do Timothy a avisar-me que fique quieta. Ele consegue sentir o gemido na minha garganta. Continua a apertar o meu mamilo com força, até a dor me cegar, e depois solta e deixa a língua do Chacal roubar-me a dor.

Não aguento mais. A tensão aumenta e o meu mundo explode. O Timothy cronometra-o na perfeição, soltando-me a garganta para que o sangue se liberte da minha cabeça, causando delírio à medida que cavalgo as ondas. Ele bate com a mão na minha boca antes que eu possa emitir um som, embora esteja quase a gritar sob a sua mão.

Fico sem fôlego à medida que as ondas do orgasmo me atravessam. Já não consigo ver, mas sinto o corpo a esmagar-se contra a língua larga do Chacal com movimentos agitados e desesperados.

Isto é o mais perto que vou chegar do céu enquanto a minha alma estiver presa neste corpo.

O prazer desvanece-se lentamente, e quando olho para baixo, vejo o Chacal a sorrir, com os meus sucos a cobrirem-lhe a cara queimada e a pingarem-lhe do queixo.

— A feira vai abrir em breve. Prepara-te — ordena, com a voz embargada pela fome.

Ele levanta-se, preparado para deixar os meus sucos secarem-lhe na cara, e afasta-se, desaparecendo na escuridão dos corredores.

Seguindo o seu exemplo, o Timothy afasta-se também. Mas não sem antes se virar e piscar-me o olho, com um sorriso vitorioso no rosto. Sorrio em resposta. O Timothy é sempre o mais entusiasta. Adora ver-me feliz.

Quando se vão embora, sinto-me de novo um pouco vazia. Mas compreendo. Eles têm de ir lá para fora e assustar os visitantes, perseguindo-os enquanto eles se agarram desesperadamente aos seus *corndogs* e algodão-doce.

Franzo o sobrolho ao lembrar-me do meu algodão-doce enlameado de ontem.

Não faz mal, vou roubar mais.

Com o peito ainda apertado, fecho as pernas trémulas e respiro fundo por um momento. Afinal, não fiz muito barulho por baixo da mão do Timothy. Nada que se sobrepusse às pancadas e às conversas que se ouviam do lado de fora das paredes enquanto o pessoal acabava de se instalar.

A minha casa começa a ficar mais sossegada e, em vez das ordens que são gritadas, ouve-se música assustadora que toca repetidamente. Comecei a ouvir esta música enquanto dormia. Os sons irritam-me há muito tempo, mas é um pequeno preço a pagar.

Durante as duas horas seguintes, o ar enche-se de gritos altos vindos do exterior. Começa a entrar o aroma a comida gordurosa, além do cheiro a plástico e a maquilhagem cara.

O meu estômago ronca e é uma altura tão boa como qualquer outra para ir lá fora, comer e observar o movimento.

Não há forma de saber se alguém que dirige uma rede de pedofilia viria para aqui. No entanto, compreendo porque é que o Baine pensa que sim.

É uma feira assombrada com milhares de crianças à solta. Milhares de raparigas com roupas reveladoras, longe dos pais e a fazer diabruras. É um local privilegiado para alguém apanhar a próxima vítima. Com tanta gente, seria quase impossível encontrá-las.

Sobretudo à noite, quando os monstros saem para brincar e os grupos de amigos se dispersam como formigas, afastando-se uns dos outros para fugir dos perseguidores.

Espero que a costa esteja livre antes de abandonar o esconderijo e sair a correr de casa. Um ataque de arrepios consome-me o corpo, o ar frio agride-me a pele. Mas quando olho para cima, os arrepios desvanecem-se, e os meus pés abrandam, o meu corpo para enquanto vejo a cena à minha frente.

Hordas por todo o lado, a rir e a gracejar. A consumir o seu peso em comida. Gritos de riso enquanto as máquinas de diversão elevam as pessoas a centenas de metros, antes de as descerem novamente. Uma e outra vez, em círculos vertiginosos e a uma velocidade incrível.

Quando comecei a trabalhar aqui, fiz questão de roubar alguns bilhetes e entrar em todas as atrações. Foi a primeira e única vez que andei na montanha-russa. Estar tão alto no ar era libertador e excitante. Suspensa a centenas de metros no céu, naquele pequeno momento, foi a única vez em que senti que o papá não me podia apanhar.

Deliciei-me com essa sensação durante toda a noite. Sobretudo porque sabia que seria a última vez que me permitiria esse prazer.

Como um verdadeiro crente, dedico-me à missão. O tempo que passo no recinto da feira destina-se apenas a atrair demónios para a minha casa de bonecas e a comer, embora desistisse disso se o meu corpo o permitisse.

Portanto, limito-me a observar os visitantes a divertirem-se. O som dos gritos emocionados e das gargalhadas felizes enche-me de alegria.

Mesmo com o frio intenso que se faz sentir em Washington.

A Feira de Satanás é incrível. Apesar de o sol ainda não se ter posto completamente, grandes lâmpadas ao longo de todas as atrações e edifícios à vista piscam com mosaicos de azuis, rosas, vermelhos, roxos e verdes. Nuvens de fumo colorido flutuam no céu a partir das máquinas de fumo distribuídas por todo o recinto, com as cores a transformarem-se em novos tons.

É tão *bonito*.

Os monstros estão pintados nos camiões de comida, representando os seres assustadores que seguram pratos de hambúrgueres e batatas fritas ou uma limonada. Alguns dos monstros são retratados a comer: orelhas de elefante, cachorros-quentes e *Oreos* fritos colocados nas suas bocas, com dentes afiados a espreitar por baixo dos lábios.

O meu estômago ronca e lembro-me de mim.

As casas assombradas abrem ao cair da noite. Portanto, daqui a algumas horas. A feira só deixa entrar as pessoas por volta das cinco, dando-lhes tempo suficiente para passear e comer antes de serem atraídas para as casas assustadoras.

Desço os degraus e sigo o meu nariz até à primeira carrinha de comida que vejo. Estão a oferecer batatas fritas quentes e *cheesesteaks* à moda de Filadélfia. Fico com água na boca ao sentir o cheiro de fritos, carne a crepitar e muitas especiarias.

O problema de me esconder nas paredes é que não sou paga pelo trabalho. O que me força a agir quando preciso de comer.

Uma mulher passa com os filhos jovens e desordeiros, empurrando um carrinho com um bebé a dormir. Sorrio, pois as faces do pequeno querubim estão rosadas com o frio. O bebé está aninhado em cobertores e numa camisola felpuda. As suas longas pestanas cobrem-lhe as bochechas enquanto dorme tranquilamente, apesar dos gritos e da conversa que o rodeia.

Oh, como gostaria de voltar a ser tão inocente e inconsciente do mundo depravado que me rodeia!

*Vês esta menina, Sibby? Ela é devota de Deus e quer beber o néctar para si própria.*

Abano a cabeça com força, fechando os olhos às recordações indesejadas. Aquela rapariga de doze anos deu à luz mais alguns bebés do papá. Morreu de complicações no parto, aos quinze anos, do terceiro filho — meu irmão —, um nado-morto que arrastou a vida da mãe.

Acho que foi a coisa mais simpática que alguém poderia ter feito por ela. Aquele bebé ofereceu-lhe uma oportunidade de fuga, que aceitou de bom grado.

Cerrando os dentes, forço-me a concentrar-me no bebé inocente. Adorava ir dizer olá, mas os bebés não gostam da minha cara. A culpa não é minha, este lugar não é para um bebé, mas compreendo que algumas mães não têm escolha.

Deixei-a passar, reparando na carteira que saía do carrinho.

Não vou roubar uma mãe solteira. Ela parece exausta, embora mantenha um pequeno sorriso no rosto enquanto segue os filhos adolescentes, feliz por eles estarem felizes.

Um homem de meia-idade passa com uma criança zangada a calcar com força a relva ao seu lado. O pai grita com o miúdo, chamando-lhe nomes e repreendendo-o por ter fugido com os amigos. Ao que parece, é um pai severo. Este miúdo só queria divertir-se com os amigos.

A carteira está enfiada no bolso de trás enquanto ele se dirige para a saída. A sua mão está firmemente agarrada ao braço da criança, impedindo-a de fugir de novo. Lembro-me muitas vezes do papá a segurar-me da mesma maneira. Normalmente, quando comia sem rezar primeiro, ele obrigava-me a ir para o quarto.

Os meus irmãos observavam, com a tristeza a brilhar nos seus olhos mortícios. Nunca lutaram com o papá como eu. Nunca lhe desobedeceram porque o castigo deixava sempre marcas.

Diante dos meus olhos, vejo o pai zangado transformar-se no papá e o miúdo numa versão mais jovem de mim. Pavoneio-me atrás do pai, com passos ligeiros.

É demasiado fácil. A carteira escorrega-lhe do bolso de trás, pois está apenas concentrado em envergonhar o pobre filho. Afasto-me a correr, mas a criança apercebe-se. Demoro um momento a deixar de me ver, até que a minha cara vermelha se transforma novamente na do rapazinho, com os olhos castanhos arregalados de lágrimas de raiva e embaraço. Quando ele vê a minha mão, um

pequeno sorriso surge-lhe no rosto e vira-se deliberadamente para o outro lado.

É bem possível que ele seja castigado pela falta da carteira do pai. Já estou a imaginá-lo. Um dedo apontado à cara da criança, enquanto grita com raiva: *Se não fosses a essa feira estúpida, não teria perdido a minha carteira!*

Por momentos, sinto-me mal. Mas o pai não é podre nem mau. É severo, mas adora o filho. Isso nota-se pela preocupação gravada nos cantos dos olhos quando se afasta. A sua alma cheira a fogueira. Fumegante, mas não podre.

Ele só não sabe como amar da forma correta. Mas aprenderá um dia, quando se arrepender de ter afastado demasiado o filho.

Virando-me para o outro lado, peço e pago o meu *cheesesteak* com o cartão de crédito do homem, juntamente com uma enorme limonada que as minhas mãos pequenas têm dificuldade em segurar. Deito fora o cartão quando acabo e meto o dinheiro no bolso. Como não há câmaras neste local, ninguém descobrirá quem usou o cartão. Quando tentarem, a Feira de Satanás já terá acabado.

Sento-me num banco e vejo as pessoas a passar enquanto como. Só quando estou a beber o último gole da limonada é que sinto um cheiro a podridão.

Fechando os olhos, ergo o queixo e tento identificar a origem do cheiro. Os minutos passam e o cheiro intensifica-se. Quem quer que sejam, aproximam-se de mim.

Abro os olhos e concentro-me em cada indivíduo. Os que passam por mim e os que estão longe, ao fundo, sem se aperceberem da minha presença. Ninguém escapa ao meu julgamento.

Passam mais alguns minutos e o cheiro a podridão é tão forte que quase vomito o que acabei de comer. A comida assenta como pedras no meu estômago enquanto o meu olhar procura desesperadamente a fonte da corrupção.

*Ali.*

Um homem mais velho, com cabelos brancos de lado e um penteado feio. Veste um fato que se adapta perfeitamente ao seu corpo. Apostaria que os botões de punho dele valem mais do que a sua vida. Tem um *Rolex* de ouro no pulso. Nesse *Rolex*, quase impercetível, está uma pequena gota de sangue.

Os meus olhos estreitam-se em fendas finas. Ele encontra-se sentado no banco à minha frente. Ao seu lado deve estar a mulher. Tem um ar frágil e tímido. Tem o cabelo pintado de vermelho e usa batom a condizer. O rosto está coberto de pó de arroz, mas ela não se deu ao trabalho de aplicar maquilhagem para esconder o hematoma na clavícula.

Talvez queira que os outros vejam. Um pedido subtil de ajuda.

Viro-me para o observar descaradamente. Ponho uma expressão vazia enquanto vejo o homem abusivo sentar-se ao lado da mulher, apontando para coisas aleatórias na tentativa de a fazer sorrir. Ela concorda, mas o sorriso é frágil e está a desfazer-se. Ela está morta nos olhos.

Tal como o marido ficará se eu conseguir metê-lo dentro da minha casa.

Sentindo o meu olhar a queimá-lo, ele vira a cabeça até o seu olhar se cruzar com o meu. Respiro fundo, surpreendida pelo vazio total que me observa. Já me cruzei com muitas almas más e podres ao longo da vida. Almas que tenho a certeza que estão a arder nas profundezas do Inferno.

Mas este homem... a sua alma foi forjada *no* Inferno. Esta... *coisa* nunca foi humana. Não nesta vida.

Um sorriso surge-lhe nas faces flácidas. Ele gosta da minha atenção. Posso parecer uma boneca demente e quebrada, mas por baixo da maquilhagem há uma jovem. Tenho vinte e poucos anos, mas com a quantidade de maquilhagem que pus na cara, poderia passar por uma rapariga de dezasseis anos.

Este homem é muito doente.

Sorriso-lhe, mostrando o meu lindo sorriso. O Mortis diz que tenho o sorriso de um anjo. Os demónios adoram os anjos. Querem

sempre o que nunca poderão ter. Adoram manchar o que é puro. É como tentar agarrar num coelho branco com as mãos cobertas de sangue. Os anjos são usados e deitados fora quando já não servem o seu propósito.

Tal como Lúcifer fez com Eva. Ela não comeu uma maçã. Lúcifer fodeu-a e arruinou-a para todos os homens. Depois, atirou-a para o lado, porque ela nunca poderia ser a Lilith.

O homem mau responde na mesma moeda, rindo-se tanto que até a mulher repara. Ela olha-me de relance, o seu olhar desvia-se antes de se fixar de novo em mim, agora com medo. Os seus olhos arregalados saltam entre mim e o marido. Está a ver o marido a atirar-se a outra mulher e, em vez de se encher de ciúmes, teme por mim.

A minha casa de bonecas fica apenas a uns trinta metros, bem à vista. Levanto-me do banco, dou-lhe uma piscadela e volto a caminhar. Os olhos dele nunca vacilam, sinto-os. A ver-me entrar na casa de bonecas, onde ele pensa que me vai encontrar, arrastar-me para um canto escuro e foder a minha rata inocente.

Como está enganado.

Serei eu a encontrá-lo. E certificar-me-ei de o foder tão brutalmente como à mulher de quem ele abusou.

Assim que me esgueiro por trás das paredes, apagam-se as luzes do teto e ligam-se as estroboscópicas. Um fumo espesso sai das máquinhas e vai-se acumulando nas salas, enchendo-as de todas as cores do arco-íris. Dedos fantasmas enrolam-se nos espaços abertos, mascarando os monstros que lá se escondem.

Vinte minutos depois, as portas abrem-se ao público. Durante esse tempo, enquanto os monstros se escondem e esperam, instala-se no ar uma antecipação saborosa. A calmaria antes da tempestade. O silêncio antes dos gritos.

Entra um grupo de raparigas. Curvadas umas sobre as outras, apertam as mãos com força. Inspiro profundamente e lanço o veredito. Um jardim de flores perfuma o ar. Sorrio, os meus olhos reviram-se com a mistura de petúnias, tulipas e margaridas.

No momento oportuno, os monstros saltam e perseguem-nas, obrigando-as a seguir o caminho planejado.

Gritos familiares ecoam no ambiente pungente. Levanto-me e olho ansiosamente para a porta. Os monstros — um palhaço com a pele a descascar e uma mulher com o peito rasgado — voltam aos seus lugares e aguardam os próximos visitantes.

A porta da frente abre-se, mas em vez do homem mais velho e sinistro, entram duas belas raparigas. O meu sorriso desvanece-se e sinto-me desapontada por um instante, antes de o seu cheiro encher o ar. Sou de imediato invadida pelo aroma a jasmim e a rosas.

Quase arregalo os olhos, mas mantenho o foco nas mulheres. São as duas bonitas e contrastam entre si. Uma de cabelo comprido e bonito cor de canela, com sardas claras a salpicar a sua pele cremosa. A outra tem uma pele lisa e castanho-escuro, olhos verde-claros que nos roubam o fôlego e um aro dourado no nariz. Ambas têm corpos bonitos; a rapariga de cabelo cor de canela é mais curvilínea nas ancas, mas não menos arredondada nas zonas certas do que a amiga.

São magnéticas e sou atraída para a sua órbita.

O meu coração afunda-se no estômago enquanto uma sensação estranha se instala.

Estas mulheres estão, sem dúvida, a atrair atenções indesejadas. Pode ser o homem mau com a mulher, mas também podem estar a atrair outras pessoas. E se houver demasiadas almas maléficas na minha casa e eu não conseguir apanhá-las todas?

Embora os meus capangas pudessem dominar várias, isso atrairia as atenções sobre mim. Os outros não compreenderiam a minha missão. Se for apanhada, estou feita.

Respiro fundo, observando o par a guinchar quando os monstros saltam dos esconderijos. Elas correm pela sala de estar, rindo-se à gargalhada enquanto tentam fugir.

O meu estômago revira-se. Não sei que sensação é esta, mas não gosto dela. É de mau agouro.

É como se algo de mal fosse acontecer. É a mesma sensação que tinha quando dizia uma coisa errada ao papá ou fazia asneira nas orações. O seu silêncio tenso antes de explodir e arrastar-me para o castigo.

Os monstros voltam a pôr-se em posição, enquanto a cara me dói devido à força com que a pressionou contra a parede.

A porta abre-se e projeta uma sombra no chão de madeira branca antes de um indivíduo grande entrar, com um *hoodie* na cabeça. Inspiro fundo e fico boquiaberta com a sua estatura. Não é tão grande como o Cronus, mas é o maior homem que alguma vez vi.

Não, não é o tamanho. É a forma como se comporta.

Este não é um homem qualquer.

Este é um homem *perigoso*.

Inspiro e quase me engasgo com o cheiro dele. Não cheira a podre, mas sim a fogo e a enxofre, e a algo... doce. Como... rosas queimadas.

Definitivamente, não é puro. Mas também não posso dizer que seja mau. Pelo menos, não se trata do tipo de maldade que senti antes no velhote.

O homem olha para a esquerda e para a direita, aparentemente a tentar decidir para onde ir. Ao dar mais um passo, os monstros saltam e ele nem sequer estremece. Parece que nem lhes dirige um olhar.

Entra na sala de estar, e os monstros continuam a tentar assustá-lo. Por fim, desistem, revirando os olhos e franzindo o sobrolho devido à estranha experiência.

A ansiedade aumenta no meu peito. Ele está aqui pelas raparigas. Tenho a certeza.

A porta abre-se de novo e o cheiro a ovo podre impregna o ar. Engasgo-me com o cheiro e vejo o homem mau e a mulher. Curiosamente, o demónio olha para as costas do primeiro homem. Os seus olhos estreitam-se e ele lambe os lábios, seguindo na mesma direção. A mulher grita quando os monstros saltam para fora.

— Para de gritar ao meu ouvido — repreende o homem mau. A mulher choraminga, mas permanece em silêncio.

Entram mais três homens. Os meus olhos arregalam-se, o cheiro nauseabundo torna-se avassalador. O fedor faz-me engasgar, juntamente com a ansiedade.

Tal como previra, estão vários homens maus na minha casa. E não conseguirei matá-los a todos.

E eles conhecem-se! Suspiro quando o velho faz uma pausa e a mulher para ao seu lado, confusa. Ele vira-se para os três demónios atrás dele e acena-lhes discretamente com a cabeça na direção em que caminhava. Estará a indicar o homem grande e encapuzado ou as duas raparigas?

Oh, eles estão aqui numa missão. Rosno no fundo do peito. Ninguém entra na minha casa com más intenções e sai impune.

— Também há aqui uma boneca — diz o homem mau, dirigindo-se aos três homens que seguem atrás dele. O que significa que podem ser aquilo de que o Baine me avisou.

Estes homens não querem apenas brincar e tocar nas mulheres de forma inapropriada. Querem *levá-las*. Roubá-las das suas casas, para nunca mais serem vistas.

Corro, atravesso as paredes e subo as escadas. As raparigas já devem estar no meu quarto de brincar, talvez prestes a serem perseguidas por uma boneca demente escondida debaixo da cama.

Quase esmago o nariz na parede na pressa de as encontrar. Suspiro de alívio quando as vejo a entrar no quarto. Ainda não foram apanhadas. E preciso de garantir que isso não acontece.

Os cinco homens devem estar juntos. Entraram uns a seguir aos outros, atrás das raparigas. Não compreendo porque seriam necessários cinco homens para atacar duas jovens.

Não importa. Eles são todos muito doentes. E mesmo que só consiga apanhar um, será melhor do que nada.

A boneca rastejou para fora da cama, perseguindo as raparigas. Ela tomou conta do trabalho da Jennifer, mas não é nem de longe tão competente.

Mordo o lábio e rosno de frustração. Não sou *maluca*, não há maneira de apanhar cinco homens e acabar com eles todos ao mesmo tempo! Sobretudo durante o horário de funcionamento. Quem escolho?

Agarro no meu cabelo e puxo-o enquanto a indecisão me assombra. O homem encapuzado assusta-me mais. Falta-lhe o cheiro a podre, mas é, sem dúvida, o mais perigoso. E vai ficar mais giro amarrado à minha cadeira, a sangrar sob a linda lâmina cor-de-rosa. Se tiver sorte, talvez apanhe também o velhote com a mulher, se isso implicar libertar a pobre das garras do agressor.

Tenho de apanhar o homem encapuzado antes que ele entre nesta sala. Não o conseguirei apanhar com outra pessoa no quarto para o testemunhar. A boneca volta a fechar as portas e rasteja para debaixo da cama, à espera do próximo visitante. Corro em direção ao corredor onde o Chacal se encontra.

O homem encapuzado aparece e começo a cantar através das paredes. Ele imobiliza-se enquanto continuo a entoar a minha assombrosa canção de embalar.

No fim do corredor, o Chacal ganha vida. A cabeça dele vira-se para o homem. Não consigo ver os olhos do sujeito, mas parece que ele o vê. Para minha surpresa, dirige-se ao meu capanga. Fico impressionada com a sua coragem, e interrompo o canto. A maioria afasta-se do Chacal. O papel dele é dissuadir as pessoas de seguirem nessa direção. O caminho deve passar primeiro pelo meu quarto de brincar.

O homem cruza-se com o Chacal e entra noutra quarto. Aproveitando a oportunidade, arrisco-me e saio pela porta pequena para o corredor.

Corro em direção ao Chacal, cuja cabeça está virada na minha direção, com uma expressão de espanto. Ele também está surpreendido.

— Temos de o apanhar *já* — digo. O Chacal segue-me até à sala. Paro um pouco quando vejo o homem grande imobilizado, de costas para mim, a observar à sua volta. Estamos noutra sala cheia de

monstros mecânicos. Um deles irrompe do armário cor-de-rosa no canto mais afastado. Outro sai de um armário cheio de roupa de bebê.

O homem vira-se lentamente para mim. O rosto continua encoberto. As luzes estroboscópicas intermitentes não me dão luz suficiente para ver o seu rosto. Apenas lhe vejo os lábios e o queixo.

— Onde estão elas? — pergunta-me. Tremo com a sua voz. É grave, mas o que me faz arrepiar a espinha é o efeito esfumado do tom.

A voz imita o seu cheiro. Fogo e enxofre.

— A salvo de ti — respondo, enquanto o Chacal me contorna e se coloca ao meu lado. O homem não dá atenção ao meu capanga. Franzo o sobrolho. Isso irrita-me. Ele não parece nada intimidado, e não gosto disso.

Olho para o Chacal.

— Avisa os outros de que duas mulheres estão a ser seguidas e certifica-te de que elas fogem em segurança. Eu trato disto.

O Chacal acena com a cabeça, confiando em mim para lidar com este homem, e sai.

Conseguí capturar um, mas os outros quatro continuam a perseguir as raparigas. Elas ainda não estão a salvo.

Um pequeno sorriso surge no rosto do homem.

— Então és louca, não és? — pergunta em voz baixa.

Recuo, chocada com a suposição. Não *sou* louca.

— Não me chames isso — respondo. — És tu que andas a enganar as mulheres.

Ele arqueia uma sobrancelha.

— Isso só me faz parecer perturbado. Não louco.

A raiva enche-me os pulmões como uma inundação a rebentar uma barragem. Cerro os punhos e as minhas unhas mordem-me a pele. As luas vermelhas crescentes espetam-se na carne da minha mão. Este homem... Mal posso esperar para o matar.

Retiro a minha bela faca de baixo da camisa de noite. Tenho-a sempre presa à coxa para a sacar rapidamente. Não consigo ver os

seus olhos, mas sei que olha para a lâmina, o metal baço a brilhar sob as luzes estroboscópicas. Puxo o pé para trás, agarrando a porta e fechando-a com força atrás de mim.

Não tenho a certeza se caberá nas paredes. Talvez caiba se lhe cortar os braços depressa.

— O que vais fazer com isso, boneca? — troça, alargando os lábios num sorriso sinistro. Os meus olhos estreitam-se e quase me engasgo com a raiva.

Como se atreve! Esta é a *minha* casa de bonecas e ele tem a audácia de me desrespeitar desta forma.

— Vou matar-te, monstro.



## CAPÍTULO 9

O silêncio acolhe-me.

— Porque fizeste isso? — pergunta após uma pausa, dando um passo ameaçador na minha direção.

Por um instante, caio num momento de insanidade e quase dou um passo atrás. A imagem dele cintila e, por uma fração de segundo, vejo o papá a pairar à minha frente. Concentro-me no homem e endireito as costas, forçando-me a manter o meu lugar.

Este monstro *não* vai intimidar-me na minha casa. Sobretudo quando não sou *eu* quem deve ter medo.

— Já fiz o meu julgamento — digo, sorrindo. — E tu falhaste. És um homem mau e estavas aqui para magoar duas mulheres.

— Duas? — pergunta, fingindo estupidez.

— Sim — rosno. — Mereces morrer pelo que planeaste.

— E o que planeei? — Ele dá mais um passo na minha direção. Uma raiva cega faz-me arder a pele. Faço o mesmo e dou um passo na sua direção.

Ele faz uma pausa de apenas meio segundo, antes de se recompor e sorrir. Foi o suficiente. Ele ficou surpreendido.

Dou uma gargalhada, e esboço um sorriso malévolo.

— Não te faças de estúpido, demónio. Ias raptá-las. Provavelmente violá-las e torturá-las. Ias deixar que os teus capangas fizessem o mesmo. Depois, matava-las ou vendia-las a alguém.

Ele não responde. Fica a olhar para mim, com o peito a subir e a descer num ritmo calmo e constante.

— É isso que pensas? — desafia-me, com a voz mais profunda e rouca. Está zangado.

— É o que sei — respondo.

— Então parece que acabámos por aqui — conclui ele, antes de se dirigir rapidamente a mim. Não sei se tenciona ir-se embora ou magoar-me, mas não espero para descobrir. Ataco-o, passando a lâmina pelo seu rosto.

Mas falho. Ele inclina-se para trás, com a ponta da lâmina a alguns centímetros do rosto. Acontece quase em câmara lenta. Quando ele se inclina, apanho o primeiro vislumbre do seu rosto, e ofego, surpreendida com a visão.

De repente, o tempo acelera. Como uma víbora, ele levanta a mão e agarra-me o pulso. Puxo a perna e o meu pé atinge-lhe a rótula. Ele tropeça e larga-me o pulso, surpreendido.

Baixo a faca num arco, mas ele desvia-se.

— Cabra mal-humorada — murmura, num tom quase divertido.

Continuo a golpeá-lo, fazendo-o recuar ainda mais para dentro da sala. Tenho de me apressar e pô-lo a dormir antes que alguém entre. Os meus homens vão manter os visitantes afastados o máximo que puderem, mas isso não significa que os outros membros da equipa não reparem em anomalias no sistema.

O homem esquivava-se a cada golpe com facilidade e rapidez. Parece dançar, e o facto de não me mostrar tão graciosa quanto ele irrita-me imenso. Parece saído de um filme: a forma como o seu corpo se curva à volta da minha faca, as luzes estroboscópicas fazem com que pareça saltar no tempo e no espaço. É evidente que não é inexperiente neste tipo de lutas.

Claro que não é. Trata-se de um maldito sequestrador! Um demónio perverso que rouba os inocentes e os vende em leilões só para ter dinheiro. Tudo por dinheiro e poder.

Isso repugna-me.

Ele tem de morrer. E vai ficar muito giro pendurado pelas entranhas, com o seu sangue a tingir o meu corpo de vermelho. Vou dançar em cima do cadáver retalhado e deixar os meus capangas brincarem comigo.

Frustrada, agarro na minha bela faca e lanço-a contra ele. Não esperava que acertasse em cheio, mas que causasse distração suficiente para o derrubar.

Ele é muito maior e mais forte, mas isso pode ser uma desvantagem. Sou mais pequena e consigo mexer-me mais facilmente do que ele.

O problema é que ele não cai na minha armadilha. Inclina-se para o lado, a faca passa-lhe pela cabeça e aloja-se na parede. Uma pessoa normal olharia para trás, surpreendida pelo movimento da faca. Mas ele não. Continua a olhar para mim por baixo do *hoodie*.

Durante a nossa luta, o *hoodie* descaiu e consegui ver-lhe o rosto. Olhos eletrizantes e desencontrados fitam-me, rodeados de longas e espessas pestanas. Um olho é tão escuro que parece preto. O outro é um azul-gelo tão claro que parece branco. *Yin* e *yang*.

Uma fina cicatriz branca corta-lhe o olho esquerdo, conferindo ao seu rosto um aspeto brutalmente masculino.

Aquele rosto é hipnotizante. É perigoso.

— Tenho tentado não te magoar — rosna baixinho. O tom de perigo iminente na sua voz cria um buraco no meu estômago. Nunca temo os demónios, mas este faz o meu coração acelerar e as palmas das mãos ficarem escorregadias de suor.

E é por isso que ele tem de morrer.

— Que pena. Tenho tentado fazer o oposto — digo.

Um pequeno sorriso surge-lhe nos lábios. Noutra vida, encaixaria perfeitamente nos meus capangas. Ele é lindo e aterrorizante ao mesmo tempo, inspirando terror e exalando uma beleza assombrosa. *Dói-me* olhar para ele. O seu rosto está cheio de cicatrizes e os olhos são inquietantes. Uma vida dura é evidenciada nos cantos da boca. A sua beleza só pode ser vista no rosto do Diabo. Tentador, mas que te evisceraria em segundos.

— A tua alma é feita de enxofre e fogo — sussurro, aproximando-me. — Vem até mim, pequeno demónio. Vou mostrar-te como é o Diabo.

O seu sorriso alarga-se e ele vai ao meu encontro a meio caminho, bloqueando cada um dos meus golpes com facilidade, mas também não conseguindo aplicar nenhum dos seus. Estamos quase em pé de igualdade.

Tenho lutado a vida toda. Lutei contra o papá e os seus castigos. Lutei para sair de um culto perigoso, apenas para combater os demónios que enchem esta Terra de imundície. Não me é estranho usar as mãos para me defender, tal como as uso para matar.

Acerto-lhe um murro na face. Ele não recua com o impacto. Em vez disso, absorve-o como as toalhas que o Timothy usa para limpar o sangue de demónio.

Ele olha para mim, com os olhos a arder de raiva. Faz uma pausa e, apesar de o meu cérebro gritar ao corpo que continue a lutar, os meus membros também congelam. E, tal como antes, a sua mão estende-se, atacando como uma víbora e cravando-se no meu nariz.

A minha cabeça volta-se para trás quando uma dor aguda me explode no rosto. Estrelas pontilham a minha visão, e a força do murro faz-me recuar e tropeçar. Os meus chinelos perdem a tração e caio para trás.

O sangue jorra-me do nariz e solto um grito de frustração.

Que audácia! Que descaramento por parte deste reles parasita!

Olho-o fixamente e mostro os dentes ensanguentados.

— Vou matar-te, raios! — ameaço. Cuspo um pouco, pois não gosto mais do sabor do meu próprio sangue do que do dos monstros.

— Sim, disseste isso — murmura antes de passar por mim, abrir a porta e entrar no corredor.

Levanto-me, à espera de ver o Chacal a puxá-lo de volta ao quarto. Mas isso não acontece. Ouço um grunhido e, quando chego à escuridão do corredor, vejo o Chacal deitado de costas.

— Chacal! — grito, batendo com o pé. Ouvem-se guinchos e risos e entro de novo no quarto antes que alguém me apanhe. Inspiro fundo, pela boca, e expiro.

O meu nariz lateja e está obstruído com sangue, que está a manchar o meu rosto e o meu vestido com gotas vermelhas. Ninguém olharia duas vezes para mim num ambiente destes, mas não quero que vejam o meu rosto.

Apalpo o nariz, com cuidado, e descubro que está partido.

Não faz mal. O papá partiu-mo dezenas de vezes.

*Se te comportas como um demónio, também te vou fazer parecer um, Sibel.*

Respiro fundo, posiciono as mãos e volto a encaixar o osso no sítio. Aperto os olhos com força para afastar as lágrimas. Não interessa que já tenha sentido esta dor, continua a doer muito.

Volto a bater com o pé, desta vez para libertar a raiva reprimida que se agita como um furacão de categoria 5 na minha cavidade torácica. Enchendo-a tão firmemente como o sangue encheu o meu vestido.

Irei cortar este parasita revoltante em milhões de pedaços.

Rastejando de regresso à parede, percorro os corredores, verificando os quartos a fim de ver para onde fugiu a minha presa. Paro quando vejo o homem no mesmo quarto dos quatro homens mais velhos e da mulher.

Um sorriso cresce-me no rosto e a excitação bate-me no pulso, substituindo a raiva. Grito, sem me importar se me ouvem, e corro para a porta. Ouço o homem que acabara de atacar a gemer, ao que parece de frustração. Deve ter ouvido a minha alegria e pressentido a chegada.

Como pensava, quando entro no quarto, o homem já me observa. A frustração e a raiva estão estampadas no seu rosto cheio de cicatrizes.

— Pelo amor de Deus, deixa-me em paz — diz ele.

— Deus não tem nada que ver com isto, tontinho — respondo, rindo-me da sua raiva evidente por me ver de novo. O que pensava que eu ia fazer, deixá-lo ir embora? Que *engraçado*.

Os quatro homens mais velhos viram-se, visivelmente chocados. Um lembra-se de mim e dá-me um sorriso de boas-vindas. Tem o cabelo branco como os outros, mas os seus olhos azuis são afiados como agulhas. Se eu dissecasse aqueles olhos, descobriria de certeza que viram todo o tipo de coisas sórdidas e depravadas, feitas pelas próprias mãos, com um sorriso maléfico no rosto enrugado.

Ele levanta as mãos num gesto de apaziguamento.

— Olá, pedimos imensa desculpa por nos demorarmos. Estávamos apenas a conversar. Vamos sair do seu caminho para que os outros visitantes possam passar.

— Preferia que ficasses — respondo. Os meus olhos encontram-se com os da mulher, os seus olhos verdes redondos de medo. Tento transmitir-lhe que tudo vai ficar bem com um olhar, mas ela parece estar demasiado longe, nas profundezas da histeria. Sinto-me confusa e não compreendo o que o tipo com cicatrizes disse a estes homens, mas a mulher ficou perturbada.

É fisicamente impossível enfrentar todos estes homens em simultâneo. Sobretudo se o das cicatrizes também estiver aqui. Mal me aguentei contra ele e, no fim, ele fugiu.

Vou ter de chamar reforços. Só não sei como fazê-lo sem atrair atenções indesejadas.

O homem com cicatrizes aproxima-se de mim. Levanto as mãos num movimento defensivo, mas ele afasta-as, coloca a sua mão calejada à volta do meu pescoço e empurra-me contra a parede. Antes que eu consiga dar-lhe uma joelhada nos testículos, ele inclina-se e fala-me ao ouvido em voz baixa.

— Ouve-me e com atenção. Temos aqui um inimigo em comum. Aqueles quatro homens são extremamente perigosos e doentios. Estás em desvantagem numérica, e ainda que eu consiga enfrentar quatro velhos decrépitos, facilitarías a minha vida se me ajudasses. Portanto, vamos pôr as diferenças de lado por agora, matar estes idiotas juntos e, depois, podes tentar matar-me, embora falhes. Combinado?

Fico chocada com a proposta e a minha boca abre-se de surpresa.

*Nunca* pensei que isto pudesse acontecer.

Ouço um pigarrear. Espreito por cima do ombro do homem e vejo os outros quatro a dirigirem-se para a porta. O marido agarra no braço da mulher com força e começa a arrastá-la.

Tal como o papá.

Decido de forma precipitada e grito:

— Ótimo. Vamos pô-los a dormir. Posso metê-los dentro das paredes e mantê-los lá até feira fechar. Mas prometo-te: não vou falhar quando terminarmos. E *vou* matar-te.

Ele não responde. Em vez disso, afasta-se e avança para o primeiro homem que encontra. Eles espalham-se como baratas, correndo em direção às duas portas.

Se os meus capangas estivessem comigo, isto acabava mais depressa. No entanto, grande parte de mim está muito curiosa acerca do homem com cicatrizes que me partiu o nariz, e por enquanto mantenho-os afastados.

Corro atrás do homem mais próximo de mim. Ele nem sequer me vê chegar, pois está demasiado empenhado em fugir. Agarro-o pelo casaco e carrego no ponto de pressão.

Ele cai, e passo ao marido.

— Não tão depressa, idiota — grito, segurando-o pelo casaco. A mulher berra, assustada, quando o marido é afastado dela. Ele agarra-lhe no braço com mais força quando o puxo, fazendo-a tropeçar e cair de joelhos.

Suspiro, chocada com o que ele acabou de fazer.

— Isso *não* foi bonito! — exclamo, dando-lhe uma bofetada. O marido luta comigo, mas o meu dedo pressiona o seu ponto de pressão e ele cai como um saco de batatas em segundos.

Os gritos da mulher esmorecem, mas o medo faz com que ela fuja.

— Ei! — grito, mesmo antes de ela agarrar na maçaneta da porta. Ela faz uma pausa e olha para mim por cima do ombro. Está a tremer e receio que entre em choque a qualquer momento.

— Não tem de se preocupar mais com ele, está bem? — digo, apontando para o marido inconsciente. Os olhos dela seguem o meu dedo indicador. Olha para o marido com um misto de medo e alívio. Uma batalha trava-se nos seus olhos. Salvá-lo ou deixá-lo. Mas ambas sabemos qual será a decisão. Se ela se for embora, será livre. *Livre*. Nunca esquecerei a minha primeira prova disso, e estou triste por não poder testemunhar a dela.

— O que vai fazer? — pergunta finalmente, com a voz a tremer.

— Não se preocupe com isso. Fique tranquila, nunca mais o verá. Agora pode viver em paz. No entanto, se contar a alguém sobre isto e o que aconteceu, terei de resolver a situação. Não me faça arrependê-la de a ter deixado ir.

Eu não mato pessoas inocentes. No entanto, neste caso, deixá-la ir é um risco.

Os seus olhos verdes fixam-se nos meus durante dois segundos antes de murmurar um «prometo» e sair, sem me dar tempo para mudar de ideias.

— Percebes que isso foi estúpido, certo? — comenta uma voz profunda atrás de mim. Quase dou um salto, rodopiando para ver o homem com cicatrizes diante dos quatro homens inconscientes.

— Tê-la-ias matado? — desafio.

Ele não hesita.

— Não. Mas certamente não a teria deixado em liberdade.

Antes que eu possa perguntar o que raio significa isso, ele inclina-se, agarra num dos homens pelo colarinho da camisa e arrasta-o para a minha pequena porta.

— Vamos despachar-nos, por favor — grunhe por entre os dentes cerrados.

Por agora, deixo-o ir, passo a porta e ele entra. Arrasta os homens um a um e eu levo-os para o corredor.

— Eu trato disto a partir daqui. A feira fecha às onze horas. As pessoas demoram cerca de quarenta e cinco minutos a sair, por isso, vem ter comigo à meia-noite.

Antes de fechar a porta, lembro-me e abro-a de novo. Ele está a meio caminho da saída quando me ouve.

— Ei! — Ele vira-se e pergunto: — Como te chamas?

Ele olha para mim por um momento, mas abana a cabeça e diz:

— Zade.

— Não vais fazer mal àquelas raparigas, pois não, Zade? — Ele fica a olhar e esclareço: — A rapariga de cabelo castanho-claro e a bonita rapariga negra. Vais deixá-las em paz, certo? Porque, se não o fizeres, o nosso acordo fica sem efeito e mato-te primeiro.

Um pequeno sorriso esboça-se nos seus lábios. Ele é um homem de uma aparência incrível.

— Elas ficam em boas mãos. Palavra de escuteiro — responde, saudando-me com um ar espertalhão. Franzo a testa, sem saber o que isso significa, mas com a certeza de que está a gozar comigo.

Baixando os olhos, percebo-o. O papá dizia a mesma coisa aos membros da família. E estava sempre a mentir.

*Não te preocupes, a tua mãe está em boas mãos. Aqui, ela vai poder seguir o caminho que o Senhor traçou para ela.*

No entanto, isso pode significar muitas coisas, e algumas delas podem ser más intenções. Ele não me dá tempo para chegar a uma conclusão. Vira-se e fecha a porta atrás de si.

Que homem tão estranho!

Sabendo que não os posso salvar a todos, apesar dos cheiros incríveis daquelas duas mulheres, concentro-me no assunto que tenho em mãos. Deparo-me com quatro indivíduos caídos e inconscientes no meu corredor. Ignoro como é que o homem com cicatrizes pôs os outros dois inconscientes, mas sei que os meus dois não ficarão inconscientes por muito mais tempo. Podia paralisá-los com pontos de pressão, mas não gosto desse método.

Não tem piada nenhuma. E gosto *mesmo* de me divertir.

Apresso-me pelos corredores e encontro o Cronus e o Baine. Peço-lhes com urgência que me ajudem a arrastar os homens pelas escadas e a amarrá-los. O problema é que só tenho uma cadeira.

Nunca tive mais do que um demónio de cada vez. Portanto, só me resta uma opção. Localizo o ponto de pressão deles perto da espinal medula e pressiono com força até não haver hipótese de se levantarem. Não há como saber se é permanente, mas isso não importa. Vou pedir ao Mortis que os vigie e certificar-me de que não escapam.

Aprender pontos de pressão é a única coisa que posso agradecer ao papá. Ele tinha um fascínio estranho por ser capaz de debilitar ou até matar alguém com um simples toque do dedo. Tanto poder para arruinar ou acabar com a vida de alguém com um simples movimento.

Implorei-lhe que me ensinasse e, apesar de detestar o papá, passei horas com ele durante mais de um ano até aprender todos os pontos do corpo humano.

Sou imparável. E quando o homem com cicatrizes e eu acabarmos de matar os demónios, voltar-me-ei para ele e dar-lhe-ei o mesmo destino.

Já fiz o meu julgamento. Depois de decidir, ninguém me pode impedir de cumprir o dever.

## CAPÍTULO 10

— Porque demoraste tanto tempo? — exclamo, deixando o homem de olhos desiguais entrar na minha casa de bonecas vazia. Estou zangada. O sacana está trinta minutos atrasado e faz-me perder tempo! Os quatro demónios acordaram há meia hora e arrasam a minha sanidade mental com súplicas e tentativas de fuga.

Nunca tive tantos ao mesmo tempo e já quase arranquei todo o cabelo da cabeça.

O Zade entra na sala, olhando para trás de mim. Os meus capangas estão aglomerados no átrio. Os seus olhos coloridos observam o Zade como cães famintos. Eles conhecem os meus planos para mais tarde. Sabem que terão a sua vez.

O homem com cicatrizes olha para os meus capangas e, depois, varre a área como se procurasse outras pessoas escondidas na casa. E não lhes dá mais atenção. Por lapso, considera-os não ameaçadores, mas vai aprender da maneira mais difícil que são tudo menos isso.

— Fiquei retido por uma coisa — murmura. Num rápido olhar, reparo que os seus lábios estão inchados e há uma pequena gota de sangue no inferior, como se alguém o tivesse mordido. O seu cabelo preto está despenteado, como se tivesse sido puxado por mãos, e o colarinho da camisa por baixo do *hoodie* está levantado.

Quase diria que ele acabara de participar numa sessão de beijos muito intensa. Franço o sobrolho, irritada por me ter feito esperar só para andar aos beijos com uma rapariga.

Que mal-educado! Mal posso esperar para o matar.

— Onde estão eles? — pergunta, chamando a minha atenção de novo para o seu rosto.

Levanto a cabeça, indicando a direção das escadas.

— No meu quarto de brincar.

Ele franze uma sobrancelha, mas mantém-se em silêncio enquanto o conduzo em direção às escadas.

— Fiquem aqui até vos chamar — ordeno aos meus capangas.

— Sibby, tens a certeza? Não confio nesse tipo — murmura o Mortis, dando um passo em frente e olhando para o homem com desdém.

O Zade olha para os meus homens, com a sobrancelha baixa e uma expressão que não consigo identificar. Não sei se está ofendido por não ser de confiança, mas não parece nada contente.

— Consigo desenrascar-me — respondo, começando a subir as escadas.

O Zade segue o exemplo e resmunga.

— Então, qual é a tua cena? — pergunta num tom calmo.

A sua voz é profunda e parece granulosa. É áspera e enegrecida. É uma voz muito sedutora, admito.

— O que queres dizer com a *minha cena*? — reitero bruscamente. Ele faz-me parecer doente.

— Essas pessoas com quem falavas não gostam de mim? — pergunta, com o divertimento a colorir o timbre profundo da voz.

— Os meus capangas? Não. Eles também não confiam em ti.

— Ordenaste-lhes que ficassem lá em baixo e que te podes desenrascar sozinha? — continua. — Eles não vão subir também?

Faço uma pausa nos degraus, obrigando-o a parar também. Ainda nem sequer subimos as escadas e já me está a dar cabo dos nervos. Não que se importe, ao que parece. Olho para ele com as sobrancelhas franzidas.

— Estás a vê-los atrás de ti? — Aceno-lhe com a mão atrás dele. Ele não se vira para olhar. Limita-se a sorrir.

— Não.

— Então, aí tens a resposta! Não preciso que os meus capangas me protejam de *ti*. E já que estás aqui, pensei que podiam ficar de fora — explico, impaciente, com a irritação a aumentar.

Ele fica em silêncio por um instante e depois exclama:

— Ah.

— *Ah?* — repito, atónita. — O que quer isso dizer?

— Significa que estás louca, menina. Onde estão esses demónios ou lá como lhes chamas?

Já lhe disse onde estão, mas não interessa. Resmungo e levo-o para o quarto de brincar, cerrando os punhos com força só para não lhe partir a cara.

Lá dentro estão os quatro homens amarrados a cadeiras. Depois de o pessoal ter saído para passar a noite, o Chacal foi procurar mais três cadeiras para eu não ter de lidar com a fuga de ninguém. Apesar de ter inanimado três, dois estiveram inconscientes por pouco tempo e voltaram a mexer-se. O outro queixava-se de não sentir as pernas, só parando quando lhe parti os tornozelos. Depois, calou-se.

Assim que os demónios nos veem, começam a gritar para a fita adesiva que lhes cobre a boca e contorcem-se como pequenos insetos nos seus lugares.

— Eles conhecem-te? — pergunto.

O Zade murmura uma confirmação, olhando para os tornozelos partidos e os rostos vermelhos e suados. Aumentei a iluminação desta sala e desliguei as luzes estroboscópicas. Algo me dizia que o Zade lhes daria um pontapé só para as estragar, e eu não queria preocupar-me em substituí-las para amanhã, quando a feira reabrir.

— De certeza que ninguém os consegue ouvir? — pergunta o Zade, olhando à volta.

— Faço isto a toda a hora.

Olha para mim de soslaio.

— Matas pessoas com frequência?

Encolho os ombros.

— Só os demónios.

Não me interessa divulgar informação a este homem. Ele vai morrer de qualquer maneira. Que importância tem dizer-lhe que mato demónios a toda a hora?

Ele franze o lábio e tem um brilho trocista no olhar.

— Também te chamas a ti própria caçadora de demónios?

O tom desrespeitoso que usa quase me faz perder a paciência. Bato com o pé e grito:

— Não tens piada!

Ele franze uma sobrelanceira perante a minha explosão, mas o brilho no seu olhar não se dissipa. Franzo o lábio. Mal posso esperar para lhe espetar a linda faca nos olhos. Eles não vão estar a gozar comigo quando ele vir a extremidade afiada na sua direção, pois não?

Volto a atenção para os quatro homens, enquanto uma fúria potente me percorre o corpo. Por agora, vou descarregar nos parasitas que se contorcem diante de mim. *Depois*, arranco os olhos do Zade antes de o matar.

O Zade não me dá atenção e caminha em direção ao homem que veio à Feira de Satanás com a mulher. Agacha-se até ficar ao nível dos seus olhos e observa lentamente o homem que se debate.

— Observo-te há algum tempo, Mark — diz em voz baixa. O tom torna-se ainda mais profundo, o que é quase impossível. — Sabes porquê?

Frenético, o Mark abana a cabeça, olhando para o Zade como se fosse um amigo que o traiu.

O Mark grita qualquer coisa, mas a fita adesiva impede que se ouçam as suas palavras. O Zade arranca-lhe a fita da boca, deixando uma marca vermelha no seu rosto. O velho grunhe de dor.

— Zack, não entendo o que está a acontecer. Seja o que for, por favor, não o faças. Éramos amigos!

*Zack? Porque lhe chama Zack?*

— O meu nome não é Zack. Chama-me Z.

À menção da alcunha, os olhos do Mark arregalam-se de forma quase cómica. Como uma daquelas personagens de *anime* com olhos demasiado grandes para a cara.

— ¿? Tu és o Z? O Z?

Reviro os olhos, suspirando de forma dramática. O Zade parece matar pessoas com frequência, mas não compreendo o que tem ele de tão assustador.

Não importa, o Z tem obviamente algum tipo de reputação, e o que quer que seja faz o Mark vibrar de medo, como se um terramoto lhe rasgasse as entranhas.

— O próprio, Mark.

— Olha, Z, não sei o que pensas que fiz, mas estás enganado.

— Estou? — questiona o Zade, num tom seco e aborrecido.

— Estás! Olha, isto é por causa daquele vídeo, não é? Não sei nada sobre isso, juro! Era o meu colega que estava no vídeo.

Ao mencionar o colega, o outro velho ganha vida, o que tem as pernas dormentes. Gritos abafados fazem vibrar a fita adesiva na sua boca, e ele luta contra as amarras com energia renovada. Tem tufo aleatórios de cabelo branco na careca e olha para o Mark com o calor de uma supernova.

— A sério, Mark, vais culpar o Jack pelo teu ritual sádico? Que falta de originalidade! A tua cara pode ser vista claramente, idiota.

Suspiro, aborrecida com esta conversa.

— Sim, nós sabíamos que estes homens eram maus e exploravam raparigas inocentes. Vamos a despachar esta matança, Z — queixo-me.

O Zade olha para mim por cima do ombro e lança-me um olhar de *o que estás à espera?*

— Por favor, começa a matar — diz, acenando com a mão para os outros três homens. — Não me deixes impedir a tua matança de demónios.

*Quase* lhe atiro a faca. O pior é que o idiota fica de costas para mim, o que significa que não se sente ameaçado.

Que grande erro!

Um erro mesmo muito grande.

Decidindo que já não me importo, a raiva apodera-se de mim. Atiro a faca à nuca dele. Com um instinto felino, o Zade desvia-se e a faca acerta no estômago do Mark. Um grito alto e distorcido irrompe da garganta do homem. Sangue vermelho-vivo jorra da ferida.

O Zade vira a cabeça devagar a fim de olhar para mim. Instintivamente, engulo em seco e recuo um pequeno passo. O seu rosto é uma máscara vazia, mas algo sombrio e animalesco brilha no fundo dos seus olhos. É o olhar mais arrepiante que já vi e paralisa-me.

Nunca vi ninguém desviar-se de uma faca sem sequer ver que ela se aproximava. Ou de *onde* vinha.

— Estás bem, caçadora de demónios? — pergunta, arqueando uma sobrancelha. Sempre que ele me lança aquele olhar estúpido, apetece-me esfaquear alguma coisa. Odeio o quão intimidante é essa ação. A forma como a sobrancelha dele se arqueia é tão inegavelmente sedutora como ameaçadora.

— Para de gozar comigo — atiro. Por mais que este homem goste de parecer assustador, tenho a certeza de que não me pode magoar.

— Considera-o um nome de estimação — diz de repente, antes de se virar para trás.

Resmungando, dirijo-me a um dos outros homens que ainda não foi identificado. Não me interessa o nome. Só quero que sangre.

Coloco o meu pé no seu peito e pontapeio-o. Uma explosão abafada soa através da fita adesiva e ele tomba para trás. Com os braços amarrados à cadeira, ele cai de costas, sobre os pulsos. E começa a gritar. Deve ter partido os pulsos.

*Ops.*

A raiva ainda me tolda a visão quando me ponho em cima do corpo dele e lhe enfio a faca no peito e no pescoço. Os outros homens gritam ao ver a morte brutal do amigo.

— Jesus — murmura o Zade.

Não me *importo*. Ele está sempre a gozar comigo, a olhar para mim como se eu fosse maluca!

*Não te atrevas a olhar para mim dessa maneira, Sibel. Pareces louca, e Deus não aceita loucos no seu Reino.*

— Mostro-te uma caçadora de demónios — murmuro sem fôlego, entre mais facadas.

O sangue espalha-se pelo meu corpo: a cara, o cabelo, o vestido já estragado. Os olhos do homem reviram-se enquanto sufoca no próprio sangue.

— Acho que o apanhaste — anuncia o Zade por trás de mim, com um ar um pouco irritado.

*Continuo* sem me importar. Continuo a esfaquear. A faca provoca ruídos húmidos e gorgolejantes. Mudo de trajetória e esfaqueio-o no rosto. A certa altura, o globo ocular fica preso na ponta da faca e salta da cavidade.

Nesse momento, o Mark vira-se para o lado e vomita.

Mal ouço o suspiro que passa pelos lábios do Zade, nem reparo nos passos calmos com que ele se aproxima de mim e agarra o meu pulso.

Atiro-me a ele, furiosa.

— Agora vais impedir-me de matar demónios? — grito, com a voz quase a atingir a histeria.

— Miúda, há muitas coisas para as quais precisas de ajuda séria, mas controlar a raiva está no topo da lista.

O meu olho contrai-se à medida que a raiva se apodera de mim.

Às vezes, fico assim. As coisas mais insignificantes fazem-me explodir e não consigo controlar a raiva pura que me invade. A mamã sempre disse que tinha de manter a calma, não deixar que as pessoas vissem o quanto me afetam. Mas nunca consegui, por mais que tentasse.

O seu aperto no meu pulso ensanguentado intensifica-se quando tento arrancá-lo das suas mãos.

— Olha para mim — exige ele. Obedeço, os meus olhos arregalados fitam-no. O seu rosto desfoca-se. — Larga a faca — ordena a seguir. Tento resistir à vontade de o ouvir. *Não* sou submissa. No entanto, há algo neste homem que me faz querer sê-lo.

— Qual é o teu nome? — pergunta calmamente.

Bufo como um touro enraivecido com uma bandeira vermelha agitada na minha cara.

— Sibel. — Baixo os olhos, lambo os lábios secos e hesito. Olho para ele e digo, sem jeito: — Os meus amigos chamam-me Sibby.

Os olhos dele observam-me. Parece que tenta perceber alguma coisa, mas não sei se gosto disso. O sangue corre-me para o rosto enquanto me observa.

— És uma pessoa interessante, Sibby. Mas preciso que te acalmes. Não posso conduzir um interrogatório em paz quando estás a esfaquear alguém como uma louca, percebes?

Convidar-me a acalmar aumentaria a minha raiva, mas o facto de ele ter usado deliberadamente a minha alcunha, ou seja, considera-me uma *amiga*, acalma-me os nervos. Os meus capangas são tudo o que tenho. Acho que nunca tive um amigo de verdade.

Sobretudo um que não se acobarda perante a minha vocação na vida.

Engulo em seco e, relutante, aceno com a cabeça.

— Já acabaste de gozar comigo? — pergunto, com uma voz mais tímida do que gostaria. Não sei porquê, mas há algo no Zade que me faz querer ouvi-lo, procurar orientação nele. Talvez porque nunca tive um pai de verdade, e o Zade assume um domínio platónico sobre mim que sempre procurei no meu pai, mas nunca encontrei.

Ele sorri e diz:

— Acho que gostei da alcunha que te dei. Mas já não estou a gozar quando a digo — responde, acalmando-me.

Olho-o com atenção, relutante em acreditar. Ele está a dar-me a sua alcunha especial? O coração salta-me no peito e sinto uma espécie de vertigem.

Ele não se dá ao trabalho de tentar convencer-me. Larga-me o pulso, arranca a faca da minha mão e arrasta a ponta no chão até o globo ocular saltar.

Os demónios continuam a engasgar-se, enquanto o observo mecanicamente. Ninguém toca na minha linda faca.

Ninguém.

Ele limpa o sangue nas calças de ganga pretas e devolve-ma.

Os meus dedos envolvem-se lentamente na faca, e olho para ele com um ar estranho. Não faço ideia do que é suposto sentir neste momento.

Ele pisca-me o olho e aproxima-se de novo do Mark.

Aproveito para verificar os dentes. Sorrio triunfante quando vejo o preto a corroer os dentes deste homem. O sinal da decadência.

— Mark, vais dar-me a informação de que preciso? Quero saber onde fazes os rituais — exige o Zade, com a voz desprovida de emoção.

— Z, *jure* que não sei de nada! — lamenta-se o Mark, com o vômito a sair-lhe dos lábios finos.

Calmamente, o Zade agarra-lhe na mão, enfia a ponta da própria lâmina debaixo da unha e arranca-a com um movimento rápido.

O homem grita e o seu rosto fica num alarmante tom de vermelho e roxo.

— Tenta de novo — diz o Zade com firmeza. Ele posiciona a ponta da faca debaixo de outra unha, preparando-se para mais uma mentira.

— Z, não te estou a mentir! — Outra unha, seguida de mais gritos de agonia. O Zade coloca a faca debaixo da unha seguinte. Erguendo lentamente a unha, dá ao demónio tempo suficiente para pensar.

Ele morde o isco.

— *Okay*, espera! Levamos algumas pessoas para um clube subterrâneo. O sangue delas dá-nos um poder diferente de tudo o que já viste.

Os meus olhos arregalam-se e, sem me aperceber, levanto-me de cima do homem morto e aproximo-me da dupla. O Zade lança-me um olhar de aviso para que me afaste, mas de resto não se importa com a minha presença.

— Onde fica esse lugar? — pergunta o Zade.

— Só se acede a ele através de um clube de cavalheiros privado, o Savior. É preciso ter um acesso especial para entrar no clube, quanto mais para ir às... — interrompe, com o sobrolho franzido como se

temesse as próximas palavras. Respira fundo, e uma espécie de aceitação instala-se nos seus olhos. — Para entrar nas masmorras.

*Masmorras?* Que raio de demónios são estas pessoas?

— Sim? E o que acontece nessa masmorra?

O Zade sabe o que eles fazem, mas parece querer a confirmação verbal. Como se precisasse que este homem admitisse os seus pecados. Ou seja, tornar a sua morte mais justificável.

O Mark não gosta da pergunta. Os seus olhos reviram-se nervosamente e a boca vacila, mas não lhe sai qualquer som. Com novo movimento do pulso, o Zade arranca-lhe outra unha.

Sorrio, com a alegria de assistir ao sofrimento deste homem. É reconfortante vê-lo chorar e implorar pela vida.

Súplicas que ficarão sem resposta como as que fizeram aos falsos deuses que dizem adorar.

— Foda-se, Z! Eu... eu... só... — diz, com o suor a escorrer-lhe abundantemente para os olhos. Ele pestaneja, e mais lágrimas deslizam pelas suas faces coradas. Solta um soluço e o Zade posiciona a faca sob a unha seguinte.

— Espera! Eu disse, *espera*, raios! Nós... praticamos rituais. — Fecha os olhos mal a admissão sai dos seus lábios gretados.

A minha boca abre-se quando o Zade grita:

— Porquê?

O Mark franze os lábios, com uma expressão de dor no rosto vermelho.

— É assim que prestamos juramento na sociedade secreta. Temos de realizar um ritual e marcar-nos como filhos dos Eternos Renascidos. Eles são entidades cósmicas e a verdadeira autoridade sobre este mundo.

Uma pletera de emoções desliza pela minha corrente sanguínea. Raiva. Tanta. Nojo, tristeza e até uma pontada de dor aguda quando penso no sofrimento que aquelas pobres crianças estão a passar. Tudo para se juntarem a uma *sociedade* de merda?

— E esta sociedade, trafica crianças? Vendem-nas, violam-nas, torturam-nas e matam-nas?

Acena uma só vez, a culpa a transparecer-lhe no rosto. Não a culpa pelo que fez a almas inocentes, mas sim por ter sido apanhado e estar a sofrer as consequências.

— É só isso que fazes?

— Não, mas é a única coisa que tem uma hipótese de parar, por mais pequena que seja. O resto são operações profundas dentro do Governo, muitas especificamente concebidas para dominar as pessoas e levá-las a pensar que têm algum controlo sobre o que acontece na sua vida.

Ele olha para mim, e uma expressão ilegível transforma o seu rosto. Agora... agora parece mesmo um demónio, completamente sinistro.

— Se fosse a ti, não me preocuparia em salvá-los. Concentrava-me em salvar-vos a vocês.

Dou um passo em direção a ele, preparando a faca para mergulhar em qualquer parte do corpo que alcançar, mas o Zade impede-me. A sua mão levanta-se e lança-me um olhar de aviso por cima do ombro.

Mas consigo ver isso também nos seus olhos em forma de *yin* e *yang*: a raiva e o desejo de torturar este homem até ele implorar pela morte.

— Todos? Praticaram todos este ritual? — pergunta o Zade, dirigindo-se aos outros dois homens. Ele ignora o aviso ameaçador do Mark, mas o que pretendo é perguntar o que quer dizer com isso.

Os outros transpiram, com o cabelo branco colado à cabeça, barbas e queixos descaídos. Têm todos o mesmo aspeto, com ligeiras diferenças. São velhos com tanto dinheiro que se aborreceram com a vida. Já nada os entusiasma.

Exceto pequenas raparigas e rapazes indefesos, e os seus gritos de dor.

— Se mentires, morrerás lentamente. A minha caçadora de demónios e eu temos muitas ideias para tornar as tuas últimas horas nas mais dolorosas da tua vida miserável. — Tremo, pela forma como fala, pela profundidade da voz e como me reclamou como *sua*.

Sorriso muito. Tenho o meu primeiro amigo.

Espero que se dê bem com os meus capangas. Tenho a certeza de que, mal ultrapassem as suspeitas iniciais, eles vão aceitá-lo no nosso pequeno grupo. Como irmão e amigo. Tal como eu já começo a aceitar.

Sou interrompida nas reflexões por outro grito abafado. O Jack tentou negar, mas o Zade respondeu-lhe cravando-lhe a faca profundamente na coxa.

— Isto é só uma amostra, Jack. E tu, Brad? Também gostas de foder crianças?

O Brad, o homem de olhos azul-brilhantes, que falou comigo antes, acena com a cabeça como uma criança apanhada com uma caneta na mão ao lado dos desenhos na parede.

Patético. Um desperdício nojento de carne e órgãos humanos.

Ponho-me de pé. A inquietação toma conta de mim.

— Posso brincar agora, Zade? — pergunto, impaciente.

Ele endireita-se e acena com a cabeça para o Jack e o Brad.

— Diverte-te com esses dois. Tenho primeiro mais algumas coisas para sacar do querido Mark.

— Se não me deixares ir, não te conto mais nada! Nada! — grita o Mark. O acordo é fraco. O Mark sabia desde o início que nunca sairia desta casa assombrada. Só que ainda não está disposto a aceitar o destino.

— És um homem fraco, Mark. Dir-me-ás tudo o que quiser saber quando a dor se tornar demasiado intensa. Morrerás devagar ou depressa.

Ignoro as súplicas e os argumentos desesperados do Mark e volto a atenção para os monstros à minha frente. Quando sentem o meu olhar e o prazer absoluto que já irradia pelo meu corpo, começam a lutar contra as amarras.

A junção entre as minhas coxas fica húmida e, desta vez, não vou permitir que a raiva me consuma. Prolongarei as suas mortes, e também o prazer que me preparará para os meus capangas.

Solto um grito de excitação e começo a cortar. Pinto-me com o sangue dos pecadores.

## CAPÍTULO 11

Entre torturar os demónios juntos, acabar com eles e cortá-los em pedaços, decidi que já não queria matar o Zade.

Nunca acontecera antes, mas senti-me aliviada. Decidi matar o Zade porque sabia que ele era perigoso. No entanto, não cheirava a podre, não como os verdadeiros demónios cheiram. O aroma a rosas queimadas dizia-me que, embora fosse perigoso, não o era para os inocentes.

Tal como eu. Não sei bem por que razão demorei tanto tempo a perceber que ia matar alguém que tem a mesma missão que eu. Nunca me perdoaria.

O Zade foi simpático o suficiente para me ajudar a limpar a confusão. Ele insistiu em tratar dos corpos, por isso, tudo o que tive de fazer foi ajudá-lo a transportar as numerosas partes deles para o seu carro.

Sento-me no capô do seu *Mustang*, a observar os edifícios vazios e os carros espalhados pelo campo aberto. É fascinante testemunhar a transformação da feira, que fica assombrada e desolada quando os visitantes se vão embora e as luzes se apagam. Os mesmos edifícios e atrações que são iluminados com uma variedade de cores parecem agora estar assentes na terra lamacenta há séculos, desprovidos de vida.

— Que idade tens, miúda? — pergunta o Zade por trás de mim. Viro-me para o ver a dar a volta ao capô, depois de ter enfiado os

últimos restos humanos no carro. Ele disse que não confiava em mim para se livrar dos corpos corretamente. E quando lhe disse que os meus capangas tratariam disso, respondeu que o único capanga em quem confiava era nele próprio.

Fiquei atordoada. Como se ele se estivesse a incluir na minha pequena família. Mas, infelizmente, não deu qualquer indicação de que planeia voltar a ver-me.

Encolho os ombros, balançando as pernas. Arrepio-me com a brisa fria que me sopra o cabelo castanho para o rosto.

— Não sei — respondo em voz baixa, afastando o cabelo da cara e pondo-o atrás da orelha. — Tenho de certeza vinte e poucos anos.

Ele franze uma sobrancelha. Apesar dos esforços, continuo a arrepiar-me. Nunca vi ninguém franzir a sobrancelha como ele.

— Não sabes?

Ri-me, divertida com a pergunta.

— Como saberia, tolo?

A sua sobrancelha arqueada desce de uma extremidade da cara à outra. Volto a rir-me.

— Tu... não comemoras aniversários?

Inclino a cabeça para o lado, confusa:

— Porque faria isso?

Ele suspira e encosta-se ao meu lado no metal preto brilhante do carro.

— A data em que nasceste. Que data é essa?

Volto a encolher os ombros.

— Não faço ideia. O papá e a mamã nunca me disseram — respondo. Já ouvi falar de celebrações de aniversário quando estava fora do culto. Fiz questão de aprender muitas coisas, principalmente através da leitura de jornais. As celebrações de aniversário são algo que ainda não compreendo bem.

— Cresci num culto — declaro com firmeza. — Não nasci num hospital, mas sim em casa dos meus pais. Nunca me disseram quando foi isso.

Ele engole em seco.

— Sem celebrações?

Desta vez, o meu riso sai amargo.

— O papá era o único que podia participar em qualquer tipo de celebração, e não foi decerto por eu ter nascido.

Assim que as palavras saem da minha boca, apercebo-me de como soam tristes.

— Sei que as pessoas normais sabem as datas em que nasceram, mas nunca me ensinaram a celebrar um aniversário, por isso, nunca me lembrei de perguntar quando era — explico calmamente.

— Pessoas normais... sim. — Ele diz isso como se não fizesse parte dessa categoria. — Todos os anos celebram mais um ano de vida neste planeta infernal, como se isso fosse motivo de alegria — afirma em voz baixa, com a voz a tornar-se mais profunda.

Parece-me que ele também nunca festejou um aniversário.

— Tu não és normal? — pergunto, com a curiosidade a aumentar.

— As pessoas interessantes nunca o são, caçadora de demónios.

Ele endireita-se e dirige-se à porta do lado do condutor. Quando a abre, tomo isso como a deixa para me ir embora.

— Voltarei a ver-te?

A pergunta faz-me sentir vulnerável. Nem sequer sei porque a fiz, já que hoje é o meu último dia em Seattle. Já passa da meia-noite e o meu tempo nesta cidade está a chegar ao fim. Mas no próximo ano estaremos de volta. Talvez ele se lembre de mim e venha visitar-me.

Ele olha-me fixamente, com o rosto inexpressivo e ilegível.

— Acho que sim, miúda. — Entra no carro, fecha a porta e não diz mais nada. O veículo começa a roncar e as vibrações a subir-me pela espinha. Salto do capô, tentando decidir se quero vê-lo ir embora ou não.

Agora sinto-me ligada ao Zade. Não quero deixá-lo ir, mas sei que tenho de o fazer.

Nunca matara com mais ninguém além dos meus capangas. É indescritível, mas agora sinto uma ligação com ele. Não costumo criar laços facilmente. Mesmo com um cheiro a fogo e enxofre, ele chamou-me amiga.

Mais importante, ajudou-me a matar demónios. E, pelo que parece, ele também planeia salvar aquelas raparigas.

Talvez nem todas as pessoas com almas negras sejam más. Só porque são sombrias, não significa que não possam ser redimidas. Tal não significa que não exista bondade no seu interior.

Resmungo. A partir de agora, vou questionar-me sempre que fizer um julgamento!

Com um sorriso no rosto, caminho em direção à minha casa de bonecas, deixando o Zade ir. Apesar de querer, sei que ele não é um capanga. É um solitário, e tenho a sensação de que gosta de ser assim.

Além disso, os meus capangas adoram brincar comigo, e não me parece que o Zade tenha qualquer interesse em mim desse modo. Atendendo à forma como chegou à minha casa de bonecas esta noite, acho que é seguro assumir que já tem alguém especial.

Não faz mal. Diverti-me na mesma.

Ainda só tinha dado alguns passos quando sou surpreendida por uma luz intensa que me cega. Levanto a mão, confusa com a luz repentina.

— Para onde estás! — Um grito soa por trás da luz. Não consigo ver quem grita comigo, mas parece incrivelmente zangado.

Faço uma pausa, levanto o queixo e cheiro o ar.

Sente-se uma mistura de sujidade e limpeza.

— Sibby! Entra no carro! — grita o Zade atrás de mim. Ele está meio pendurado do carro, com os olhos baixos e zangado.

Olho para trás, em direção às luzes e vejo três carros da polícia estacionados ao acaso no campo. Cinco polícias estão de pé atrás das portas, com as armas levantadas e apontadas a mim e ao Zade.

A tristeza e a raiva consomem-me ao mesmo tempo. A minha raiva dispara em tantas direções que não sei para quem apontar.

O Zade? Ou os demónios que matámos? Será que foi um deles quem alertou a polícia?

Grande parte da raiva é dirigida aos polícias. Estão a tentar arruinar a minha missão! A razão por que fui colocada neste planeta é algo sobre o qual eles acham ter o direito de intervir.

— Sibby — rosna o Zade. — Agora.

Suspiro e volto-me de novo para o Zade.

— Não posso deixar os meus capangas — digo com tristeza, oferecendo um pequeno sorriso.

— Sibby, eles estão...

— Eu disse para parar! — interrompe um agente.

Rosno, virando a cabeça para o agente.

— Vá-se embora! Eu trabalho aqui!

O polícia responde com um grito, mas isso torna-se ruído de fundo quando vejo o Mortis e o Chacal a espreitar pelas janelas. Não vou abandonar os meus capangas. Fizeram *tudo* por mim. E farei qualquer coisa por eles.

— Sibby — insiste o Zade. — Por favor, entra no carro. Se não o fizeres, prendem-te.

Bato com o pé, sentindo-me como se resistisse a todas as ordens que me são gritadas de diferentes direções.

— Zade, não os vou deixar! Vai, enquanto podes. Prometo que eu e os meus capangas vamos ficar bem.

Ele passa a mão pelo rosto, murmurando um gutural «foda-se».

Vejo a decisão assim que a toma. Vai deixar-me. Tal como eu pedira. Embora sinta uma pontada de tristeza, não deixo que ela se instale. O Zade e eu podemos ter erradicado o mal juntos hoje, mas não devemos nada um ao outro.

Além disso, acho que estabelecemos um acordo tácito de não nos denunciarmos.

— Fica bem, caçadora de demónios.

O Zade bate a porta e o carro dá um solavanco. Os pneus levantam montes de terra enquanto ele arranca a uma velocidade vertiginosa.

— Foda-se! — grita um dos agentes. Dois agentes voltam para um dos veículos, fechando as portas um momento antes de o carro acelerar atrás do Zade, com os pneus a derrapar e a levantar mais lama.

Rio-me alto.

Nunca o vão apanhar. Sinto-o nos ossos.

Reparo que os últimos três polícias estão distraídos com a perseguição e arranco em direção à casa.

— Ei! Para aí mesmo ou disparo!

Ignoro-o, sabendo que não vão disparar. Não quando pensam que ainda têm hipóteses de me apanhar.

Assim que atravesso a porta, grito:

— Escondam-se, capangas! — Vejo de imediato os meus homens a esconderem-se no fundo da casa. Rastejo por uma das portas ocultas, fechando-a silenciosamente atrás de mim, quando os restantes três agentes entram.

Foi por pouco.

Deslizo silenciosamente pelos corredores e dirijo-me à escadaria. Aí, os meus homens esperam-me.

O Mortis vem a correr na minha direção, com os olhos arregalados.

— O que raio se passa, Sibby? — sussurra. Os seus olhos vermelhos parecem aterrorizadores à luz fraca.

— Não sei! Acabaram de aparecer — respondo, com os olhos arregalados de inocência. Sabia que os meus homens não estavam contentes por terem sido excluídos desta execução, e isso só aumentou a sua raiva. Nunca os excluíra de uma matança, mas o Zade não os queria na sala.

Tecnicamente, ele já andava atrás daqueles demónios. Se não fosse a minha interferência, ele teria tratado deles sozinho. E facilmente.

E nenhum de nós seria apanhado. Ainda não sei como aconteceu.

No fundo, sei que não foi o Zade. Ele não teria cortado quatro corpos em pedaços, apenas para se denunciar e ser perseguido com um carro cheio desses pedaços. Ou isso significa que um daqueles homens conseguiu enviar algum tipo de sinal de socorro a alguém, ou a mulher do Mark fez queixa. Não tenho a certeza se alguma vez saberei.

— Onde está ela? — ouço um dos agentes perguntar, com urgência e confusão na voz abafada.

As luzes estroboscópicas e os manequins mecânicos ainda estão ligados no resto da casa. A cada poucos segundos, ouço-os proferir insultos ou gritos agudos. Apesar da gravidade da situação, rio-me.

Vou ter de deixar a Feira de Satanás para sempre.

Mesmo que os mate. Há polícias que agora conhecem a minha cara e sabem que trabalho lá. Se não fecharem este sítio de vez, de certeza que vão tomar precauções para se certificarem de que uma pequena boneca não anda a esgueirar-se por entre as paredes.

Eventualmente, podem começar a ligar pessoas desaparecidas à Feira de Satanás, o que os conduzirá a mim. Nos últimos cinco anos, uma rapariga tem assassinado pessoas más, deixando um rasto de corpos mutilados em sepulturas não marcadas.

O meu tempo aqui acabou, e apetece-me zangar-me e gritar.

*Não gosto de mudanças.*

O Baine, o Chacal, o Cronus e o Timothy aproximam-se. A inquietação enche o ar. Eles querem matá-los, e sinto-o. No entanto, dois dos três polícias são inocentes. Eu não mato inocentes, e eles sabem disso.

— Qual é o objetivo de os matar quando vamos ser apanhados de qualquer forma? — pergunto em voz baixa, encontrando o olhar de cada um deles.

— Far-me-á sentir melhor — responde o Mortis secamente, com um sorriso maligno nos lábios. Com a maquilhagem de demónio, parece mesmo aterrador. Não consigo deixar de apertar as coxas ao vê-lo, e a minha rata pulsa constantemente. Não me cheguei a vir mais cedo quando estava a matar os demónios. Não me pareceu correto sujeitar o Zade a isso, sabendo que ele não ia gostar.

— Não vale a pena — diz o Baine calmamente. — Os dois polícias que estão a perseguir aquele... *homem* já te viram a cara. — Ele cospe a palavra como se o Zade o tivesse ofendido. Acho que, de certa forma, foi o que ele fez. — Podem estar a vir mais para cá agora.

Eu aceno com a cabeça, pois já chegara à mesma conclusão.

— Como vamos fugir? — pergunto. A nossa situação pesa-me sobre os ombros. Nunca pensei ter de partir.

O Chacal olha para o lado, como se estivesse a ver através das paredes.

— Eles têm dois carros da polícia lá fora e é seguro dizer que os motores ainda estão a trabalhar. Podemos separar-nos e cada um de nós levar um carro. Assim, não nos podem seguir.

Os meus olhos arregalam-se.

— Não nos podemos separar — protesto com veemência. Essa hipótese envia uma onda de pânico pela minha corrente sanguínea. Podia acontecer alguma coisa a um dos nossos carros e o outro nunca saberia. — Não, não nos vamos separar. Vamos apenas... cortar os pneus ou algo assim.

O Chacal agarra-me na mão, notando o pânico crescente no meu rosto.

— Está bem. Vamos ficar juntos — diz, suavizando os olhos amarelos.

— Eu distraio-os, causo um tumulto enquanto o resto foge. Um de vocês corta os pneus — orienta o Mortis.

Acenamos com a cabeça, o pânico desvaneceu-se, dando lugar à adrenalina. Não sei se já estive num carro. Depois de fugir de casa do meu pai, só conseguia andar. Não tinha dinheiro para transportes públicos e recusava-me a entrar num carro com um desconhecido.

Por mera sorte, a Feira de Satanás estava na cidade quando saí do complexo.

Solto a mão e agarro no braço do Mortis antes que ele se afaste. Puxo-lho até o seu corpo estar pressionado contra o meu. Ele passa a outra mão pela minha nuca e aproxima-se, até encostar a testa à minha.

— Amo-te — sussurro, deslizando os lábios pelos dele. Ele aperta a boca contra a minha com força.

— Também te amo, querida. Tem cuidado e mata-os se for preciso — diz antes de se afastar e sair a correr pelo labirinto de corredores.

O meu lábio treme. Eu e os meus capangas tínhamos uma coisa boa, e estraguei tudo.

— Vamos embora, querida — diz o Chacal em voz baixa enquanto me leva para fora. Aglomeramo-nos à volta da pequena porta que dá para o átrio. Não há nenhum agente à vista, mas não se sabe onde estão neste momento.

Um forte estrondo vem de cima de nós, seguido de um grito agudo.  
— Ei! Volta aqui!

Deixo os meus capangas saírem primeiro, um de cada vez. Demoram muito tempo, mas, finalmente, sigo-os pela porta principal.

O vento cortante bate-me no rosto enquanto corro em direção aos carros da polícia que ainda estão a trabalhar. Puxo da minha linda faca e enfio-a num dos pneus. No entanto, a faca volta a saltar. Estes pneus são mais grossos do que pensava. Cerro os dentes e enfio a faca com toda a força, vangloriando-me quando esta atravessa o pneu. Empurro-a, enquanto o suor me corre pela testa. Um assobio estridente penetra nos meus ouvidos no momento em que o ar começa a sair do pneu.

— Ei! — Ouço um grito vindo de trás de mim. Contorno rapidamente o carro, agora inútil, e dirijo-me para o outro veículo. A porta do passageiro já está aberta e à minha espera, cortesia do Baine, que se instalou ao volante. Mergulho no assento e fecho a porta antes de o carro se inclinar, dando uma guinada enquanto arrancamos.

— VOLTA AQUI!

Estou ofegante, o meu peito treme de excitação e de uma emoção tão forte que solto um grito de riso. O carro balança enquanto atravessamos o campo e entramos na estrada principal.

Ouvimos vozes urgentes pelo rádio no *tablier*. Ouvimos relatos em pânico de que um carro da polícia foi roubado e o outro danificado, acompanhados de linguagem policial que não compreendo. Mas ouço-os dizer que nos dirigimos para leste e que somos perigosos.

Ri-me com a última parte.

Os meus restantes homens estão amontoados no banco de trás, apertados e desconfortáveis, mas com sorrisos de prazer nas caras pintadas.

— Já estiveste num carro, querida? — pergunta o Chacal lá de trás, num tom divertido.

— Não — respondo, com um sorriso trémulo. Com base no velocímetro, vamos quase a cem quilómetros por hora. É simultaneamente excitante e enervante.

O carro desvia-se novamente, o que me leva a olhar para o Baine.

— Já conduziste algum carro? — pergunto-lhe.

Presumo que sim. Nunca tive a oportunidade de aprender a conduzir, mas pensei que os meus homens o tivessem feito.

— Sim, mas nunca estive numa perseguição de carros, por isso, desculpa se estou um pouco nervoso.

Abro a boca para responder, mas apercebo-me de que discutir com ele só vai piorar a condução. Portanto, fecho a boca e deixo-o concentrar-se.

O som das sirenes que ecoa atrás de nós deixa-nos tensos. Seguem-se várias sirenes, até parecer uma avalanche de carros da polícia em fúria.

— Merda, merda, merda — pragueja o Baine.

Luzes azuis e vermelhas piscam no espelho retrovisor, cada vez mais próximas. O Baine carrega no acelerador com força e o carro anda perigosamente de um lado para o outro.

— Baine! — grito. — Mantém o carro direito!

— Estou a tentar, raios! — O suor escorre-lhe pela cara, os nós dos dedos brancos como ossos apertam o volante até ficarem vermelhos.

Os carros da polícia aproximam-se. Remexo-me no banco, rosando quando a visão é obscurecida pela barreira e pela cabeça gorda do Cronus.

— Cronus, baixa a cabeça!

O carro dá um solavanco e sou forçada a virar-me, vendo o automóvel quase sair da berma da estrada e cair numa vala.

Por pouco, o Baine não consegue endireitar o carro.

— Quantos carros vêm atrás de nós? — grito, já sem conseguir tirar os olhos da estrada.

Enfio a cara no espelho retrovisor e começo a contar os carros, quando o Mortis anuncia:

— Seis.

Seis?!

— Foda-se — murmura o Baine, inclinando ainda mais o corpo para o volante.

Demora apenas dois minutos até os polícias quase se colarem a nós. São obrigados a manter uma linha reta, porque há outros carros a passar na outra faixa de rodagem.

O carro dá novo solavanco, e eu sei.

Vamos despistar-nos.

Os nervos do Baine fazem com que perca o controlo do carro.

Inclinamo-nos para a esquerda. O Baine compensa e vira o volante para a direita, tentando colocar-nos de novo no caminho certo. Mas falha. O carro dá um solavanco demasiado rápido e levanta-se de um lado. Viramo-nos de lado, o veículo perde o controlo e balança violentamente, enquanto o Baine continua a tentar virar o volante.

— Baine! — grito assim que o carro é sacudido violentamente. Um segundo depois, ouve-se o som de metal a ser esmagado.

Um deles embateu contra nós!

A minha cabeça vira-se, batendo com força na janela, antes de o carro ser levantado. O meu corpo fica sem peso, batendo no tejadilho, um segundo antes de o meu mundo girar tumultuosamente. Acontece em câmara lenta e, ao mesmo tempo, demasiado depressa.

Capotamos quatro ou cinco vezes, o meu corpo é atirado ao ar sem cuidado antes de cairmos no chão com um choque violento. Os meus ouvidos zumbem e ouço um gemido alto a reverberar no crânio. Passam alguns momentos até perceber que o lamento vem da minha boca.

O carro aterrou na vertical, mas o meu corpo está torcido de forma estranha no banco, com a cabeça junto ao chão do lado do passageiro. Os membros do Baine encontram-se esparramados sobre os

meus, os corpos numa confusão de membros doridos. Gemidos de dor penetram nos meus ouvidos, vindos do Baine e do banco de trás.

Os meus homens!

Tento sentar-me, mas uma dor lancinante nas costelas obriga-me a recuar.

Meu Deus, dói. Nunca senti este tipo de dor. Nem com os castigos do papá.

A minha cabeça lateja e o sangue corre-me para os olhos.

— Baine? — suspiro, forçando-me a levantar. A minha cabeça gira e a visão escurece. A dor está literalmente a cegar-me. Não consigo ver nem ouvir nada além dela. Agarro na cabeça com as mãos ensanguentadas, desejando que a dor cesse para poder ver como estão os meus homens.

Antes de conseguir recuperar o controlo do corpo, este fica de novo sem peso e caio para o lado. Estava encostada à porta do carro quando esta se abriu. Mãos firmes agarram-me os braços, mas sem força. Enquanto me puxam suavemente para fora do carro, ouço gritos e vozes que se filtram.

A realidade atinge-me e entro em pânico com os seus toques.

— Soltem-me! — grito, contorcendo-me. Luzes ofuscantes pintam o mundo de vermelho e azul, mas mal consigo focar a visão.

— Senhora! Por favor, acalme-se! — grita-me uma voz de mulher.

— Os meus homens! Onde estão? — pergunto, ainda a esbracejar. Não os consigo ver, mas ouço a voz do Mortis e um grito de pânico do Timothy.

Outras mãos agarram-me, mantendo-me imóvel enquanto me colocam numa maca. Só então me apercebo de que a mulher é uma paramédica.

— Vamos precisar de a sedar — diz a mulher por cima de mim, a sua voz perdendo-se no tumulto dentro da minha cabeça. Amarram-me o peito e os braços, mantendo-me imóvel. Colocam-me uma cinta à volta do pescoço, impedindo-me de virar a cabeça.

Põem-me as amarras em segundos. Antes que tenha hipótese de procurar os meus capangas.

— Onde estão eles?! — repito, ignorando a dor lancinante, e continuo a debater-me tanto quanto as amarras o permitem.

— Ela está a entrar em choque — ouço outra voz dizer.

Sinto uma pequena picada de agulha, que desaparece antes que eu possa registar o que aconteceu. Continuo a gritar pelos meus capangas, mas não me consigo mexer. *Tenho* de me mexer!

— Vai correr tudo bem, acalme-se — diz a mulher. A tontura consome-me e, de seguida, a escuridão invade-me a vista. Tento pestanejar para afastar a escuridão iminente, mas não consigo lutar contra ela.

A última coisa que ouço é o Mortis a chamar o meu nome antes de eu ser completamente puxada para baixo.



## EPÍLOGO

Bato com o tabuleiro na mesa, assustando algumas pessoas à minha volta e fazendo com que o conteúdo se espalhe pelas mesas brancas.

Que se lixem. Que se lixe esta comida. Que se lixe este sítio.

— Sibel! — grita um guarda do outro lado da sala. Nem olho. Ele não gosta de mim, tenho a certeza. Desde que cheguei a este lugar esquecido por Deus, ele está sempre a observar-me. O demónio encontra sempre uma razão para me meter em sarilhos e mandar de volta para o quarto.

Sei como ele olha para mim. Com medo.

E com razão.

— O quê?! — grito de novo. Sento-me, já irritada. Às seis da manhã, a enfermeira veio ao meu quarto dar-me mais medicamentos. Tomei-os no início. No entanto, deixei de os tomar há uma semana.

Não quero continuar a drogar-me. Quanto mais comatosa me sinto, mais me esqueço dos meus capangas. Eles não me visitam. Não sei o que lhes aconteceu após o acidente. Se ficaram muito feridos ou se algum sobreviveu. A possibilidade de um deles estar morto *quase* me enlouquece.

Ninguém me diz. Talvez tenham sido condenados pelos assassínios ou enviados para o manicómio.

Seja como for, sinto muito a falta deles e não os quero esquecer. Eles eram — *são* — tudo para mim. Se perder algum deles, perderei a sanidade e tornar-me-ei naquilo de que todos sempre me acusaram.

Se eles pensavam que eu era louca antes...

Então eu pertenceria aqui. Num refeitório cheio de pessoas realmente loucas, todas a olhar para mim como se fosse eu a destrambelhada.

— Acaba com isso ou voltas para o teu quarto — ameaçou ele, com um olhar severo no rosto feio. Este homem nunca vai ter sexo. É demasiado feio, com o cabelo loiro oleoso, cor de centáurea, olhos castanhos esbugalhados e cicatrizes de acne na cara. É também demasiado tenso, talvez por ter sido vítima de *bullying* durante toda a vida e agora sentir a necessidade de descarregar em qualquer pessoa que considere inferior. Talvez lhe chupe a pila mais tarde para o relaxar e ele me deixar em paz.

Ignoro-o e, com raiva, encho a colher com um pouco de molho de maçã e enfio-a na boca.

O dia só pode piorar. Hoje tenho outra consulta com a Dra. Rosie. Ela é uma cabra conivente que tenta mostrar-me coisas falsas. Nos últimos três meses, tentou convencer-me de que sou louca. Ela e as enfermeiras falaram algumas vezes em *psicose* grave e *esquizofrenia paranoica*. Após uma semana de observação, a Dra. Rosie diagnosticou-me oficialmente com esquizofrenia paranoica com tendências psicopatas.

Ri-me quando me disse isso.

Não sou *doída*, sou iluminada! Tenho prestado um serviço a este mundo ao livrar-me do mal. Quem mais o faria? Essa é uma pergunta à qual a Dra. Rosie nunca conseguiu dar-me uma resposta direta. Ela repete sempre a mesma coisa. *Não te cabe decidir. Não és juiz nem carrasco.*

Sim, como queiras, cabra.

Mas *sou*. Tenho feito o que os outros não têm coragem de fazer. Farejar e extinguir o mal. E estou a ser castigada por isso.

Enquanto olhava para o meu molho de maçã, senti alguém sentar-se ao meu lado. Ignoro quem quer que seja, pois estou demasiado concentrada no sonho de mutilar todos os empregados deste sítio e fugir.

Sempre que fantasio, vejo-me coberta de sangue e agarrada à minha bela faca, a sair do edifício a correr e a ser recebida nos braços dos meus capangas. Estão todos à minha espera, com grandes sorrisos nos rostos maquilhados. Pegam-me ao colo e demonstram-se muito orgulhosos de mim.

E depois levam-me para longe e mostram-me o quanto sentiram a minha falta com as suas línguas e pilas.

A pessoa indesejada aproxima-se demasiado de mim. Sinto o cheiro a bagas venenosas, daquelas que o papá me mandava colher dos arbustos e cozer em tartes quando considerava um seguidor indigno.

Levanto a cabeça e olho para o intruso. É a Glenda. Ela está a olhar para o meu molho de maçã com um ar contemplativo.

— O molho de maçã fez-te algum mal? — pergunta enquanto as rugas do seu rosto se vincam mais.

É uma mulher idosa. Aparentemente, está aqui desde os dezasseis anos. Há rumores de que matou a família com um machado porque acreditava que estavam possuídos pelo demónio. Cortou-lhes a cabeça e queimou os corpos. Nunca ouvi a Glenda admiti-lo ou negá-lo. Ela não fala sobre isso de todo.

Por alguma razão, está satisfeita neste lugar. É seguro para ela e é tudo o que conhece há, pelo menos, sessenta anos. Acho que tentaram libertá-la várias vezes, afirmando que estava reabilitada e que já não constituía um perigo para a sociedade. No entanto, sempre que tentavam, a Glenda atacava uma enfermeira, mordendo-a até lhe arrancar a carne, podendo assim ficar na sua casa.

Franzo as sobrancelhas.

— Porque perguntas uma coisa tão estúpida? — digo antes de meter mais uma colherada de molho de maçã na boca.

Ela não merecia tal. Esmoreço.

— Desculpa — murmuro.

A Glenda tem um cheiro estranho. Nunca senti o cheiro a bagas venenosas em mais ninguém, mas julgo que ela é como o Zade, como *eu*. Mais uma daquelas pessoas que têm a escuridão a habitar a alma, mas que não são por ela completamente consumidas.

Gostava que mais alguém conseguisse cheirar o mal como eu, só para me dizerem a que cheiro. O papá diria que cheiro a demónio. Era o que mais gostava de me chamar.

*Tresandas a pecado e a maldade, Sibel. Não sei como criei uma abominação destas.*

A Glenda afasta-se, com um sorriso no rosto.

— Não faz mal, filha. Todos nós temos dias maus.

— Dizes isso como se existissem dias bons — murmuro, sentindo a raiva transformar-se em tristeza.

Estou mesmo triste.

— Parecem estar longe agora, mas vais vê-los de novo.

Não respondo. Não acredito numa palavra que saia da sua boca. O que sabe ela afinal? Contenta-se em passar o resto da vida neste buraco infernal, em estar fechada, longe da sociedade, porque é mais fácil assim.

É mais fácil desistir da vida. Não ter vontade de viver. Não sentir desejo de liberdade.

Quero tudo isso e muito mais.

Quero os meus capangas de volta. Quero retomar a missão da minha vida. Quero matar demónios por todo o país. Quero sentir a minha bela faca a mergulhar na carne, a rasgar os músculos tensos e a atingir os ossos. Quero sentir o sangue quente a espalhar-se pelo meu rosto e peito, cobrindo a minha pele como óleo. Depois, quero que os meus capangas me fodam. Como eles faziam.

A Feira de Satanás proporcionou-me um luxo sem igual, que nunca mais terei. É a única feira assombrada itinerante que conheço e, tal como suspeitava, estão a tomar sérias precauções para garantir que ninguém mais lhes passa despercebido.

— Nunca conseguirei sair — sussurro, com o coração a partir-se ao dizê-lo.

Primeiro, passei dois meses no hospital a recuperar de uma concussão grave, de vários ossos partidos, de um pulmão perfurado e de lacerações horríveis por todo o corpo. Estava acorrentada à cama, assustada e sozinha.

Implorei para ver os meus capangas, mas recusaram-me o pedido, mandando-me descansar.

Eles também não me visitam aqui e, depois de ter perguntado à Dra. Rosie se podiam, ela disse-me que falaríamos sobre isso quando começasse a curar-me. Sempre com essa palavra estúpida. *Curar*. Eu *estou* curada.

Estava curada quando cheguei à prisão. E melhorei ainda mais porque consegui matar ali outro demónio.

O meu julgamento vai demorar um pouco, mas, passado um mês na prisão, puseram-me numa instituição mental. Depois disso, fizeram-me um teste psicológico e consideraram que sou louca e delirante. O que mais posso dizer? O demónio cheirava a podridão e a decomposição, e parecia tão giro com uma faca a sair do olho.

— É isso que o teu advogado está a dizer? — pergunta a Glenda, igualmente em voz baixa.

Aceno com a cabeça, enquanto uma única lágrima escorre pela minha face pálida.

Outro aspeto triste: não tenho maquilhagem para me esconder. Aqui, o meu rosto está exposto ao mundo. É como entrar na guerra sem armadura. Sem uma espada e um escudo, nem sequer metal pesado para proteger o corpo.

Sinto-me... vulnerável.

Todos os dias, olho-me ao espelho — do tipo que não se parte, para meu desgosto — e vejo a rapariga em que me tornei. Tenho o rosto pálido, faces redondas, olhos castanho-claros e um nariz torto. Tenho olheiras e os lábios ficaram dolorosamente gretados. O meu cabelo castanho-escuro cai-me sobre os seios e sinto-me tentada a cortá-lo.

Todos os dias olho para o espelho, e a minha mãe olha para mim.

*Pareces-te com a tua mãe. És mesmo minha, Sibel?*

Sempre que ele dizia isso, queria contrariá-lo. Só pela pequena esperança de que me deixasse ir. Mas depois, sabia que ele mataria a mamã por infidelidade. As mulheres de lá só estavam autorizadas a deitar-se com ele.

Detesto parecer um fantasma, e foi por isso que fiquei feliz em cobrir-me com maquiagem. Já nem sequer consigo usar as tranças. Não quando não tenho a cara de boneca pintada e a minha linda faca na mão.

— Eu não quero, mas eles dizem que sou maluca. Sou forçada a alegar insanidade. O advogado disse que o Instituto Willowcreek me proporcionará a melhor vida possível, em comparação com a prisão.

Pelo menos na prisão, poderia continuar a cumprir a missão. As cadeias estão cheias de pessoas más. Se fosse condenada a prisão perpétua, nada teria a perder. Poderia continuar a matar e ainda assim encontrar alguma felicidade. Mesmo que os meus capangas não pudessem estar ao meu lado.

A Glenda fica em silêncio por um momento.

— As pessoas de fora, as que pensam que são normais, não nos compreendem. Nós vemos o mundo como ele é. A Terra tem camadas, tal como uma cebola, e só vivemos numa delas. Nós... *nós* vemos as outras camadas, as energias que existem neste mundo, bem como toda a fealdade e o mal que lhes está associado. Estas camadas são entidades finas e poderosas que podem atravessar as fendas, entrar noutras camadas e provocar o caos.

» Dizem que se encontra tudo na nossa cabeça. Mas acho que eles estão apenas reprimidos. As coisas que vemos não estão na nossa cabeça. Estão à nossa frente. Na nossa vida. E, por vezes, no corpo. Eles simplesmente não conseguem vê-las.

Suspiro. Apesar do que os médicos dizem, *não* vejo nem sinto nada que não esteja lá. A Glenda tem razão. Sei que as pessoas que matei eram más. Sei-o com todas as fibras do meu ser. Consigo sentir o cheiro das suas almas. Consigo cheirar a podridão que os corrói por dentro. E não estou errada por extinguir essas almas podres.

Não estou, não estou, não estou, não estou, não estou...

— Sibby?

Ergo a cabeça. A Glenda olha para mim com uma expressão preocupada gravada nas rugas. Ela não olha para mim como se eu fosse louca. Como as enfermeiras ou o médico fariam e, especialmente, os guardas podres, que nos olham de soslaio como se fôssemos escumalha. Ela olha para mim como se soubesse o que estou a sentir.

— Foste tu que o fizeste? — sussurro.

Ela olha-me fixamente, com uma emoção ilegível a brilhar nos olhos.

— O que fiz, querida?

— Mataste a tua família? Porque eram demónios?

Ela sorri, um sorriso quase cansado.

— Querida, eles não eram a minha família. Eram de Satanás.

Essa é toda a confirmação de que preciso.

A Glenda é como eu. Ela sentiu a podridão. Sabia que era real. E livrou-se deles.

— Ainda bem que estás aqui, Glenda.

Não digo que me considero feliz por estar aqui porque preferia estar noutra sítio. Mas sei que a Glenda é feliz aqui e, como também sou obrigada a ficar, também estou feliz por ela.

Ela dá-me uma palmadinha na mão.

— Se é que vale de alguma coisa, acho que o que fizeste não foi errado.

Abro a boca, mas fico sem saber o que dizer. Sou interrompida antes de conseguir dizer alguma coisa.

— Sibel Dubois, vamos embora! — O mesmo guarda sebo grita o meu nome. Chama-me para ir ver a Dra. Rosie. Suspiro, e a Glenda pisca-me o olho e deseja-me boa sorte.

Não costumava precisar de sorte. Mas ultimamente, sim. Lidar com a Dra. Rosie é uma dor de cabeça, e ela diz que cada sessão é um novo avanço. Se me perguntarem, a única coisa que está a quebrar é o meu autocontrolo para não lhe arrancar os olhos das órbitas.

O guarda acompanha-me até ao gabinete dela, e bate à porta.

*Doutora Aberlyn Rosie* está escrito numa pretensiosa placa dourada na porta. Quero a minha faca bonita para poder gravar a palavra «Cabra» na placa ao lado do nome dela. Só assim seria capaz de aguentar olhar para ela.

— Entra, Sibby — chama. Um arrepio percorre-me o corpo. Ela *não* é minha amiga. Só os meus amigos me chamam assim.

Antes de entrar na sala, lanço ao guarda um olhar de reprovação apenas por existir e porque me faz sentir melhor. A primeira coisa que deteto é um cheiro a madeira. A Dra. Rosie cheira a pinheiros. Enrugo o nariz. Não gosto do cheiro dos pinheiros, gosto do cheiro das flores.

— Não me pode chamar Sibby — reclamo, dirigindo-lhe o olhar. O seu cabelo louro desbotado está preso num rabo de cavalo baixo e os seus lábios estão pintados com batom cor-de-rosa, realçando os olhos azuis estéreis.

Todos os dias, usa uma cor de batom diferente. Ela diz que isso traz algum brilho a um lugar que, de outra forma, seria deprimente. Apetecia-me arrancar-lhe a caneta do bolso do peito e enfiar-lha na garganta por ter dito uma coisa daquelas.

Ela diz isso como se a culpa de ser deprimente fosse nossa. Não, a culpa é *deles*.

As pessoas loucas são as mais interessantes do mundo se lhes permitirmos ser quem são. Medicá-las e drogá-las até se transformarem em *zombies* sem mente deixaria *qualquer um* deprimido, sua cabra estúpida.

— Ainda não nos consideras amigas? — pergunta, num esgar de sobranceiras esculpidas divertido. Ela não parece intimidante como o Zade. Mas apenas que está a tentar parecer gira e a falhar miseravelmente.

Que pessoa patética.

— Não — atiro. — Os amigos não chamam loucos aos outros amigos.

— Sibby... — Perante o meu olhar sombrio, ela aclara a garganta e corrige-se, o seu tom paciente não se deixa abater. — Sibel. Nunca

disse que eras louca. Disse que sofres de esquizofrenia grave e que tens delírios. Há milhões de pessoas com a mesma doença e vivem vidas normais.

*Normal?* Mas o que quer dizer normal? Normal é subjetivo.

— Eu não diria que elas vivem vidas normais, doutora Rosie. Ver coisas que *vocês* não são capazes de ver pode ser normal para elas, mas não é decerto a mesma definição que declarou como normal.

Ela sorri e diz:

— Tens razão, Sibel. Suponho que é inculto da minha parte dizer que a vida deles é normal. — Antes que eu possa dizer mais alguma coisa sobre mim, ela prossegue: — Fala-me dos teus capangas.

A minha sobrancelha semicerra-se, e o meu coração afunda-se. Tudo se afunda.

— Não quero falar sobre eles — rosno.

Ela inclina a cabeça.

— Porquê, Sibby? É porque se foram embora?

Fungo. As lágrimas queimam-me os olhos e cobrem-me as pálpebras. Recuso-me a deixá-las cair. Recuso-me a mostrar qualquer tipo de fraqueza frente à Dra. Rosie. Ela vai devorá-la como um cão esfomeado.

— Sim — sussurro, entre dentes cerrados.

— Porque achas que se foram embora?

Encolho os ombros antes de cruzar os braços e desviar o olhar. Estou a amuar, e tenho o direito de o fazer. Prometeram que estaríamos sempre juntos e abandonaram-me. *Mentiram-me.*

— Provavelmente porque também não queriam ser apanhados.

Ela escreve algo no caderno. A vontade de lhe espetar a caneta no olho regressa com força. Gostava de saber o que escreve sobre mim.

*Louca! Ela está a dizer que sou louca.*

— Sibby, como conheceste os teus capangas?

Suspiro de impaciência, mas não me dou ao trabalho de a corrigir desta vez.

— Na Feira de Satanás, numa pequena cidade do Ohio. Tinha acabado de fugir do culto do papá quando me deparei com a feira itinerante e entrei à socapa numa casa assombrada depois de estar fechado. Como não tinha onde dormir nem um sítio quente, decidi passar uma noite numa das casas assombradas. Ali, encontrei os meus capangas, em cima de um cadáver. Disseram-me que ele era mau, e foi como se o mundo se alinhasse. Eu sabia qual era o meu objetivo na vida, mas também que não devia começar até ter a certeza de que o podia fazer sem ser detetada. Sabe, pelas pessoas *normais*? Os meus capangas ofereceram-me isso. Disseram-me que podia ficar dentro das paredes e fazer os meus julgamentos. Assim que o fizesse, ajudariam a cumprir o seu castigo.

Já lhe contara tudo sobre o culto do papá e como escapei. Há cinco anos que me fartei. Ele acabara de assassinar uma mulher inocente por esta não seguir as suas regras. Já nem me lembro o que fez de errado, pois o papá tinha sempre regras que se contradiziam.

*Uma mulher não pode receber a semente de um homem no seu corpo sem ser casada.*

*Se não beberes o néctar de Deus, serás condenado ao Inferno por toda a eternidade.*

Não fodas sem seres casada, mas se não me chupares a pila, és profana.

Fiquei furiosa quando vi uma mulher inocente morta por causa de um homem louco. Se alguém era louco, era o papá. Ele não estava a ouvir a voz de Deus na cabeça. Estava a ouvir a de Satanás.

Por isso, matei-o. Peguei na mesma faca que ele espetou na orelha daquela mulher e virei-a contra ele. Esfaqueei-o mais de cem vezes, até estar sentada sobre noventa quilos de carne e osso e já não conseguir levantar o braço.

E depois libertei toda a gente. A maioria zangou-se e chorou. Mas vi no fundo dos olhos de todos que também se sentiam aliviados. Estavam apenas zangados por terem de encontrar o seu

próprio objetivo na vida, em vez de seguirem cegamente o objetivo que lhes fora imposto pelo Diabo.

— Os outros funcionários que trabalhavam na casa de bonecas. Algum deles era amigo dos teus capangas? — pergunta a Dra. Rosie, trazendo-me de volta à conversa.

Encolho os ombros.

— Que eu saiba, não. Eram reservados. Faziam o trabalho deles e depois ajudavam-me no meu.

Contei ao meu advogado, com raiva, que tive a ajuda dos meus capangas. Ele disse que ia investigar o assunto, mas desde então recusou-se a falar comigo sobre o que se passa com eles. Se alguma vez foram apanhados ou se há uma caça ao homem ativa para cinco homens perigosos.

Ele diz que preciso de me concentrar em mim agora, e que ele tratará do resto.

Não vale a pena tentar protegê-los neste momento. Eles não me protegeram e as forças da ordem já sabiam que eu tinha ajuda, pois também andavam atrás deles.

— E tu? Algum deles sabia de ti?

Zombei.

— Não, fiquei dentro das paredes. Quanto menos soubessem de mim, melhor. Se ninguém me visse, não poderiam acusá-los de nada, caso eu fosse apanhada.

A Dra. Rosie murmura, escrevendo mais palavras sem sentido no seu caderno de couro. Pergunto-me se será uma daquelas raparigas que escrevem os sentimentos em diários. Será que pega numa caneta para escrever sempre que um paciente lhe chama «cabra»? Será que fala de como não é apreciada no trabalho e que, se pudesse ajudar apenas *uma* pessoa, tudo valeria a pena? Volto a rir-me.

— Sibel, alguma vez viste os teus capangas a interagir com outros funcionários?

Franzo o sobrolho e a testa.

— Porque...

— Pensa nisso. Faz-me a vontade.

A minha irritação aumenta, mas faço-o. Lembro-me de todas as vezes em que estive a trabalhar. Vía os funcionários a olhar para eles, mas passavam sem lhes dirigir a palavra.

Toda a gente parecia olhar sempre através deles. Como se fossem insignificantes. Os meus capangas nunca pareciam reparar ou importar-se.

— Acho que não — respondo finalmente, confusa quanto ao que ela quer dizer com isto. E se os outros não falassem com eles? Talvez os temessem.

— Porque achas que isso acontecia?

Abro a boca, mas não sai nenhum som.

— Que raio de pergunta é essa? — grito, e a minha irritação aumenta. Mas não é só irritação que sinto. É medo também.

O meu coração dispara e a Dra. Rosie olha para mim.

— Achas que eles são reais?

Recuo com os olhos arregalados, surpreendida pela pergunta, mas não espantada. Essa pergunta é exatamente o que temia.

— Porque quer saber isso?

A Dra. Rosie vira-se, como se estivesse a preparar-se para uma longa conversa.

— Sibel. Encontrámos os teus capangas.

Que loucura! Ela está a sacudir-me. Não consigo acompanhar.

— *Okay*, e? — respondo. — Foram detidos?

Os lábios dela apertam-se numa linha fina.

— Sibel — começa ela de novo. — São manequins.

O meu mundo inclina-se sobre o seu eixo. Uma pedra forma-se na minha garganta, crescendo continuamente até sentir a necessidade de a arranhar. Não consigo respirar além dela. As minhas mãos correm para os apoios de braços, agarrando-os com tanta força que as unhas começam a estalar. Tudo gira e a voz da Dra. Rosie está abafada, parecendo que estou presa debaixo de água e que ela grita comigo lá de cima.

— Sibby? Estás comigo? — A voz dela regressa furiosa, alta e abrasiva.

Afasto-me, mas finalmente respiro fundo.

— Isso não é verdade — sussurro. Sinto o peito apertado e não consigo focar os olhos. — Isso não é verdade! — grito, repetindo as palavras.

A Dra. Rosie levanta-se e empurra-me gentilmente para me inclinar. Ouço-a e ponho a cabeça entre os joelhos, tentando apenas respirar. Preciso de arranhar o peito e a garganta. Preciso de rasgar o músculo até ele me deixar respirar de novo. A Dra. Rosie segura-me na mão, lembrando-me que consigo respirar.

Nos minutos que se seguem, o pânico apodera-se de mim como uma sanguessuga. Até que, finalmente, sinto o peito a descontraír e a respiração a acalmar.

Não é a primeira vez que me encontro nesta situação no consultório da Dra. Rosie. É por isso que odeio vir aqui.

— Está enganada — suspiro, com a respiração ainda irregular e agitada.

A Dra. Rosie suspira e regressa à sua cadeira.

— Sibel, hoje já tiveste o suficiente. Continuamos na próxima semana.

— Não! — grito, endireitando a coluna. Fico zozna, mas aguento até o rosto vazio da médica se voltar a focar. — Explique-me o que quer dizer. Agora.

Ela olha para mim, parecendo contemplar se deve continuar. Suspira novamente, mas faz-me a vontade.

— Todos os homens que correspondem à descrição dos teus capangas são manequins. São manequins mecânicos, mas não estão vivos.

Abano a cabeça; as lágrimas que tanto tentei conter correm-me pelas faces. Ela está a mentir. Só pode ser. Vi-os com os próprios olhos. Toquei-lhes. Beijei-os. Falei com eles. Durante cinco anos! O Zade... Ele viu-os, não foi?

— Mas nós... nós estávamos *juntos* — insisto, limpando o ranho do nariz. — *Senti-os*.

A Dra. Rosie mantém a expressão neutra, mas nos seus olhos azuis brilha algo como simpatia. Ainda quero esfaqueá-los. Agora mais do que nunca.

— Foram encontrados vestígios do teu ADN nos manequins, Sibby. Junto com brinquedos sexuais.

Recuo mais uma vez.

— Nunca usei isso na vida! — exclamo, atónita com as implicações que daí advêm. Sinto o sangue a subir-me às faces e zango-me por ela me ver embarçada. Nunca me senti envergonhada.

— Acha que as pessoas não iam reparar que andava com manequins e os fodia? — pergunto, enojada com as suas implicações.

Ela suspira.

— Tens uma doença complexa. É impossível dizer como foram as tuas ações, mas é seguro afirmar que a maioria das interações com os teus capangas foram alucinadas. Suspeito que, depois de algumas horas, quando quiseste sentir uma ligação mais forte, interagiste fisicamente com os manequins.

» De resto, não há provas de que os tenhas transportado. Não foram encontrados no carro da polícia que roubaste e nenhum dos funcionários viu os manequins desaparecerem durante o horário de funcionamento.

Abano a cabeça. As memórias são tão reais. Tão vivas. Não há maneira de o ter imaginado. *Flashbacks* de todas as formas como me tocaram. Rimos, chorámos e matámos juntos. E ela diz-me que todas essas memórias são falsas, que inventei as interações. Isso não é possível.

— Estavas a ter alucinações auditivas, visuais e somáticas — continua ela, num tom clínico. — Vias, ouvias e sentias coisas que não estavam lá. Viste os manequins e deste-lhes vida na tua cabeça. Estavas sozinha, assustada e perdida, Sibby. — Desta vez não a vou corrigir. O que ela está a descrever é o que sinto agora. — Então,

para te confortares num momento de solidão, criaste amigos imaginários, inspirados nos manequins da casa. Eram apenas fruto da tua imaginação.

Pestanejo, chocada com a sua estupidez.

— Então, quem enterrou os corpos? Quem limpou a porcaria? Os meus capangas faziam isso.

— Foste *tu*, Sibel. Eram apenas uma extensão de ti. Na realidade, tu fazias tudo. Desassociaste-te dos atos porque estavas convencida de que eram os teus capangas quem os praticava.

Na minha mente, passam imagens sem sentido. Vejo uma pá na minha mão a cortar a terra e a relva. As minhas mãos estão cheias de bolhas. O suor a escorrer-me pela cara e pelo pescoço enquanto encho sacos com restos humanos e os atiro para buracos.

Mais imagens. Derrubar um manequim para que os polícias se distraíssem e depois descer as escadas a correr. Entrar no carro, com o volante do condutor agarrado às minhas mãos. A sensação estranha de controlar um carro...

Apenas vislumbres esporádicos sem qualquer sentido. Nenhum. Eram os meus capangas a fazer aquelas coisas... Ela só está a tentar confundir-me.

*Tem* de ser isso. A tentar fazer-me sentir maluca para me manterem fechada neste inferno para sempre.

Limpo as lágrimas da cara com raiva, olhando para ela através de uma visão turva.

— O que mais era falso, afinal? As pessoas que matei também eram falsas? Está a dizer que não eram demónios?

A Dra. Rosie abana a cabeça lentamente.

— Eram pessoas bem reais, Sibby. Eram humanas. Os cheiros que associas às pessoas são alucinações olfativas, e a crença de que eram demoníacos não passava de ilusão. Desconfio que o trauma do teu pai e a tua ligação ao culto desencadearam isto. Devido à extensão dos abusos que ele te infligiu, suspeitamos que causou danos graves no teu cérebro. Ele era um homem extremamente

doente e submeteu-te a abusos terríveis. O teu cérebro protegia-te da única forma que conhecia.

— Quando mataste o teu pai, ele tinha-te feito uma lavagem cerebral com as próprias ilusões. A combinação de danos cerebrais com a lavagem cerebral dele levou-te a criar os teus delírios e alucinações. Acreditavas que essas pessoas eram demónios e que conseguias cheirar o mal nelas ou a pureza nos outros. Era assim que justificavas os massacres.

» E o teu pai *era* mau, Sibby. Por isso, quando o mataste, sentiste que fazias a coisa certa. E que era o teu objetivo continuar nesse caminho.

Abano a cabeça, e continuo a abaná-la, inflexível, porque ela não compreendeu nada. A única coisa em que tem razão é no pai me ter causado um traumatismo craniano grave. Uma noite, bateu-me de forma tão brutal que fiquei de cama durante meses e tive de pagar a um médico para me vir ver diariamente. Ele tinha um jeito especial para me dar pontapés na cabeça, por isso, o papá causou algum tipo de danos, o que não é surpreendente.

Mas está enganada quanto ao resto. Sei disso tanto como sei que os meus capangas são reais.

— Então, está a dizer-me que as pessoas que matei não eram más?

Os detetives começaram a investigar as pessoas desaparecidas em todos os locais onde a Feira de Satanás esteve nos últimos cinco anos. Encontraram vários corpos e ligaram-nos a mim, mas ainda não os descobriram todos. Alguns estavam demasiado decompostos e outros foram demasiado destruídos pelas minhas mãos para que fosse possível obter ADN.

Mas sabem que fui eu quem os matou todos.

— Algumas das pessoas que conseguiram identificar tinham antecedentes. Mas muitos eram crimes menores. Não há maneira de sabermos se eram maus como tu dizes.

Continuo a abanar a cabeça.

— Os meus capangas são reais — digo de forma patética. — E essas pessoas eram más. *Sei* disso. O namorado da Jennifer violou-a! Ovi-o da boca dela, e ele confessou-o antes de morrer!

A Dra. Rosie acena lentamente com a cabeça.

— Jennifer Whitley?

Ao acenar em confirmação, ela escreve algo no bloco.

— Não sei se é verdade ou não, mas não importa, Sibby. Mesmo que cada um deles fosse uma pessoa má, não era para agires de acordo com isso. Sabes disso, não sabes?

As palavras magoam-me, mas em vez de reagir com raiva, respiro fundo e enxugo as lágrimas. As palavras da Glenda voltam à minha mente. Posso não ser normal, mas isso não significa que seja louca. Isso não significa que o que estou a ver não seja real. A Dra. Rosie não consegue ver nem cheirar as coisas que eu consigo. Ela não foi abençoada com os dons que eu recebi. Só tenho de me lembrar disso. Não importa o que ela me diga, está errada. É ignorante.

Como podes dizer-me que não estou a ver o que estou a ver só porque também não consegues ver? Porque podem as pessoas míopes dizer o que é e o que não é?

Lenta, mas seguramente, acalmo-me.

— Eles são reais — digo com convicção.

— Nós somos reais — sussurra uma voz familiar. Viro a cabeça na direção da voz e suspiro quando os meus olhos se encontram com uns olhos vermelhos que me são familiares.

*Mortis.* Está de pé no canto da sala, atrás da Dra. Rosie. Vestido com a sua pintura vermelha e lentes de contacto vermelhas. Um sorriso pequeno e conhecedor no rosto.

— Vês alguma coisa, Sibby? — pergunta a médica, franzindo as sobrancelhas. Desloco o olhar para ela e esforço-me por manter a expressão impassível.

— Não me pode chamar Sibby — respondo.

— Eles tentaram livrar-se de nós — diz o Mortis, afastando-se da parede e aproximando-se da Dra. Rosie. Lenta e meticulosamente. Ela não o reconhece. Em vez disso, olha para mim com um ar duro.

— Deixaste de tomar os medicamentos, Sibby?

Aceno com a cabeça, com um pequeno e impercetível baixar do queixo para afastar as suspeitas da médica sentada à minha frente.

A observar e a analisar. Tentando perceber-me e compreender-me. Ela é como todos os outros. Acha que sou louca.

O Mortis está atrás dela. O sorriso no rosto dele aumenta enquanto pousa as mãos vermelhas nos ombros dela. No entanto, ela ainda não o reconhece. Nem parece sentir que ele a está a tocar. Continua a olhar para mim.

— Sei como nos tirar daqui, Sibby. Sabes o que fazer — diz ele, apontando para a caneta no bolso do peito dela.

— Fá-lo. Depois, podemos ser livres e estar todos juntos outra vez.

Um sorriso lento espalha-se pelo meu rosto.

A Dra. Rosie inclina-se para a ponta da cadeira, agora com um ar mais alarmado. Estás a ver? Ela consegue sentir a morte, tal como eu consigo sentir o mal que nos rodeia diariamente.

— Sibby? O que se passa?

Levantando-me, digo:

— Chiu. Vai acabar tudo em breve, doutora Rosie.

Obrigada por ler *A Feira de Satanás!*

Espero que tenha achado a Sibby tão fascinante como eu.

## **PARA OS MEUS LEITORES**

Independentemente do que este livro vos tenha feito sentir, ficaria grata se considerassem deixar uma crítica na Amazon ou no Goodreads. O bem-estar dos autores centra-se nas vossas emoções e nos vossos pensamentos, e adoraria ouvi-los. As críticas e a partilha do vosso amor significam muito para mim e para os autores em geral.

Querem espreitar, receber ofertas exclusivas e brindes?

Juntem-se ao meu grupo do Facebook H. D. Carlton's Warriors ou subscrevam a minha *newsletter*



## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, e acima de tudo, como sempre, quero agradecer-vos. Aos meus leitores. Não seria nada sem qualquer um de vocês, e amo-vos e aprecio-vos a todos. Obrigada do fundo do coração pelo amor e apoio que me dão todos os dias.

Em segundo lugar, quero agradecer à minha família por ser o melhor sistema de apoio que alguma vez poderia pedir. Acho que não estaria onde estou hoje sem vocês.

Adoro-vos muito, minhas leitoras alfa, May e Amanda. São os meus pilares. E obrigada por me apoiarem e amarem tanto.

Os meus leitores beta são o máximo. A sério. Este livro não seria o que é sem vocês. A vossa perspicácia ajudou a tornar *O Jogo de Satanás* perfeito.

Sarah, tornaste-te muito importante para mim! Obrigada por editares os meus livros e por os tornares perfeitos. És uma pessoa fantástica em quem me posso apoiar, e estou-te eternamente grata.

